

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

F

Fabricante de tendas, Faca, Faium, Falcão, Falsos cristos, falsos messias, Falsos profetas, Faraó, Farinha, Fariseus, Fé, Febre ardente, Feitiçaria, FEL, Felix, Antônio, Fenice, Fenícia, Fenícios, Fênix, Feno, Fereseus, Fermento, Ferreiro, Ferreiro, Ferreiro, Ferro, Festa da Colheita, Festa das Luzes, Festa dos barracas, Festa dos Tabernáculos, Festas E Festivais De Israel, Festival, Festival das Trombetas, Festo, Pórcio, Fiandeira, Fiar, Ficol, Fidelidade, Fígado, Figo, figueira, Filactério, Filadélfia, Filemom (Pessoa), Filemom, Carta A, Filha, Filha do Faraó, Filho De Deus, Filho Do Homem, Filhos de Deus, Filhos do Éden, Filhos Do Trovão, Filhos e filhas de Deus, Filipe, Filipenses, Carta aos, Filipos, Filístia, filisteus, Filo, Judeu, Filosofia, Finanças, Fineias, Firmamento, Flagelo, Flauta, Flecha, Flor, Fluxo De Sangue*, Fogo, Coluna de, Fogo, Lago de, Fome, Forasteiro, Forca, Formiga, Fornalha, Fornalha, Fornicação*, Forte, Fortificação, Fortunato, Fórum, Franja, Fraqueza, Frígia, Frontal, Fruta, Fruto do Espírito, Furúnculo, Fute, Futilidade*

Fabricante de tendas

Artesãos que faziam tendas a partir do tecido feito com o pelo de cabras. O termo grego para fabricante de tendas pode ter descrito uma variedade de atividades em tecido e couro. A única referência bíblica ([At 18.3](#)) é a Áquila e Priscila de Corinto. Eles trabalhavam como fabricantes de tendas. O apóstolo Paulo juntou-se a eles porque tinha sido treinado no mesmo ofício. Ele ganhava a vida regularmente com esse comércio durante suas viagens missionárias ([2Co 11.7-10](#); [1Ts 2.9](#); [2Ts 3.8](#)).

Faca

Pequeno instrumento de corte portátil, com um ou dois gumes, geralmente feito de sílex ou metal.

Faium

O maior oásis do Egito, localizado a cerca de 112 quilômetros a sudoeste de Cairo. No centro está o Lago Qarun, o único grande lago interior do Egito, que atualmente cobre 144 quilômetros quadrados, tem cerca de 5,2 metros de profundidade e possui uma superfície de 44 metros abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. O Lago Qarun é cercado por cerca de meio milhão de acres de terras agrícolas. Nos tempos antigos, Qarun era evidentemente muito maior do que é hoje.

Muitos escritores antigos, seguindo o historiador grego Heródoto do século V a.C., acreditavam que o lago, que tornou o Faium possível, era uma construção artificial. No entanto, investigações modernas concluíram que ele era alimentado por nascentes. Em algum momento após 2000 a.C., durante o período do Médio Império do Egito, um canal foi escavado com comportas para conectar o Lago Qarun ao Rio Nilo. Governantes desse período também construíram um sistema de irrigação e colocaram grande parte da área sob cultivo.

A prosperidade do Faium declinou quando Ramsés II e outros usaram os edifícios da área como pedreiras. Os Ptolomeus restauraram sua prosperidade durante os séculos III e II a.C., quando muitos colonos gregos chegaram. Além da exploração dos monumentos do Faium, arqueólogos desenterraram grandes quantidades de literatura em papiro escrita em grego. Esses papiros ajudaram a esclarecer o significado de algumas palavras usadas no NT.

Falcão

Uma ave de rapina (um tipo de ave que caça e come outros animais). Os falcões são conhecidos por sua visão extremamente aguçada. O Antigo Testamento os lista como cerimonialmente impuros para consumo ([Lv 11.14](#); [Jó 28.7](#)).

Veja Aves (francelho ou falcão).

Falsos cristos, falsos messias

Um falso Cristo ou falso Messias é alguém que erroneamente afirma ser o líder escolhido por Deus (o Cristo ou Messias). Jesus alertou sobre falsos messias em seus ensinamentos sobre o futuro, conforme registrado em [Mt 24.24](#) e [Mc 13.22](#).

Jesus ensinou seus seguidores sobre o que aconteceria no futuro. Ele lhes disse que o templo em Jerusalém seria destruído. Ele também os alertou de que enfrentariam pessoas que tentariam enganá-los e tratá-los mal. Ele especialmente os advertiu sobre os tempos difíceis que viriam quando o templo fosse destruído. Durante esse tempo, eles não deveriam acreditar em pessoas que falsamente alegassem ser o Salvador Prometido ([Mc 13.21-23](#)).

Esses falsos mestres diriam coisas como "O Messias está aqui!" ou "O Messias está ali!" ([Mc 13.21](#)). Eles até realizariam sinais milagrosos para tentar enganar o povo escolhido de Deus. Mas Jesus ajudou a preparar seus seguidores ensinando-lhes que antes de ele retornar como o divino Filho do Homem, haveria sinais no céu ([Mc 13.24-25](#)). Quando ele retornar, todos poderão ver seu poder e glória.

Da história, sabemos que os ensinamentos de Jesus ajudaram os cristãos a escaparem de Jerusalém antes de sua destruição junto com o templo em 70 d.C. Seus ensinamentos também os ajudaram a evitar serem enganados por pessoas que falsamente afirmavam ser o Messias. Hoje, os cristãos continuam a esperar que Jesus retorne em glória como o Filho do Homem.

Veja também Anticristo.

Falsos profetas

Veja profetas, falsos.

Faraó

O governante do Egito também era conhecido como "o Rei do Alto e Baixo Egito". Ele vivia em um palácio conhecido como a "grande casa", que simbolizava sua autoridade. A palavra egípcia para palácio foi aplicada aos próprios reis durante o Novo Reino (c. 1550–1070 a.C.). Como rei, o Faraó personificava o governo dos deuses sobre o Egito. As dinastias 18ª e 19ª frequentemente usavam o

termo "Faraó" sem mencionar o nome real do Faraó.

O título não era usado oficialmente. Em vez disso, era uma designação popular para o rei. No AT, o título era usado para se referir a homens que viveram em diferentes períodos históricos. Eles eram representantes de várias dinastias. O uso da designação real sem o nome era suficiente para o período em que o Faraó governava ou para pessoas que conheciam o Faraó. Para nós hoje, muitas vezes é difícil determinar quem era o Faraó em um determinado período e em qual período dinástico ele governou.

No AT, o título Faraó aparece sozinho ([Gn 12.15](#)), assim como com a descrição adicional "rei do Egito" ([Dt 7.8](#)), e o nome do Faraó, como Neco ([2Rs 23.29](#)). O Faraó era considerado um representante dos deuses Rá e Amon na terra. Eles mantinham a ordem divina no Egito e apoiavam os templos. A posição do Faraó como chefe de estado civil e religioso lhe conferia uma autoridade única. Ao contrário de seus homólogos nas nações vizinhas, a autoridade do rei egípcio não era facilmente abalada por insurreições.

É difícil identificar os faraós durante o período dos patriarcas. Abraão e José tiveram relações com os faraós do Médio Reino e do Segundo Período Intermediário. Além disso, a identidade do Faraó da opressão dos israelitas e do Êxodo não está satisfatoriamente resolvida. Aqueles que defendem a datação antiga do Êxodo veem Tutmés III como o Faraó que iniciou a opressão dos israelitas no Egito ([Êx 1.8](#)). Nesta visão, Amenófis II (c. 1440 a.C.), que sucedeu Tutmés após sua morte ([2.23](#)), é o Faraó do Êxodo. Outra visão é que a opressão começou sob a 18ª dinastia e continuou até a 19ª dinastia. Nesta visão, Ramsés II é o Faraó do Êxodo (c. 1290 a.C.).

Durante a monarquia unida, a posição de Israel como uma potência internacional cresceu. Davi subjugou as nações nas zonas fronteiriças de Israel. Quando Joabe tomou Edom, um príncipe edomita, Hadade, fugiu para o Egito para encontrar proteção na corte do Faraó. A 21ª dinastia governava no Egito durante o tempo de Davi, e pode ser que o Faraó Siamun tenha acolhido Hadade como uma arma política a ser usada contra a crescente força de Israel ([1Rs 11.14-22](#)). O Faraó Siamun possivelmente também pode ser identificado com o Faraó que fez uma incursão na costa filisteia, conquistando Gezer para ser dado como dote a Salomão no casamento de sua filha com Salomão ([3.1-2](#)). Com o colapso da unidade de Israel, o

Faraó Sisaque (Shishong I) da 22ª dinastia fez uma campanha contra Judá e Israel e levou muitos despojos com ele ([14.25-26](#)).

O Faraó Neco derrotou as forças judaicas em Megido, matando o rei Josias em combate ([2Rs 23.29](#)). O último rei de Judá (Zedequias) esperava em vão por ajuda do Egito, onde o Faraó Hofra da 26ª dinastia governava. O profeta Ezequiel falou duramente contra o rei do Egito: “Diga que o SENHOR Deus está dizendo isto ao rei do Egito: ‘Eu estou contra você, crocodilo monstruoso deitado no rio... Ali eles serão um reino pequeno, o mais fraco de todos, e nunca mais dominarão outras nações. Eu os diminuirei tanto, que não serão capazes de dominá-las’” ([Ez 29.3,14,15](#), NTLH). Sob o regime persa, o poder dos faraós diminuiu, cumprindo a palavra profética.

Veja também Egito, Egípcio.

Farinha

Uma substância em pó, fina feita moendo os grãos internos do trigo. Na Bíblia, a farinha era usada na panificação e também para ofertas de cereais ([Lv 2](#)).

Veja Alimentos e preparação de alimentos.

Fariseus

Seita religiosa ativa na Palestina durante o período do NT. Os fariseus são consistentemente retratados nos Evangelhos como os antagonistas de Jesus. É comumente sustentado que os fariseus representavam o judaísmo dominante no início do primeiro século e que eles foram caracterizados por uma variedade de características moralmente objetáveis. Assim, a maioria dos dicionários bíblicos e obras semelhantes de referência descrevem os fariseus como gananciosos, hipócritas, sem senso de justiça, excessivamente interessados em cumprir os detalhes literais da lei e insensíveis ao significado espiritual do AT. Essas e outras características são, além disso, vistas como dando forma ao judaísmo de forma mais geral.

Há vários problemas com esta percepção comum do judaísmo farisaico. Em primeiro lugar, os próprios Evangelhos dão algumas informações importantes que parecem inconsistentes com esta visão. Segundo, os documentos primários do judaísmo rabínico (como a Mishná, o Talmud, e os

Midrashim) são positivos e louváveis. Terceiro, tornou-se cada vez mais claro, especialmente desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, que antes de 70 d.C., os fariseus constituíam apenas um pequeno movimento em uma sociedade altamente diversificada; qualquer que seja sua popularidade e influência, eles dificilmente podem ser tomados como representantes do judaísmo em geral.

Origem

As origens dos fariseus são obscuras. De acordo com a tradição judaica, o judaísmo farisaico (= rabínico) pode ser rastreado até Esdras e os começos do movimento dos escribas no quinto século a.C. No extremo oposto, alguns estudiosos argumentam que, uma vez que não há referências explícitas aos fariseus em documentos históricos antes do segundo século a.C., o farisaísmo apareceu de repente após a revolta dos Macabeus (167 a.C.). Muitos especialistas tomam a posição de que talvez já no terceiro século a.C. se possa encontrar evidências de uma forma incipiente de farisaísmo (como em A Sabedoria de Josué [Jesus] ben Sirach, também conhecido como Eclesiástico). Pode muito bem ser, além disso, que as atividades intelectuais associadas com a obra dos escribas tinham algo a ver com o desenvolvimento dos fariseus. Também é provável que antes da revolta dos Macabeus, alguns interesses farisaicos distintos apareceram em conexão com o desenvolvimento dos Hasidim (“os fiéis” — tradicionalistas que se opuseram à influência grega na sociedade judaica).

De acordo com uma interpretação popular e razoável, os hassidins ficaram desiludidos com os governantes macabeus, que violavam as sensibilidades judaicas em vários aspectos. Alguns dos hassidim se separaram da nação e se desenvolveram em seitas não-conformistas, como a dos essênios. Aqueles que permaneceram tentaram exercer sua influência na vida judaica e se desenvolveram na seita dos fariseus.

Os fariseus, sem dúvida, desempenharam um papel significativo nos assuntos judaicos durante o século seguinte, mesmo que às vezes eles tivessem pouca influência política. Nos tempos do NT, eles eram amplamente reconhecidos como líderes religiosos. Josefo, que nos diz que ele pertencia a esta seita, escreveu no final do primeiro século d.C. que os fariseus eram “extremamente influentes entre os habitantes da cidade; e todas as orações e ritos sagrados de adoração divina são realizados de acordo com sua exposição. Este é o grande tributo

que os habitantes das cidades, praticando o ideal mais alto tanto em seu modo de vida quanto em seu sermão, pagaram à excelência dos fariseus” (*Antiguidades* 18.15). Não podemos determinar se esta descrição se aplica ao período antes de 70 d.C., mas as evidências dos próprios Evangelhos confirmam isso em certa medida. Por exemplo, a parábola do publicano e do fariseu ([Lc 18.9-14](#)), enquanto condena o fariseu, faz sentido apenas se apreciarmos a reversão de papel que ela anuncia: o publicano ímpio, não o geralmente considerado como justo, vai para casa justificado.

Características básicas

Não é possível dar uma caracterização precisa dos fariseus, uma vez que os estudiosos discordam fortemente sobre sua distinção fundamental. Alguns enfatizam a noção de “separação”, em parte com base na suposta etimologia do nome (do hebraico *parush*, “separado”, embora outras sugestões tenham sido feitas). Um ponto de vista mais cuidadosamente variado chama a atenção para o interesse dos fariseus com a pureza ritual (cf. [Mc 7.1-4](#)). Algumas das evidências indicam que os fariseus desejavam aplicar os rituais sacerdotais às pessoas em geral (este fator pode ajudar a explicar a relativa facilidade com que os fariseus se adaptaram à ausência do templo e seus sacrifícios após 70 d.C.). Ainda outra posição vê os fariseus como a classe de estudiosos. A conexão próxima entre eles e os escribas (especialistas na lei) confere credibilidade a esta visão, assim como o fato de que grande parte da literatura rabínica posterior reflete uma busca intelectual, especialmente em suas argumentações lógicas detalhadas sobre o significado e aplicação da Torá.

Essas várias abordagens não são mutuamente exclusivas. Além disso, parece haver um acordo generalizado sobre uma convicção teológica que era fundamental para o farisaísmo, a saber, seu compromisso com a noção de uma lei dupla: a Torá escrita (o AT, principalmente o Pentateuco) e a Torá oral (as tradições transmitidas através de muitas gerações de rabinos). Esta é certamente uma característica que os distinguiu dos saduceus (cf. *Antiguidades* de Josefo 13.297-98). Estes últimos aceitavam apenas a autoridade dos livros de Moisés e argumentaram fortemente que a importância de que os fariseus atribuíam às tradições orais representava uma inovação injustificável. Essas tradições, que tentavam regular as vidas das pessoas diante de Deus, se tornaram cada vez mais detalhadas ao longo do tempo e foram eventualmente reunidas e escritas

como um único documento, a Mishná (datada de c. 210 d.C.). Em algum lugar em seu desenvolvimento, a visão surgiu de que a própria lei oral havia sido dada por Deus a Moisés e, assim, compartilhava a autoridade divina com as Escrituras.

Um olhar minucioso para o NT ajuda a entender que esta característica mais do que qualquer outra coisa explica a natureza do conflito entre o ponto de vista farisaico e a mensagem do evangelho. O apóstolo Paulo, por exemplo, enfatiza a distinção de sua pregação apostólica contrastando-a com “as tradições dos pais”, que ele zelosamente perseguiu em sua juventude ([Gl 1.14](#)). Especialmente instrutiva é a passagem chave em [Mc 7](#), onde está escrito que os fariseus se queixaram a Jesus: “Por que seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos anciãos em vez de comer sua comida com as mãos ‘suas’?” (v. [5](#), NVI). A resposta de Cristo contraria sua crítica com um sério indiciamento: “Vocês abandonaram os mandamentos de Deus e estão se apegando às tradições dos homens. . . Assim vocês anulam a palavra de Deus por sua tradição que vocês transmitiram” (vv. [8,13](#); cf. [Mt 15.1-6](#)).

A importância que os fariseus atribuíam às suas interpretações da lei comprometeu a autoridade da própria revelação de Deus. Para piorar as coisas, a genialidade dessas interpretações era distorcer a doutrina da graça relaxando os padrões divinos. O próprio exemplo usado por Jesus em [Mc 7.10-12](#) indica que uma regulamentação rabínica — o Corbã — tornou possível que as pessoas ignorassem o quinto mandamento e se sentissem justificadas ao fazê-lo.

Os regulamentos farisaicos eram numerosos e agravantes, mas pelo menos eles poderiam ser cumpridos. Aqueles que seguiam escrupulosamente as tradições rabínicas estavam em perigo de concluir que sua conduta satisfazia as demandas de Deus (cf. a descrição de Paulo de sua própria atitude pré-conversão, [Fp 3.6](#)). E um senso silenciado do próprio pecado anda de mãos dadas com um falso senso de segurança espiritual; a necessidade de depender da misericórdia de Deus não parece mais crucial. Este é, claro, o ponto da parábola do publicano e do fariseu ([Lc 18.9-14](#)). Em contraste, Jesus pede uma justiça muito maior do que a dos fariseus: “Sede perfeitos, como seu Pai que está no céu é perfeito” ([Mt 5.48](#); cf. v. [20](#)).

Veja também essênios; judeu; judaísmo; saduceus; Talmud; Torá; Tradição; Tradição, Oral.

Fé

Crença naquilo que não tem prova tangível; confiança em Deus.

Definição de fé

No AT e NT, “fé” traz consigo vários significados. Pode significar uma confiança simples em Deus ou na Palavra de Deus, e em outros momentos a fé se torna quase equivalente à obediência ativa. Também pode encontrar expressão na afirmação de uma confissão de fé. Ainda, pode se referir a todo o corpo de doutrina ou verdade cristã recebida — “a verdade”. Em [Colossenses 2.7](#), o termo sugere que é algo a ser aceito em sua totalidade e incorporado na vida pessoal. Em [2 Timóteo 4.7](#), Paulo testemunha que “manteve a fé”.

Fé no Antigo Testamento

O AT também enfatiza, com ênfase, a fé como confiança na aliança de Deus, ou na aliança que Deus fez com Abraão e seus descendentes. O chamado de Abraão e a promessa de que seus descendentes seriam usados na história da redenção se tornaram a base das narrativas do AT, sendo visto como a realização dessa aliança. Uma vez que a nação de Israel foi trazida à existência, Deus a sustentou e a protegeu. O Êxodo do Egito é uma indicação proeminente de que Deus estava no labor de restaurar seu povo para a Terra Prometida. A obediência do povo de Deus como a expressão apropriada de fé é vista claramente no AT. Sem ver a Deus, seu povo obedecia e cria nele. Abraão deixou sua terra natal para ir para território desconhecido. O povo de Israel deixou o Egito, seguindo a liderança de Deus, para uma terra que não podia ver. A promessa de Deus lhes deu coragem para possuir a terra prometida a eles. Após o Êxodo, a aliança de Abraão foi confirmada com o povo de Israel pela aspersão de sangue ([Êx 24.6-7](#)). Deveria haver obediência estrita aos mandamentos de Deus como uma expressão de fé. Esta resposta da fé humana à fidelidade do Senhor era nacional e coletiva. Também havia mandamentos e casos de fé subjetiva.

Não apenas as porções narrativas e jurídicas do AT, mas, também os escritos poéticos e proféticos enfatizam a fé. Os Salmos abundam em expressões de confiança pessoal no Senhor, mesmo em tempos sombrios. Habacuque aponta que “os justos viverão pela sua fé” ([Hc 2.4](#)). De tais casos, está claro que, à medida que o ensino do Senhor para Israel prosseguia adiante, a questão da fé na

fidelidade de Deus se tornou cada vez mais uma instância de resposta individual e pessoal, e é nos Profetas que vários ingredientes — como confiança, obediência, medo e certeza — se misturam na compreensão de tal fé pessoal.

Fé no Novo Testamento

Em oposição ao AT, onde a ênfase é sobre a fidelidade de Deus, no NT a ênfase é colocada na fé ativa e como resposta do ouvinte à revelação prometida e final no Messias, Jesus. Tanto o verbo quanto o substantivo descrevem habitualmente a resposta adequada das pessoas à palavra de Jesus e ao evangelho.

Os Evangelhos Sinóticos

A característica mais marcante dos Evangelhos sinóticos (citada abaixo da ARA) é o uso da fé sem identificar seu objeto: “se vocês tivessem fé, mesmo que fosse do tamanho de uma semente de mostarda” ([Mt 17.20](#)); “Jesus viu que eles tinham fé [...]” ([Mc 2.5](#)); “A sua fé salvou você” ([Lc 7.50](#)). Jesus é retratado como alguém que, por sua obra e palavra, abre a porta para a fé e torna a fé possível. A pergunta não é se a fé está em Jesus ou no Pai; a implicação é, sem dúvida, ambos, mas, assim como é com todo verdadeiro portador da Palavra de Deus, o olho da fé está voltado para Aquele que envia.

Em mais de uma ocasião, Jesus nega o pedido de um milagre para evidenciar suas palavras ([Mt 12.38-39](#); [16.1-4](#)). Fé é resposta apenas à Palavra, sem quaisquer adereços de apoio. Nenhum sinal deve ser dado, mas o sinal de Jonas. Na história do homem rico e Lázaro ([Lc 16.19-31](#)), Jesus nega a demanda pelo espetáculo e insiste que o ouvinte deve responder à palavra dada por ele (cf. [Jo 20.29](#)). A Palavra exige autorrenúncia e compromisso. Assim, a própria natureza da Palavra e da fé se torna um obstáculo para os orgulhosos e poderosos.

A fé é o meio pelo qual o poder de Deus é tornado visível. Move montanhas, cura os doentes e é o meio de entrada no reino. Pode conter alguma mistura com a dúvida, como o pai que buscava a cura para seu filho (“Eu creio; ajude minha descrença!” [[Mc 9.24](#)]), ou como João Batista na prisão que, mesmo com suas dúvidas, foi confirmado por Jesus como o maior dentre a descendência da mulher ([Mt 11.2-15](#)). A percepção de Pedro (e a dos outros discípulos) era falha, mas Jesus afirma a confissão de Pedro como a pedra fundamental da igreja. Os Evangelhos sinóticos

retratam a fé primitiva dos discípulos em todas as suas limitações e fraquezas, mas ainda é fé, e a fé é sua resposta positiva à palavra e obra de Jesus.

O quarto Evangelho

Fé é um conceito especialmente significativo no Evangelho de João (citado abaixo da NTLH), embora a palavra (no grego) ocorra apenas como um verbo. Muitas vezes, a referência tem a ver com aceitar que algo é verdadeiro, isto é, crença simples: “Creiam no que lhes digo: eu estou no Pai e o Pai está em mim” ([Jo 14.11](#)); “Se vocês acreditassem em Moisés, acreditariam também em mim” ([Jo 5.46](#)).

Ainda mais significativa é a expressão especial “acreditar” no sentido de colocar a confiança em algo externo. A forma específica da expressão não possui paralelo antes do quarto Evangelho e pode muito bem expressar o forte senso de confiança pessoal no Verbo eterno que se tornou carne. Em [João 3.16](#), quem coloca sua fé nele tem a vida eterna. Aqueles que colocam sua fé nele recebem poder para se tornarem filhos de Deus — para nascer de Deus ([Jo 1.12](#)). Eles nunca terão sede ([6.35](#)); eles viverão, mesmo que morram ([11.25](#)).

Em outros lugares, João fala de confiança ou fé em um sentido absoluto, isto é, sem se referir àquele em quem a confiança é colocada. Em [João 11.15](#), Jesus chega após a morte de Lázaro e está alegre “para que possais crer”. O resultado será fé. Da mesma forma, no prólogo ([1.7](#)), João Batista dá testemunho para que, através dele, todos possam acreditar. Ao satisfazer a dúvida de Tomé sobre a ressurreição, Jesus diz: “Você creu porque me viu? Felizes são os que não viram, mas assim mesmo creram!” ([20.29](#)). Nessas e outras passagens, o resultado fundamental do testemunho de Jesus acerca de si é a confiança.

Fé e conhecimento estão intimamente relacionados. Em [João 6.69](#) Pedro diz: “Nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus”. Em sua oração sacerdotal, Jesus diz que a vida eterna é “que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” ([Jo 17.3](#)). Além disso, Deus é visto através dos olhos da fé. Ninguém nunca viu a Deus, mas o Unigênito o revelou ([1.18](#)). Aquele que viu Jesus viu o Pai ([14.9](#)).

Acreditar também é expresso no verbo “receber”. Aqueles que recebem a Cristo recebem poder para se tornarem filhos de Deus ([Jo 1.12](#)). A confiança é aquela forma na qual conhecer ou ver a glória de Deus ([1.14](#); [17.4](#)) é tornada presente.

Os escritos de Paulo

Nas cartas de Paulo (citadas abaixo da NTLH), ele escreve sobre fé de vários ângulos. Ele coloca a fé em oposição às “obras da lei” como a única e verdadeira base para a justiça ([Rm 1-4](#); [Gl 1-4](#)) e apela a Abraão para provar seu ponto: “Ele creu em Deus, e por isso Deus o aceitou” ([Gn 15.6](#); cf. [Rm 4.5](#); [Gl 3.6](#)). Isso está inteiramente dissociado da lei ([Rm 3.21](#)); a justiça é o presente de Deus através da fé em Cristo, especificamente em sua obra expiatória. Por trás da convicção de Paulo, está sua consciência da pecaminosidade radical e profunda dos seres humanos, o que torna-os perdidos. A humanidade está morta no pecado, mas, é vivificada pela fé na palavra e na obra de Jesus mediada através do evangelho.

Fé, então, é fé em Jesus Cristo. O número de metáforas que Paulo emprega para descrever as consequências da fé é assombroso. É pela fé que os crentes são justificados ([Rm 5.1](#)), reconciliados ([2Co 5.18](#)), redimidos ([Ef 1.7](#)), tornados vivos ([2.5](#)), adotados na família de Deus ([Rm 8.15-16](#)), recriados ([2Co 5.17](#)), transportados para um novo reino ([Cl 1.13](#)) e libertados ([Gl 5.1](#)). A fé é, para Paulo, a condição *sine qua non* de todos os aspectos da salvação, da graça que convence para receber a herança completa na vinda do Senhor.

Nas cartas de Paulo, a fé está ligada ao amor, de modo que o grande expoente da justificação pela fé se torna o expoente expressivo do distinto amor cristão, também. Dizer que a fé é indispensável para a salvação é apenas parte da verdade, pois a fé se expressa através do amor: “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” ([Gl 5.6](#)); “Ainda que eu tenha tamanha fé, se não tiver amor, nada serei” ([1Co 13.2](#)). O amor é tanto a gênese quanto a expressão final da fé. Logo, mesmo para Paulo, não pode haver separação *total* entre fé e obras. Este amor de que Paulo fala é o fruto essencial do Espírito através de quem a vida de fé é vivida. Apenas em virtude do Espírito que habita em nós é que a fé encontra expressão no amor.

Epístolas Gerais

Tiago fala de fé como sendo completada pelas obras ([Tg 2.22](#)). Ele se opôs a esse conceito de fé que pensa primariamente em confissão de fé, de acreditar que algo é verdadeiro sem agir de acordo com ele. Tiago, assim como Paulo, assume a primazia da fé, mas ele está advertindo contra aqueles que chegariam às conclusões erradas. A fé separada das obras não é fé; é estéril (v. [20](#)). A

dimensão prática da fé é a ênfase de grande parte desta epístola.

O escritor de Hebreus reconhece que a fé sempre foi característica do povo de Deus e de seus líderes especialmente vocacionados. A fé torna substancial o que de outra forma é nebuloso e incerto; torna evidente o que não é visível. Pela fé, o povo de Deus tem um fundamento mais seguro para suas vidas e suas ações do que o mundo é capaz de discernir ([Hb 11.1](#)). A grande nuvem de testemunhas ([12.1](#)) dá testemunho, por meio da sua fé, acerca da fidelidade de Deus.

A fé é iniciada pela Palavra de Deus, encontra sua expressão através do Espírito Santo que nos é dado, e testifica do senhorio de Jesus Cristo.

Febre ardente

Uma febre intensa caracterizada por calafrios, comum na malária. A "febre" ([Dt 28.22](#)) pode "destruir sua visão e drenar sua vida" ([Lv 26.16](#)). Ambas as passagens descrevem punições que os israelitas sofreriam se desobedecessem às leis de Deus.

Nas primeiras traduções da Septuaginta (uma tradução grega do Antigo Testamento), os tradutores usaram a palavra grega para icterícia para traduzir o termo hebraico para febre, provavelmente devido aos sintomas semelhantes que ambas as doenças apresentam, especialmente em relação à malária.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Feitiçaria

Um praticante de feitiçaria (feiticeiro) afirma ter poderes sobrenaturais para realizar magia, prever o futuro e contatar espíritos malignos por meio de palavras e objetos especiais. Feiticeiros estavam presentes em:

- As cortes reais do Egito ([Êx 7.11](#));
- Assíria ([Na 3.4](#));
- Babilônia ([Dn 2.2](#)).

A feitiçaria não era permitida em Israel ([Dt 18.10](#)). Era punível com a morte ([Êx 22.18](#)). No entanto, os israelitas ainda procuravam feiticeiros ([2Rs 17.17](#); [2 Cr 33.6](#); [Mq 5.12](#)). Isso deixava Deus irado ([Is 57.3](#); [Ml 3.5](#)).

Paulo listou a feitiçaria como um pecado ([Gl 5.20](#)). O livro de Apocalipse diz que as pessoas que praticam feitiçaria serão lançadas no lago de fogo ([Ap 21.8](#)). Elas serão separadas dos justos para sempre ([Ap 22.15](#)).

Veja também Magia.

FEL

As principais traduções literais do português traduzem como fel, veneno ou qualquer tipo de substância amarga.

1. BÍlis. Uma substância amarga de cor amarelo-acastanhada feita pelo fígado ([Jó 16.13](#)) ou o órgão que contém a bile ([Jó 20.25](#)).
2. Uma erva muito amarga e venenosa. Pode ser a mesma que cicuta, coloquinte ou papoula. A palavra hebraica para "fel" também se refere a:
 3. "Fruto amargo" ([Dt 29.18](#))
 4. O "veneno" de uma cobra venenosa ([Jó 20.14,16](#))
 5. Um veneno dado a uma pessoa como alimento ([Sl 69.21](#))
 6. Um castigo divino como "água envenenada" ([Jr 8.14](#); [9.15](#); [23.15](#))
 7. A amarga experiência de Israel com o julgamento divino ([Lm 3.5,19](#))
 8. O julgamento divino contra Israel brotando como "ervas venenosas" em um campo ([Os 10.4](#))
 9. A perversão da justiça por Israel ao transformar "justiça em veneno" ([Am 6.12](#)).

10. Uma substância de gosto desagradável no Novo Testamento. [Mateus 27.34](#) menciona o fel misturado com vinho que foi oferecido a Cristo na cruz. [Marcos 15.23](#) chama a substância de “mirra”, que pode ser a substância específica misturada com o vinho. Em [Atos 8.23](#), Pedro descreveu o estado espiritual de Simão, o mágico, como estando “envenenado pela amargura.”

Veja também Plantas (cabaça, selvagem).

Felix, Antônio

Procurador romano (governador) da Judeia (52–60 d.C.), sucedendo Cumanus, nomeado por Cláudio e sucedido por Festo Pórcio. O irmão de Félix, Palas, um romano proeminente e influente, intercedeu em seu favor após ele ser chamado de volta de seu cargo por Nero. Durante seu governo opressivo, Félix utilizou a ajuda de ladrões para mandar assassinar Jônatas, o sumo sacerdote. Sua tirania foi citada como a causa da revolta judaica que eclodiu seis anos após ele ser chamado de volta. Félix teve três esposas: uma desconhecida, outra neta de Marco Antônio e Cleópatra, e outra a irmã judia de Agripa II, cujo nome era Drusila. Aos 16 anos, Drusila deixou seu marido, o Rei Azizus de Emesa, para se casar com Félix. Ela mais tarde lhe deu um filho, Agripa.

Félix estava servindo como governador quando o apóstolo Paulo foi levado diante dele em Cesareia para responder às acusações contra ele após o tumulto em Jerusalém ([At 23.24–24.27](#)). Após um atraso de cinco dias, Tértulo, porta-voz dos judeus, e outros chegaram para apresentar suas acusações. Félix adiou uma decisão até que pudesse ouvir de Lísias, o tribuno. Enquanto isso, Paulo foi colocado em custódia limitada. Félix esperava obter dinheiro de suborno para sua liberação. Como resultado, Paulo foi detido por dois anos, durante os quais ele e Félix frequentemente conversavam. A mensagem do apóstolo sobre “uma vida correta, o domínio próprio e o Dia do Juízo Final” alarmou muito Félix ([24.25](#)). Não há registro de sua vida após ser chamado de volta por Nero.

Fenice

11. Fenice era um porto ao longo da costa sul de Creta ([At 27.12](#)). A Bíblia NTLH translitera esse nome como “Fênix”.

Veja Fênix.

Fenícia, Fenícios

Grupo de cidades-estado (e seus residentes) que ocupavam uma faixa da planície costeira síria ao pé das Montanhas do Líbano. “Fenícia” também era escrita como “Fenice” ou “Finícia”. Em determinado momento, esses estados se estendiam de Carmelo no sul até Arvade no norte, uma distância de menos de 321,8 quilômetros. Em nenhum lugar a planície fenícia tem mais de 6,4 quilômetros de largura. Nessas planícies férteis surgiram cidades-estado independentes, portanto, Fenícia não era nem uma unidade política nem geográfica.

Sem bons portos naturais, os fenícios precisaram construir os seus próprios. Felizmente, eles tinham abundantes suprimentos de magníficos cedros nas encostas ocidentais das Montanhas do Líbano, que dominavam. Assim, tinham boa madeira para construção de navios e uma importante fonte de receita em uma região do mundo carente de madeira. No mar, havia algumas das melhores criaturas produtoras de corante (caramujos marinhos) do Mediterrâneo, possibilitando a produção de têxteis e corantes de qualidade. Essas duas fontes de renda eram complementadas pela superior produção industrial em metal e vidraria e pelo transporte de mercadorias de outros povos em navios fenícios. Com o tempo, colônias fenícias surgiram ao longo de suas rotas comerciais. Entre elas, destacava-se Cartago.

Resumo

- História
- Significado cultural e histórico
- Religião
- Fenícia e a Bíblia

História

Embora povos de origem mediterrânea tenham ocupado o Líbano por volta de 4000 a.C., não houve desenvolvimento político ou cultural significativo na área até depois de 3000 a.C., quando os

cananeus chegaram. A cultura e o estoque étnico cananeus (hamítico) foram diluídos por uma invasão amorita (semítica) da Fenícia, Síria e Palestina por volta de 2000 a.C. Subsequentemente, os semitas tornaram-se dominantes na área.

Muito antes da chegada dos semitas, os egípcios estabeleceram contatos comerciais com a Fenícia. Durante o Antigo Reino (c. 2700–2200 a.C.), os egípcios pareciam ter controlado praticamente Biblos, cerca de 40,2 quilômetros ao norte de Beirute. Era o principal porto pelo qual a madeira fenícia era transportada para o Egito, enquanto o papiro egípcio e influências culturais entravam na Fenícia.

Embora a influência egípcia tenha diminuído durante o Primeiro Período Intermediário do Egito (2200–2050 a.C.), ela foi totalmente restaurada durante o Médio Império. De fato, alguns estudiosos gostam de considerar grande parte da Fenícia como parte de um Império Médio Egípcio nessa época (2050–1800 a.C.), mas outros acreditam que o controle do Egito era apenas econômico. Subsequentemente, os hicsos dominaram toda a extremidade oriental do Mediterrâneo.

Durante o período do império egípcio (c. 1580–1100 a.C.), os egípcios inicialmente controlaram efetivamente as cidades da Fenícia, chegando até a estacionar guarnições nelas. No entanto, na parte final do período, egípcios e hititas lutaram pelo domínio da Fenícia. Por volta de 1100 a.C., tanto o império egípcio quanto o hitita chegaram ao fim, e a Fenícia entrou em um período de independência.

Durante os dois séculos seguintes, Tiro aumentou seu poder e estabeleceu uma hegemonia sobre as outras cidades fenícias. De especial importância nessa ascensão ao poder foram os esforços de Hirão I. Ao mesmo tempo, a monarquia unida hebraica estava se formando, e as duas potências se aproximaram em empreendimentos de benefício mútuo.

As condições mudaram no século IX. Em 868 a.C., Assurnasirpal da Assíria forçou os estados fenícios a pagar tributo, e sua liberdade foi perdida novamente. Mas sob os assírios, os fenícios prosperaram e estabeleceram numerosas colônias no oeste. No final do século VIII, Isaías podia exaltar eloquentemente a prosperidade de Tiro ([Is 23.3–8](#)).

Com o passar do tempo, os fenícios ficaram inquietos com o aumento das restrições assírias às

suas liberdades. Por volta de 678 a.C., Sidom liderou uma revolta contra Esar-Hadom da Assíria, que acabou sendo um fracasso total. Os furiosos assírios mataram ou capturaram a maioria dos habitantes e arrasaram a cidade de Sidom, intimidando assim todos os fenícios. No entanto, o poder assírio diminuiu posteriormente, e Tiro tornou-se independente por volta de 625 a.C. Sua grandeza permaneceu em grande parte, e Ezequiel escreveu uma descrição notável de suas conquistas ([Ez 27](#)).

Após Nabucodonosor da Babilônia destruir Jerusalém em 586 a.C., ele voltou sua atenção para a Fenícia, conquistando facilmente a reconstruída Sidom, mas levando 13 anos para subjugar Tiro. Naquela época, ele conquistou apenas a cidade continental de Tiro. No entanto, a cidade insular estava segura porque Nabucodonosor não tinha frota. A grandeza de Tiro se foi; a cidade continental nunca foi reconstruída.

Quando Ciro, o Grande, conquistou o Império Babilônico em 539 a.C., os fenícios foram absorvidos pacificamente. No entanto, cerca de dois séculos depois, eles participaram de uma rebelião contra os persas. Quando o exército persa se posicionou diante de Sidom em 352 a.C. e os habitantes enfrentaram a destruição de suas casas e a possibilidade de serem vendidos como escravos, eles incendiaram suas casas e pereceram com elas. Estima-se que 40.000 pessoas morreram nas chamas. As outras cidades fenícias não tiveram coragem para continuar a rebelião.

Quando Alexandre, o Grande, passou pela Fenícia em 332 a.C., a maioria das cidades celebrou a libertação do domínio persa e abriu seus portões para ele. Tiro, no entanto, não fez o mesmo e foi totalmente destruída após um cerco de sete meses. Quando a cidade foi reconstruída, foi povoada por imigrantes da Ásia Menor e teve pouca conexão étnica com o período anterior. A supremacia marítima fenícia foi quebrada para sempre.

Subsequentemente, a Fenícia ficou sob o controle dos Ptolomeus (286 a.C.), dos Selêucidas (198 a.C.) e dos Romanos (64 a.C.). Durante o período romano, a Fenícia fazia parte da província da Síria e desfrutou de nova prosperidade durante a Pax Romana (a paz romana) dos primeiros dois séculos da era cristã. Naquela época, estava amplamente helenizada e seu antigo caráter semítico havia desaparecido.

Significado cultural e histórico

Como os melhores marinheiros do mundo antigo, os fenícios dominaram o Mediterrâneo durante a primeira metade do primeiro milênio a.C., assim como o Mar Egeu por grande parte desse período. Como intrépidos navegadores, eles não apenas transportavam produtos, mas também transmitiam ideias e processos e se engajavam em muita troca cultural.

Embora não haja evidências de que os fenícios tenham inventado o alfabeto, eles o disseminaram de maneira tão ampla que ele se tornou conhecido como o alfabeto fenício. Especialmente importante foi a sua transmissão aos gregos (pelo menos por volta de 750 a.C.), que então adicionaram vogais e o repassaram para o mundo ocidental.

Os fenícios também estabeleceram colônias em vários locais no oeste do Mediterrâneo, notavelmente durante o século VIII a.C. A mais poderosa dessas colônias foi Cartago, que em seu auge controlava a parte ocidental do norte da África, grande parte da Espanha e várias ilhas do Mediterrâneo, e quase levou Roma à ruína durante o século III a.C.

Além disso, os fenícios desenvolveram técnicas avançadas em metalurgia; alguns estudiosos acreditam que os egípcios e possivelmente até os povos do Egeu derivaram alguns de seus processos dos fenícios. Embora possam não ter inventado a fabricação de vidro, como muitos autores antigos afirmam, certamente contribuíram muito para o seu desenvolvimento e a disseminação de seu conhecimento no mundo antigo. Os fenícios exportavam grandes quantidades de corante púrpura ou tecido tingido e seus famosos cedros. Cedros do Líbano chegaram não apenas à Palestina, mas também ao Egito, Mesopotâmia e ao distante Irã.

De todas as exportações fenícias, a mais severamente censurada nas Escrituras foi o culto a Baal, que entrou no reino de Israel por meio do casamento de Jezabel com Acabe, e no reino de Judá através do casamento de sua filha Atalia com Jeorão.

Religião

Sabe-se menos sobre a religião fenícia do que sobre a de outros povos da antiguidade. Isso se deve principalmente ao fato de que a literatura dos fenícios não foi preservada. Não se pode ter certeza de que as informações da antiga Ugarit, na vizinha Síria, refletem corretamente as práticas e crenças

religiosas das cidades fenícias. Também não se deve presumir que a religião das colônias da Fenícia foi transportada sem modificações do país de origem. Infelizmente, o que o AT diz sobre a religião dos cananeus não diferencia as crenças ou práticas das cidades fenícias individuais. As informações a seguir foram obtidas quase exclusivamente de fontes fenícias.

Vários nomes gerais apareceram na religião fenícia. El era tanto a palavra semítica para deus quanto o nome de um deus específico que era o chefe do panteão. Baal simplesmente significa "Senhor", mas também se aplica ao filho de El. Baalat significa "senhora", mas muitas vezes designava uma divindade específica como a Baalat de Gebal ou Biblos. A palavra hebraica *melek* significava "rei" ou "governante", mas poderia formar parte do nome de uma divindade, como Melqart ("governante da cidade"), deus principal de Tiro.

Assim como nas cidades-estado gregas, as cidades fenícias tinham divindades patronas que não eram necessariamente a principal do panteão. Do lado feminino, havia realmente apenas uma divindade adorada em todas as cidades, a deusa mãe e da fertilidade Ashtart ou Astarte (hebraico, *Astarote*), a babilônica *Ishtar*. Ela era considerada a geradora dos deuses e dos homens, bem como das plantas. A promiscuidade caracterizava sua conduta, e a prostituição religiosa era realizada em seu nome.

Baalat Gebal, que simbolizava a fertilidade e, portanto, correspondia a Astarte, era a divindade preeminente de Biblos, mas Adônis também tinha grande importância. Sendo o jovem deus que morreu e foi ressuscitado, ele estava associado à morte e ao renascimento anual da vegetação.

Astarte também era predominante no panteão de Sidom, como demonstrado por inúmeras inscrições, templos construídos em sua honra e pelo fato de que reis e rainhas se autodenominavam seus sacerdotes. A divindade masculina mais envolvida na vida sidônia era Eshmun, que se pensava corresponder a Adônis em função. Pelos gregos, ele foi identificado como Asclépio, deus da cura.

O deus principal de Tiro era Melqart, o Baal ou Senhor de Tiro. Como uma festa anual de ressurreição era celebrada em sua honra, ele foi equiparado a Eshmun de Sidom e Adônis de Biblos. Os gregos identificaram Melqart com Heracles ou Hércules. Quando Tiro passou a dominar as outras cidades fenícias, Melqart ascendeu a uma posição de destaque em seus panteões. Melqart teria sido o

Baal introduzido em Israel nos dias de Acabe, que se casou com Jezabel de Tiro. A principal divindade feminina de Tiro era Astarte. Hirão construiu templos tanto para Melqart quanto para Astarte em Tiro, e Salomão trouxe a adoração de Astarte (Astarote) para Jerusalém em seu tempo ([1Rs 11.5](#)). Seu santuário continuou a atormentar os judeus até a reforma de Josias no final do século VII a.C. ([2Rs 23.13](#)).

Os locais de adoração de Baal eram ou lugares altos nas colinas (compostos por um altar e uma coluna de pedra representando Baal, e uma árvore ou poste representando Astarte) ou recintos de pedra com um altar, uma coluna de pedra e uma árvore. Às vezes, eram edifícios de templos cobertos. Os sacrifícios consistiam em animais e vegetais, e em tempos de grande desastre, em seres humanos. Grandes festivais religiosos eram realizados em observância à conexão do deus com o ritmo das estações. Quando ele e a natureza morriam, havia luto, ritos funerários e talvez auto-tortura. O festival da primavera, que celebrava sua ressurreição e nova vida na natureza e que buscava a fertilidade da natureza, comumente era acompanhado por prostituição sacramental. A idolatria, o sacrifício humano e a promiscuidade sexual associados à adoração de Baal trouxeram sobre ela a condenação especial de Deus.

Fenícia e a Bíblia

A Fenícia começou a se envolver na história bíblica logo após 1000 a.C., quando Davi obteve de Hirão I de Tiro alguns dos muito cobiçados cedros do Líbano para a construção de seu palácio. Salomão também comprou cedro de Hirão para seu palácio e o Templo. Ele contratou artesãos fenícios para construir o Templo, fortificações em centros estratégicos e uma grande instalação portuária em Ezion-Geber, no Golfo de Ácaba, um braço do Mar Vermelho. O design arquitetônico fenício foi empregado em vários projetos de construção hebraicos nos dias de Salomão, e a competência fenícia em construção naval tornou possível a marinha mercante de Salomão. Marinheiros fenícios tripulavam os navios após serem lançados (veja [1Rs 9.10-28](#)).

Durante a primeira metade do século IX a.C., o impacto fenício em Israel foi amplamente religioso. Foi então que Jezabel, uma princesa de Tiro, casou-se com Acabe e introduziu o culto a Baal no reino do norte. Mais de um século depois, a Fenícia foi alvo de condenação profética. Isaías (antes de 700 a.C., veja [Is 23](#)) e Ezequiel (cerca de 600 a.C., veja [Ez](#)

[26.2-19](#); [28.1-23](#)) lançaram previsões de sofrimento e destruição tanto sobre Tiro quanto sobre Sidom.

Nos tempos do NT, o apóstolo Paulo passou uma semana em Tiro com um grupo de cristãos durante seu retorno a Jerusalém no final de sua terceira viagem missionária ([At 21.2-7](#)).

Veja também Deidades e religião cananeia.

Fênix

Fênix era uma cidade portuária na costa sul de Creta. O apóstolo Paulo e as pessoas com quem ele viajava esperavam ficar lá durante o inverno em sua viagem a Roma ([At 27.12](#), “Fenice” na versão ARC).

Fênix ficava a oeste de um lugar chamado Bons Portos, perto da pequena ilha de Cauda. Paulo aconselhou os líderes do navio a permanecerem em Bons Portos, mas eles decidiram continuar navegando em direção a Fênix.

Enquanto o navio estava a caminho, um vento forte veio do nordeste. Essa tempestade empurrou o navio para o sul e oeste, além da ilha de Cauda (vv. [9-17](#)). O vento era tão forte que quase levou o navio para bancos de areia perigosos na costa do Norte da África. Estes eram chamados de Baixios de Syrtis Maior.

Lucas diz que Fênix estava voltada para noroeste e sudoeste ([At 27.12](#)). Isso corresponde à localização de uma cidade moderna chamada Phoinika, perto da ponta oeste do Cabo Mouros. Nos tempos antigos, este porto era profundo e seguro para navios. Também oferecia abrigo contra os fortes ventos de inverno. O nome Fênix ainda sobrevive no nome moderno Phoinika.

Feno

Gramma seca usada como alimento para animais.

Fereuseus

Um dos vários segmentos populacionais que ocupavam a terra da Palestina antes e depois da conquista israelita ([Gn 15.20](#); [Êx 3.8.17](#); [23.23](#); [33.2](#); [34.11](#); [Dt 7.1](#); [20.17](#); [Js 3.10](#); [9.1](#); [11.3](#); [12.8](#); [24.11](#); [1Rs 9.20](#); [2Cr 8.7](#); [Ed 9.1](#); [Ne 9.8](#)). Fereuseu

também é conhecido pelo termo "periseu", apesar de raramente usado assim. A enumeração desses povos ao longo do AT serve a uma variedade de propósitos, nenhum dos quais é estritamente histórico ou geográfico. Serve para informar o leitor que, não importa quão numerosos, o destino desses povos é certo quando o tempo de Deus chegar ([Gn 15.20](#); [Êx 3.8](#)). Em outras ocasiões, eles são mencionados para ilustrar a hostilidade dos inimigos de Deus contra o avanço de Israel na terra prometida a eles pelo Senhor ([Js 9.1](#); [11.3](#); [24.11](#)). Mas também são retratados como conquistados e reduzidos a trabalho servil ([Js 12.8](#); [1Rs 9.20](#)). No período pós-exílico, continuam a ser uma ameaça à pureza de vida da comunidade da aliança recentemente estabelecida na terra de seus pais ([Ed 9.1](#)).

Existem algumas instâncias onde a palavra "fereseus" ocorre em conjunto com "cananeus" ([Gn 13.7](#); [34.30](#); [Jz 1.4-5](#)), e em uma instância é combinada com "refains" ([Js 17.15](#)). O nome "Pirizzi" também ocorre uma vez nas tábuas de El Amarna.

A identidade exata dos fereseus ainda permanece obscura. Em algumas instâncias em que o nome aparece junto com "cananeus", parece referir-se a um dos principais componentes da população de Canaã. Alguns até sugeriram que os fereseus eram a população pré-cananeia da Palestina, considerando a omissão deles na lista de [Gênesis 10](#). Mas isso não pode ser comprovado. Outros tentaram interpretar este nome como um apelativo que significa "habitantes de aldeias sem muralhas". Esta visão encontra algum apoio em outra palavra hebraica, perazoth, "aldeias sem muralhas" ([Et 9.19](#); [Ez 38.11](#); [Zc 2.4](#); cf. também perazi, "campo aberto", [Dt 3.5](#); [1Sm 6.18](#)). Mas o fato de que o nome ocorre com tanta frequência entre outros povos cuja identidade é conhecida deve servir de alerta contra tal abordagem.

Vários comentaristas, em vez de considerar os ferezeus como um dos principais componentes da população de Canaã, tentaram localizá-los nas proximidades de Betel (cf. [Gn 13.7](#)), de Siquém ([34.30](#)) ou no território de Judá ([Jz 1.4-5](#)). No entanto, esses locais não são de forma alguma contíguos. A referência aos refains em [Josué 17.15](#) levou à sugestão de que os ferezeus pertenciam à região de Transjordânia, mas isso não decorre nem do contexto imediato nem do uso da palavra "refains" em outros lugares.

Veja também Canaã, Cananeus.

Fermento*

Qualquer substância que produza fermentação quando adicionada à massa. O fermento pode significar a massa já afetada pelo fermento, colocado na farinha para que pudesse passar por toda a massa antes de assar, ou pode se referir à massa que cresceu sob a influência do fermento. Os primeiros hebreus aparentemente dependiam de um pedaço de massa fermentada para a transmissão do fermento; só muito mais tarde os resíduos do vinho foram usadas como fermento.

Os antigos israelitas regularmente comiam pão fermentado ([Os 7.4](#)), mas na comemoração da Páscoa, eles foram proibidos de comer pão fermentado ou até mesmo tê-lo em suas casas durante o período de Páscoa ([Êx 13.7](#)). Esta observância anual garantia que o povo não esqueceria seu êxodo apressado do Egito, quando o mandamento de Deus não deu tempo para a preparação do pão fermentado. O povo foi forçado a levar consigo suas amassadeiras e a massa com a qual assavam bolos sem fermento para sustentá-los durante a jornada ([Êx 12.34-39](#); [Dt 16.3](#)).

Possivelmente porque a fermentação implicava desintegração e corrupção, o fermento foi excluído de todas as ofertas colocadas no altar para serem sacrificadas a Deus ([Êx 23.18](#); [34.25](#)). Também não era permitido nas ofertas de grãos ([Lv 2.11](#); [6.17](#)). As Escrituras não nos dizem se os pães da proposição (ou pão da Presença) eram sem fermento, mas o historiador Josefo afirma que era fermentado (*Antiguidades* 3.6.6).

Duas exceções a esta regra devem ser observadas. O fermento poderia ser usado em ofertas que deveriam ser comidas pelos sacerdotes ou outros. O pão fermentado podia acompanhar a oferta de paz ([Lv 7.13](#)), e era ofertado na Festa das Semanas (Pentecostes) porque representava a comida diária comum que Deus forneceu para seu povo ([23.17](#)).

A ação lenta do fermento provou ser um problema durante o estágio agrícola do desenvolvimento hebraico, especialmente durante os primeiros dias agitados da colheita. Portanto, a massa sem fermento se tornou cada vez mais comum para o preparo cotidiano. Esta prática foi encorajada pelo crescimento da ideia de que o fermento representava decadência e corrupção, assim como outras coisas fermentadas. Esta visão excluía o fermento como algo inconsistente com o conceito da santidade perfeita de Deus. Plutarco estava

expressando uma crença antiga, também comum entre outros povos, quando escreveu: “Ora, o fermento é ele próprio o fruto da corrupção e corrompe a massa de farinha com a qual foi misturado”. O apóstolo Paulo cita um provérbio semelhante em [1 Coríntios 5.6](#) e [Gálatas 5.9](#).

A coisa significativa sobre o fermento é seu poder, que pode simbolizar o bem ou o mal. Normalmente, embora nem sempre, o fermento era um símbolo do mal no pensamento rabínico. Jesus se referiu ao fermento no sentido adverso quando ele usou a palavra para descrever a doutrina corrupta dos fariseus e saduceus ([Mt 16.6,11-12](#)) e de Herodes ([Mc 8.15](#)). O fermento dos fariseus é identificado em outro lugar como hipocrisia ([Lc 12.1](#); cf. [Mt 23.28](#)).

Paulo aplica o mesmo conceito à corrupção moral, advertindo que “um pouco de fermento leveda toda a massa” e admoestando seus leitores a limpar-se do fermento velho, isto é, os vestígios de suas vidas não regeneradas, e viver a vida cristã com o “pão sem fermento da sinceridade e verdade” ([1Co 5.6-8](#)).

Por outro lado, Cristo usa o conceito de efeito do fermento sobre a massa em seu bom senso para fornecer aos seus discípulos uma parábola breve, mas memorável ([Mt 13.33](#); [Lc 13.20-21](#)), em que o fermento ilustra a influência cumulativa e penetrante do reino de Deus no mundo.

Veja também Pão; Festas e Festivais de Israel; Alimentos e Preparação de Alimentos; Pão sem fermento.

Ferreiro

Uma pessoa que usava bronze e cobre para fazer ferramentas, implementos e ornamentos ([Êx 26.11.37](#); [27.2-10](#); [Js 6.19.24](#); [1Sm 17.5-6](#); [2Sm 8.8](#)). O termo “ferreiro” é usado apenas no Novo Testamento ([2Tm 4.14](#)). No entanto, essa ocupação foi importante ao longo da história da Bíblia.

Veja também Minerais e Metais.

Ferreiro

Um artesão que normalmente trabalhava em ferro ([Js 44.12](#)). O primeiro trabalhador em ferro registrado na Bíblia é Tubalcaim ([Gn 4.22](#)). Em Israel, o ferro tornou-se amplamente conhecido e utilizado por volta do século 11 a.C. ([Dt 3.11](#); [Js](#)

[6.19.24](#); [17.16](#); [Jz 1.19](#); [4.3.13](#)). *Veja* Minerais e Metais.

Ferreiro

Trabalhador em metais; um ferreiro. O primeiro metalúrgico mencionado na Bíblia é Tubalcaim ([Gn 4.22](#)). O termo abrange metalúrgicos de todos os tipos: cobre, bronze, ferro, prata e ouro. Ourives são mencionados em [Juízes 17.4](#) e [Atos 19.24](#). Ferreiros eram raros ou até inexistentes em Israel até a época de Samuel, e os israelitas tinham que ir aos ferreiros filisteus para afiar suas ferramentas de ferro ([1Sm 13.19](#)). Nos dias dos reis, os ferreiros israelitas estavam ativos e foram posteriormente levados ao cativeiro por Nabucodonosor ([2Rs 24.14-16](#); [Jr 24.1](#); [29.2](#)). Detalhes do trabalho do ferreiro são dados em vários relatos ([Pv 25.4](#); [Is 44.12](#); [54.16](#)). Os ferreiros mencionados em [Zacarias 1.20](#) são provavelmente ferreiros em geral ou aqueles que trabalham especificamente com ferro.

Veja também Minerais e metais; Pedras preciosas.

Ferro

Um metal resistente utilizado para fabricar ferramentas e armas nos tempos antigos.

Veja Minerais e metais.

Festa da Colheita

A Festa da Colheita era um dos três principais festivais celebrados pelo povo de Israel. Também era chamada de Festa das Cabanas ou Festa dos Tabernáculos. Algumas traduções dizem “Festa das Barracas”. Este festival celebrava o fim do ano agrícola, quando todas as colheitas já tinham sido recolhidas ([Lv 23.39-43](#)).

Durante esta celebração, os israelitas moravam em abrigos temporários feitos de galhos de árvores por sete dias. Isso os lembrava do período em que seus antepassados viveram em abrigos semelhantes no deserto.

Veja Festas e festivais de Israel.

Festa das Luzes

Nome alternativo para o Hanucá, uma das festas de Israel que celebra a rededicação do templo em 164 a.C. *Veja* Festividades e festas de Israel.

Festa dos barracas

A festa das barracas é um dos três grandes festivais de Israel. Este festival celebrava o fim do ano agrícola, quando todas as colheitas já haviam sido feitas. Durante este festival, o povo judeu construía abrigos temporários chamados "tabernáculos" ou "tendas" para lembrar como Deus os salvou do Egito ([Lv 23.39-43](#)). Esses tabernáculos (ou barracas) eram semelhantes aos abrigos temporários em que os israelitas viveram durante sua jornada pelo deserto após saírem do Egito.

Veja também Festas e festivais de Israel.

Festa dos Tabernáculos

A Festa dos Tabernáculos, também chamada de Festa das Cabanas, Abrigos ou da Colheita, era um dos três festivais mais importantes em Israel. Ela celebrava a conclusão do ano agrícola. Durante este festival, o povo judeu construía abrigos temporários chamados "cabanas" ou "tabernáculos" para lembrar como Deus os salvou do Egito ([Lv 23.33-43](#)). Esses abrigos temporários eram semelhantes aos que os israelitas usaram durante sua jornada pelo deserto após saírem do Egito.

Veja Festas e festivais de Israel.

Festas E Festivais De Israel

Ocasões de alegria pública ou privada para comemorar algum evento ou personagem significativo. O elemento de celebração tem um significado especial no ciclo de ocasiões religiosas e os ritos e cerimônias associados a esses dias específicos. Embora a ideia de uma festa geralmente implique um banquete com comida e bebida abundantes, este elemento não é indispensável. Às vezes há apenas uma quantidade simbólica, como na celebração da Comunhão Sagrada (Santa Ceia).

No uso contemporâneo, "festival" geralmente se refere a atividades que se estendem ao longo de um

período de tempo, enquanto "festa" indica uma parte da celebração, muitas vezes uma refeição. No entanto, no uso religioso, tanto antigo quanto moderno, as duas palavras são usadas de forma intercambiável. Os antigos hebreus empregavam as palavras *mo'ed* ("estações") e *hag* para suas grandes celebrações públicas, enquanto as festas de uma natureza mais privada eram comumente descritas pelo termo *mishteh*. A maioria das traduções em inglês das Escrituras não diferenciam entre essas palavras.

Festas e suas funções

Cada festival coloca grande ênfase na participação da comunidade e na continuidade da tradição social ou religiosa, especialmente onde as celebrações são elementos de um calendário civil ou religioso regular. Sem apoio da comunidade, mesmo em uma celebração familiar, nenhum festival pode ser bem-sucedido. Quando há participação pública, um festival pode reforçar a memória individual e comunitária de ocasiões específicas, e pode perpetuar essa reserva de lembrança ao longo de anos e gerações. Tal memória compartilhada tem um efeito harmonioso sobre uma comunidade cooperativa, grande ou pequena, e serve para estabelecer as tradições pelas quais o grupo vive. Se o festival comemora um evento específico ou celebra algum ideal elevado, esse tema se torna mais firmemente incorporado nas mentes dos participantes ao ser associado repetidamente aos ritos e cerimônias realizadas. As festas dos antigos hebreus tinham esta função positiva. Os grandes festivais de seu calendário religioso comemoravam ocasiões específicas em que Deus havia estendido a mão em poder para intervir por seu povo ou havia provido para eles em seu sofrimento. Ao celebrar essas festas regularmente, os hebreus continuamente afirmaram que seu Deus havia dirigido seu destino. Sua prova repetida da ajuda e amor de Deus por eles os lembrava de que ele ainda era capaz de sustentá-los. Especialmente em tempos de adversidade, apontava para a realidade da presença e atividade de Deus entre eles. A fé sustentada por estes meios forneceu uma dimensão espiritual inestimável para a vida da nação e providenciou um senso de continuidade sob provisão e orientação divinas. Apenas quando elementos corruptos ou pagãos foram introduzidos em ocasiões festivas este importante ingrediente da vida nacional começou a perder sua vitalidade.

Festivais do Antigo Testamento

Festivais gerais

Essas ocasiões eram surpreendentemente numerosas em Israel, considerando o modo de vida bastante rígido refletido em grande parte do AT. Sem dúvida, tais celebrações desviavam ou compensavam as adversidades e inseguranças da existência no antigo Oriente Próximo, e os israelitas aproveitavam ao máximo todas as oportunidades. Um casamento era uma das ocasiões mais óbvias para celebração, e não é surpreendente que uma festa tenha sido preparada para o casamento de Raquel e Jacó ([Gn 29.22](#)) na qual toda a comunidade próxima participava. Apenas quanto tempo esta festa específica durou é desconhecido, mas alguns festivais de casamento continuaram por uma semana, como no caso do casamento entre Sansão e a mulher de Timná ([Jz 14.17](#)). O vinho que alegra o coração do homem ([Sl 104.15](#)) era consumido livremente em tais ocasiões.

Os aniversários eram muitas vezes celebrados em um espírito festivo, especialmente onde uma pessoa da realeza era o foco ([Gn 40.20](#)). O sonho de Salomão foi comemorado com uma festa fornecida para seus servos ([1Rs 3.15](#)), e quando o templo foi dedicado, a ocasião foi celebrada por uma semana inteira ([8.65](#)). Reis e rainhas realizavam festas periodicamente para marcar certas ocasiões ou expressar boa vontade (cf. [Et 1.3](#); [2.18](#); [5.4](#), [14](#); [7.2](#); [Dn 5.1](#)). Os pastores tradicionalmente faziam uma festa para a tosa das primeiras ovelhas ([Dt 18.4](#)).

Festivais pré-exílicos

Além dos festivais gerais, que eram frequentemente de natureza laica (secular), as festas públicas eram prescritas para os israelitas que tinham um significado especificamente espiritual. Eles deveriam enfatizar a atividade de Deus em nome de seu povo e lembrá-los de que a bênção divina contínua dependia de sua obediência à sua vontade. O catálogo de festivais em [Levítico 23.2](#) começou com uma obrigação para observar o sábado. O sétimo dia, em que Deus parou de criar ([Gn 2.3](#)), era santo, embora seja difícil determinar em que medida era guardado até o tempo de Moisés ([Êx 20.8-11](#)). Daquele momento em diante, a observância do sábado enfatizou a abstenção de todo o trabalho assim como para comemorar adequadamente o próprio descanso de Deus da atividade criativa ([31.17](#)) e sua libertação de seu

povo da escravidão no Egito ([Dt 5.12-15](#)). A celebração do sábado era o sinal de um relacionamento especial entre Deus e os israelitas. Durante este período de 24 horas, até mesmo tarefas triviais como fazer fogo ([Êx 35.3](#)) ou coletar madeira ([Nm 15.32-33](#)) eram proibidas sob pena de morte. Viagens de qualquer distância também estavam sob a proibição do sábado ([Êx 16.29](#)). As ofertas especiais faziam parte da observância ([Nm 28.9-10](#)), e o pão da Presença era substituído no tabernáculo ([Lv 24.5-8](#)). Apesar das restrições de atividade, o sábado deveria simbolizar um tempo de felicidade e segurança na presença de Deus (cf. [Is 58.13-14](#)), uma vez que sua observância traria bênção ao indivíduo e a toda a terra.

Festival da Lua Nova

A lua nova era uma celebração mensal baseada no calendário lunar. Era especialmente apropriada para um povo agrícola, uma vez que todos poderiam dizer quando a lua era nova. Ofertas especiais eram prescritas para este festival, consistindo em um sacrifício queimado, uma oferta de grãos e uma oferta de bebida ([Nm 28.11-15](#)). Além disso, um bode macho era sacrificado a Deus como uma oferta pelo pecado, e toques de trombeta eram tocadas sobre as ofertas sacrificiais como um memorial diante de Deus ([10.10](#)). Os sacrifícios prescritos para o festival da lua nova eram significativamente maiores do que aqueles exigidos em [Números 28.9-10](#) para o sábado semanal.

Esta festa lunar foi popular ao longo da história israelita. Durante a monarquia, os levitas eram obrigados a assistir aos sacerdotes aarônicos no festival da lua nova, bem como no sábado ([1Cr 23.29-31](#)). Os profetas pré-exílicos podem muito bem ter se aproveitado das grandes reuniões para dar orientação às pessoas ou proclamar oráculos proféticos (cf. [2Rs 4.23](#)), embora até que ponto isso era feito seja incerto. Nem todos achavam o período de descanso e celebração valioso, no entanto, e Amós ([Am 8.5](#)) se queixou dos israelitas avarentos que sentiam que tais observâncias interferiam no negócio de ganhar a vida. A festa não poderia ser observada quando os judeus estavam no exílio na Babilônia (cf. [Os 2.11](#)), mas sob Esdras e Neemias, sua observância foi restaurada ([Ne 10.33](#)). Em [Isaías 66.22-23](#), estava relacionado com o destino final de Israel e era uma parte aceita das ordenanças para o templo ideal de Ezequiel ([Ez 45.17](#)).

O propósito do festival era melhorar a unidade da vida nacional, lembrando aos israelitas que a

aliança de Deus com seus antepassados era permanente e ainda obrigatória para a nação. Também enfatizava a natureza amorosa e providencial de um Deus que poderia começar um relacionamento desse tipo e realizar suas promessas com fidelidade completa (cf. [Sl 104.19](#)).

O Festival das Trombetas

O Festival das Trombetas era celebrado no primeiro dia da sétima lua nova. Este mês, posteriormente chamado de Tishri, era especialmente santo, e por esta razão era governado por certos regulamentos diferentes dos festivais comuns da lua nova. As trombetas eram tocadas no primeiro dia ([Lv 23.24](#)) quando os sacrifícios de animais e cereais eram oferecidos. A partir de [Números 29.2-6](#), parece que as ofertas exigidas para esta festa específica excediam as prescritas para o sacrifício normal do sábado, mas eram de alguma forma menores do que as exigidas para o festival contínuo da lua nova (cf. [Nm 28.11](#)). Esta festa deveria ser observada como um dia de descanso solene e como uma convocação santa, e as trombetas eram tocadas como um memorial triunfante da grande provisão de Deus para seu povo através da aliança do Sinai.

O sétimo mês era especialmente sagrado, em parte por causa de seu lugar no ciclo sagrado dos setes, mas também porque o Dia da Expição (ou Yom Kippur) e a Festa dos Tabernáculos, ou Tendas (Abrigos), ocorreram durante este período. A última festa seguia o Dia da Expição por cerca de cinco dias ([Lv 23.33](#)), e seu caráter alegre servia para compensar um pouco a solenidade da ocasião penitencial anual, quando a nação confessava seus pecados coletivos e os via banidos simbolicamente para o deserto enquanto o bode expiatório era expulso da congregação.

O Ano Sabático

Outro festival intimamente conectado com a instituição do sábado era o ano sabático. No final de cada ciclo de seis anos, os 12 meses seguintes eram observados como um “sábado de descanso para a terra”. Durante este intervalo, o terreno deveria descansar ([Êx 23.11](#)) sem qualquer forma de cultivo, e tudo o que brotava e crescia naturalmente era atribuído aos pobres e necessitados ([Lv 25.6](#)). Esta provisão para a própria terra constituía um dos princípios ecológicos mais importantes das Escrituras. Como o povo de Deus, a terra era santa, e assim como eles precisavam ter intervalos regulares de descanso do trabalho diário para recuperar sua energia e

vitalidade espiritual através da adoração, o terreno precisava descansar e se recuperar da tensão do cultivo constante. O festival lembrava aos israelitas que a terra em que eles viviam havia sido dada a eles por Deus em seu cumprimento de sua aliança de prover ricamente suas necessidades físicas (cf. [Dt 8.7-10](#)). Para evitar que os israelitas experimentassem qualquer escassez ou outras privações durante o ano sabático, Deus prometeu que no ano imediatamente anterior ao período sabático, a terra produziria frutos suficientes para os próximos três anos ([Lv 25.21](#)). Esta garantia foi baseada na experiência das peregrinações no deserto, quando, no sexto dia da semana, o maná aparecia para durar suficientemente até o sábado ([Êx 16.5](#)).

No período deste festival, a reivindicação absoluta de Deus sobre a terra era reafirmada (cf. [Lv 25.23](#)), e a fé da nação na capacidade de Deus de prover para necessidades futuras era reforçada. As provisões que libertavam a terra por um ano da escravidão agrícola eram paralelas ao sétimo ano de descanso daqueles que exigiam a libertação de escravos e devedores. Esses membros desfavorecidos da sociedade deveriam ser libertos de suas obrigações de servidão. Como resultado, homens e mulheres que haviam se tornado escravos por uma razão ou outra recebiam liberdade pessoal ([Êx 21.2-6](#)), e sob a proclamação da libertação do Senhor, as disposições que se aplicavam à dívida eram anuladas ([Dt 15.1-6](#)). O ano sabático parece ter sido uma parte regular da vida israelita pré-exílica, embora alguns abusos tenham sido observados em [Jeremias 34.8-22](#). Lá, o profeta aproveitou a oportunidade apresentada para instruir as pessoas na natureza e no propósito da ordenança do ano sabático. Ele também advertiu os judeus rebeldes que, porque eles haviam desobedecido aos mandamentos de Deus ao negar a liberdade adequada aos seus escravos, eles teriam sua própria liberdade tirada de uma maneira muito mais séria ao serem levados cativos para a Babilônia depois de verem sua terra destruída. A lição não foi perdida por aqueles que voltaram do exílio, pois sob a administração de Neemias, os judeus se ligaram por uma aliança para observar o princípio do ano sabático ([Ne 10.31](#)). Este empreendimento evidentemente tomou seu ímpeto da leitura da lei de Moisés na Festa das Tendas (Abrigos), que coincidentemente ocorreu no início do ano sabático ([Ne 8.13-18](#)).

Jubileu

Outra festa ainda baseada no princípio do sábado era o Ano do Jubileu, ou ano pentecostal ([Lv 25.8-55](#); [27.17-24](#)). Como o ano sabático estava relacionado com o conceito do sétimo dia, o ano pentecostal (50º) marcava a conclusão de um ciclo de sete anos sabáticos. O início de um ano jubilar era proclamado no Dia da Expição em toda a terra por meio de toques de trombeta ([Lv 25.9](#)). As atividades que ocorreriam durante o ano pentecostal eram semelhantes às prescritas para o ano sabático. Uma característica especial era que a terra que havia sido vendida durante os 49 anos anteriores era devolvida aos seus proprietários originais, um procedimento que às vezes envolvia ajustes financeiros. Para evitar o abuso do processo através do oportunismo ou especulação, os hebreus eram instruídos a lidar de forma justa e honesta uns com os outros no temor de Deus, que era o verdadeiro proprietário da terra ([Lv 25.14-17](#)). Como no ano sabático, Deus prometeu prover antes do ano jubilar para que ninguém sofresse privações. Foi durante o Ano do Jubileu que aqueles que eram escravos nas famílias hebraicas receberam sua liberdade, para que todos na terra começassem um novo ciclo de anos sabáticos em pé de igualdade, como pessoas livres sob Deus.

Festivais sazonais

Três festivais anuais que seguiam as estações do ano, em vez de fases da lua, forneciam ocasiões importantes para comemorar o poder e a provisão de Deus na vida nacional. Esses festivais eram designados pelo termo *hag*, indicando um festival geralmente observado por algum tipo de peregrinação. Esses três festivais foram prescritos em [Êxodo 23.14-17](#) e [Deuteronômio 16.16](#), e consistiam na Festa da Páscoa e Pães sem fermento, na Festa das Semanas (Pentecostes) e na Festa das Tendias (Tabernáculos). Nessas ocasiões, todos os machos de Israel receberam ordens de fazer peregrinação ao santuário e celebrar esses festivais ([Êx 12.14](#)). A Páscoa e a Festa dos Pães sem Fermento eram originalmente ordenanças separadas, mas uma vez que estas sempre seguiam imediatamente após o rito de Páscoa, elas naturalmente se misturavam em uma única festa.

Páscoa

A Páscoa era de supremo significado teológico para os israelitas, uma vez que marcou um dos atos mais importantes de intervenção divina em sua história, o início de sua libertação da escravidão no Egito, quando, na praga final, Deus destruiu os primogênitos dos egípcios, mas poupou aqueles

israelitas que tinham suas casas manchadas de sangue nos umbrais das portas ([Êx 12.11-30](#)). Deus ordenou que o dia fosse observado como uma festa memorial (v. [14](#)), e a próxima celebração da Páscoa ocorreu no Deserto do Sinai ([Nm 9.1-5](#)). No calendário hebraico, o festival de Páscoa vinha no primeiro mês, chamado Abibe em [Deuteronômio 16.1](#), mas ficou conhecido após o exílio como Nisã (cf. [Ne 2.1](#)). O rito de Páscoa ocorria na 14ª noite ([Lv 23.5](#)), e isso era seguido por um período de sete dias durante o qual nada levedado (fermentado) era para ser comido. O princípio de remover todo o fermento do pão era semelhante ao que estava por trás da drenagem do sangue da carne animal. Tanto o fermento quanto o sangue tinham poder vivificante e deveriam ser mantidos separados como uma oferta a Deus. O primeiro e o sétimo dias deste período eram marcados por uma assembleia santa, durante a qual o único trabalho permitido era a preparação de alimentos ([Êx 12.16](#)). Este período em que o pão sem fermento era comido foi descrito como um festival porque abria o período de sete semanas da colheita de grãos ([Dt 16.9](#)). Durante esta festa, sacrifícios queimados especiais eram oferecidos, seguidos com um feixe de cevada recém-colhida na Festa das Primícias. Nos tempos do NT, os festivais de Páscoa e Pães Ázimos (sem fermento) eram celebrações bem frequentadas e eram conhecidos como os “dias dos pães ázimos” ([Lc 22.1](#); [Atos 12.3](#)). O tema da libertação de Israel do poder do Egito por intervenção divina assegurava aos israelitas que Deus estava sempre pronto para agir em nome de um povo fiel e obediente da aliança. Também os lembrava que eles haviam sido escravos ([Dt 16.12](#)). Na vida israelita, as primeiras observâncias dos Pães Ázimos e da Páscoa eram comparativamente simples em caráter, mas durante a monarquia rituais da Páscoa mais elaborados entraram em uso (cf. [2Rs 23.21-23](#); [2Cr 35.1-19](#)).

Pentecostes

O segundo grande festival, Pentecostes (ou Semanas) durava apenas um dia e era observado no 50º dia após o feixe de cevada recém-colhido ter sido oferecido diante do Senhor no final da Festa dos Pães sem Fermento ([Dt 16.9-12](#)). O festival marcava o fim da colheita da cevada e o início da colheita do trigo, o início do período em que as primícias poderiam ser oferecidas (cf. [Êx 23.16](#); [34.22](#); [Nm 28.26](#)). O dia da festa era marcado pela apresentação de dois pães de farinha de trigo, juntamente com sacrifícios de sete cordeiros, dois carneiros e um novilho ([Lv 23.15-20](#)). Os presentes de livre arbítrio (vontade) a Deus eram

apresentados para refletir gratidão por suas bênçãos, e toda a ocasião era de alegria pública ([Dt 16.10-11](#)). Uma vez que o Pentecostes era essencialmente um festival da colheita ([Êx 23.16](#)), os israelitas eram chamados a reconhecer que eles dependiam inteiramente de Deus para sua prosperidade material. Em [Deuteronômio 26](#), instruções específicas foram dadas para o ritual de apresentar as primícias da colheita. Compreendia uma grande confissão de fé estabelecida dentro da estrutura da história de Israel, e recontava a libertação de Deus da nação da opressão egípcia e sua provisão de uma terra que poderia suprir amplamente as necessidades de seu povo.

Festival dos Tabernáculos

Este festival, conhecido de várias maneiras como a Festa das Tendas, Tabernáculos, Barracas ([Lv 23.34](#); [Dt 16.13](#)), ou Colheita ([Êx 34.22](#)), era a terceira grande ocasião que todos os homens hebreus eram obrigados a observar anualmente. Começava no 15º dia do sétimo mês (Tishri), logo após a observância do Dia da Expição, que caía no 10º dia. A Festa das Cabanas durava uma semana e envolvia peregrinação. Estava associada inicialmente com o final do ano ([Êx 34.22](#)), quando o trabalho agrícola havia sido concluído. O primeiro dia era marcado por uma pausa simbólica de toda a atividade, após a qual ofertas queimadas eram apresentadas ao Senhor. O oitavo dia também era aquele em que a congregação de Israel se abstinha do trabalho manual e novamente oferecia sacrifícios queimados. [Levítico 23.39-43](#) forneceu detalhes para os rituais que deram ao festival seu nome especial de tendas, abrigos ou tabernáculos. O fruto das “árvores boas” deveria ser reunido no primeiro dia da festa, juntamente com folhas de palmeiras, ramos de salgueiro e ramos de árvores em folha cheia. Desses, abrigos ou cabanas rústicas deveriam ser construídas nas quais as pessoas moravam durante a semana da festa. A cada sétimo ano, as observâncias eram marcadas por um recital público das provisões da aliança com as quais os israelitas sob Moisés haviam se comprometido, um procedimento projetado para manter frescas em suas mentes, as obrigações, bem como as bênçãos do relacionamento da aliança. Uma observância especialmente significativa da Festa dos Tabernáculos ocorreu no tempo de Esdras, quando a comunidade judaica voltou da Babilônia — uma celebração de um tipo desconhecido há centenas de anos ([Ne 8.13-18](#)). No contexto, parece que a observância da festa havia parado durante a monarquia. A festa em Siló, onde Ana foi confundida com uma mulher bêbada, e a festa

referida em [Juízes 21.19](#) era, evidentemente, a Festa das Tendas. Em uma visão profética na qual ele viu todas as nações vindo a Jerusalém para observar a Festa das Tendas, Zacarias advertiu que aqueles que não continuaram esta tradição poderiam esperar sofrimento e escassez de comida ([Zc 14.16-19](#)).

Festivais pós-exílicos

Há alguns festivais menores que foram criados no período após os judeus terem voltado do exílio; alguns desses festivais tiveram sua origem em ocasiões históricas específicas.

O Festival de Purim

O Festival de Purim, também conhecido como Festival de Sortes, era uma ocasião alegre que ocorria no 14º dia do 12º mês (Adar). Celebrava a maneira pela qual Ester e Mordecai foram usados por Deus para livrar seu povo no Império Persa do extermínio por Hamã ([Et 9.21, 24-28](#)). A festa era observada no 14º dia de Adar por aqueles que viviam em aldeias, e no 15º dia pelos habitantes de vilas e cidades muradas. A explicação do nome do festival é dada em [Ester 9.24-26](#), e sua observância lembrava aos hebreus a capacidade de Deus de salvá-los durante um tempo de atividade antissemita na Pérsia. A libertação lembrada neste festival consolava os judeus em outras ocasiões quando eles sofriam perseguição. Tradicionalmente, o pergaminho de Ester era lido em voz alta na sinagoga na noite antes da festa, e havia um grande clamor, especialmente entre os filhos presentes, sempre que os nomes do odiado Hamã e seus filhos eram mencionados.

Festival da Dedicção do Templo

Outro festival alegre que durava oito dias era a Festa da Dedicção do Templo ([1Mc 4.52-59](#); [2Mc 10.6-8](#)), familiar aos leitores modernos como Hanukkah, ou o Festival das Luzes. A dedicação específica que levou a festa ocorreu em 164 a.C., quando Judas Macabeu reconsagrou o templo em Jerusalém depois de ele ter sido contaminado por Antíoco IV Epifânio. As celebrações começavam no 25º dia do nono mês (Kislev) e eram marcadas à noite por luzes e lanternas brilhantes. As histórias de oposição corajosa dos macabeus às forças esmagadoras do paganismo eram contadas, e a festa era de louvor a Deus por sua maravilhosa libertação dos judeus durante o período macabeu.

Festivais do Novo Testamento

No tempo de Cristo, o sábado era observado rigorosamente e era a ocasião para a adoração na sinagoga (cf. [Lc 4.16](#); [Atos 13.14](#); [18.4](#)). A lei farisaica proibia todo o trabalho, e Jesus entrou em conflito com as autoridades frequentemente por violações dos regulamentos do sábado (cf. [Mt 12.1-4](#); [Mc 3.1-5](#); [Lc 13.10-17](#)). Na igreja primitiva, a adoração ocorria no “primeiro dia da semana” (isto é, domingo) para comemorar a ressurreição de Cristo. Os primeiros cristãos inicialmente participaram de cerimônias judaicas (cf. [Atos 20.16](#); [1Co 16.8](#)). Foi durante a Festa de Pentecostes, após a ressurreição e ascensão de Cristo, que o Espírito foi derramado ([Atos 2.1-4](#)), cumprindo [Joel 2.28-32](#) e começando a história da igreja cristã como tal.

A Páscoa e a Festa dos Pães sem Fermento eram de grande significado na vida de Cristo (cf. [Jo 4.45](#); [5.1](#); [6.4](#); [12.1-26](#)), pois a ocasião era muito popular nos tempos do NT (cf. [12.20](#)). Na Páscoa, Pilatos havia instituído o costume de clemência a um prisioneiro nomeado pela população ([Mt 27.15](#); [Mc 15.6](#)). Jesus participou ativamente nos rituais da Páscoa (cf. [Lc 2.42](#); [Jo 2.13](#); [6.4](#)). A Última Ceia com seus discípulos ocorreu pouco antes da Páscoa ([Jo 13.1](#)), quando Judas Iscariotes traiu Jesus e o entregou aos fariseus ([Lc 22.4-6](#)). O partir do pão e o beber do vinho naquela celebração da Páscoa ([Mc 14.22-25](#)) estavam relacionados diretamente com a morte próxima de Cristo na cruz de um modo sacramental. Os discípulos de Cristo foram instruídos a observar este rito como um memorial de seu sofrimento e morte pelo pecado humano ([1Co 11.24-26](#)) e como uma proclamação do poder da cruz até que o Senhor volte em glória. Alguns estudiosos sugeriram que Cristo estava realmente pendurado na cruz quando o cordeiro de Páscoa estava sendo abatido, e se essa cronologia estiver correta, representaria Jesus graficamente como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” ([Jo 1.29](#), ARA). Jesus também estava presente uma vez quando a Festa dos Tabernáculos foi celebrada ([7.10](#)). Em seus dias, a água era carregada em procissão do tanque de Siloé como uma oferta a Deus, e a cerimônia provavelmente incitou o sermão de Cristo sobre água viva e vida eterna (vv. [37-39](#)). Em pelo menos uma ocasião, Jesus estava em Jerusalém quando o Festival das Luzes ocorreu ([Jo 10.22](#)) e escapou por pouco da morte por apedrejamento.

Jesus era acolhido ocasionalmente em festas privadas (cf. [Lc 5.29](#)), e uma vez remediou uma

situação de emergência quando o vinho acabou em uma cerimônia de casamento ([Jo 2.8-10](#)). Ele criticava os fariseus por garantir os principais assentos nas festas ([Mt 23.6](#); [Mc 12.39](#); [Lc 20.46](#)) e ensinava que os festivais deveriam beneficiar os pobres ([Lc 14.13](#)).

Simbolismo das Festas

Muitos aspectos das antigas festas hebraicas foram interpretados simbolicamente na igreja primitiva. Paulo considerava os primeiros cristãos hebreus como as primícias do Israel de Deus ([Rm 11.16](#)). Em [Romanos 8.23](#), o Espírito Santo como sendo posse dos cristãos foi considerado apenas um símbolo do que estava por vir, e como tal era as primícias do Espírito. Os próprios cristãos foram descritos em [Tiago 1.18](#) como as primícias das criaturas de Deus que foram trazidas pela Palavra da Verdade. A ressurreição de Jesus foi considerada por Paulo como as primícias daqueles que dormiam ([1Co 15.20, 23](#)). Em uma alusão aos festivais do AT, Paulo falou sobre os sábados, luas novas e festas como sendo apenas uma sombra das coisas boas que estão por vir ([Cl 2.16-17](#)). A Páscoa foi usada figurativamente para enfatizar que Cristo, nosso Cordeiro Pascal, havia sido sacrificado por nós. Os crentes foram incentivados a guardar a festa com os pães ázimos (sem fermento) da sinceridade e verdade, e não com o velho fermento da malícia e do mal ([1Co 5.7-8](#)).

Veja também Calendários, Antigo e Moderno; Ofertas e Sacrifícios; Tabernáculo; Templo.

Festival

Veja Festas e festivais de Israel.

Festival das Trombetas

Um dia sagrado para os israelitas que marcava o início das festas de outono. Era um dia de descanso quando nenhum trabalho regular era realizado. Durante este festival, os israelitas tocavam trombetas para convocar um tempo de lembrança, reflexão e preparação para o próximo Dia da Expição. O festival era um momento para lembrar a aliança de Deus com eles, particularmente o acordo feito no Monte Sinai ([Lv 23.23-25](#)).

Veja Festas e festivais de Israel.

Festo, Pórcio

Procurador romano (governador) da Judeia, que sucedeu Antônio Félix e foi sucedido por Albino. A data exata da ascensão ao poder de Pórcio Festo é debatida, mas foi reduzida para algum momento entre 55 e 60 d.C. As únicas fontes que mencionam Festo são o livro de Atos e os escritos de Josefo, um historiador judeu que viveu em Roma no primeiro século d.C. (*Antiguidades* 20.8.9–11; 9.1).

Josefo escreveu que Festo governou com sabedoria e justiça, em contraste com Félix e Albino. Os bandidos sicários (nomeados pelas pequenas espadas que carregavam), que haviam aterrorizado o campo palestino, foram eliminados sob o governo de Festo. Apesar disso, ele não conseguiu reverter os danos causados por seu predecessor, Félix, que havia agravado o conflito entre pagãos e judeus.

O NT relata que o novo procurador Festo viajou de Cesareia (onde Paulo estava sob custódia) para Jerusalém ([At 25.1](#)). Os líderes judeus o confrontaram lá e apresentaram acusações contra Paulo. Ao retornar a Cesareia, Festo ouviu a defesa de Paulo (v. [6](#)). Ele concedeu o apelo do apóstolo para ser ouvido por César (o direito de qualquer romano acusado de um crime capital) em um esforço para evitar mais disputas religiosas em sua jurisdição (vv. [11–12](#)). Quando o rei Agripa chegou alguns dias depois, Festo estava em um dilema, incapaz de entender as acusações dos judeus contra Paulo (vv. [25–27](#)). Após o discurso de Paulo diante do rei, Festo declarou em voz alta que ele estava louco ([26.24](#)), embora ainda concordasse que Paulo não havia feito nada para merecer a morte ou prisão (v. [31](#)).

Fiandeira, Fiar

Em todos os períodos da história de Israel, as mulheres fiavam fibras em fios. No entanto, uma classe de fiandeiras profissionais surgiu ao lado delas. [Êxodo 35.25–26](#) menciona as mulheres fiandeiras. Entre suas outras virtudes, a boa esposa de [Provérbios 31](#) se dedicava à fiação ([Pv 31.19](#)). Jesus falou dos lírios do campo que não precisavam fiar ([Mt 6.28](#); [Lc 12.27](#)).

Ficol

O líder do exército de Abimeleque estava presente quando Abimeleque fez acordos de paz com Abraão

e, mais tarde, com Isaque ([Gn 21.22,32](#); [26.26](#)). A presença de um comandante do exército deveria ter indicado que Abraão estava vulnerável. No entanto, os inimigos reconheceram o poder superior do Deus de Abraão e, por isso, procuraram viver em paz com ele.

Fidelidade

Fidelidade significa manter-se leal e verdadeiro a alguém ou algo. Ela se manifesta por meio de uma forte dedicação e do cumprimento de promessas. No idioma hebraico original da Bíblia, as palavras para "fé" e "fidelidade" estão intimamente ligadas.

A principal palavra hebraica para fidelidade está relacionada à nossa palavra "amém". Esta palavra significa "tornar forte", "apoiar", ou "sustentar". Em um sentido físico, é usada para pilares que fornecem suporte para portas ([2Rs 18.16](#)). Moisés usou esta palavra quando disse que não podia sustentar todo o povo israelita sozinho ([Nm 11.12](#)). Deus, no entanto, é um suporte firme para seu povo para sempre ([Dt 7.9](#); [Is 49.7](#)).

Palavras como "firmeza", "constância" ou "confiabilidade" descrevem melhor o conceito de fidelidade. Confiabilidade ou firmeza são características de uma pessoa em quem se pode confiar. Ser infiel é ser indigno de confiança ou crença. No Antigo Testamento, "fidelidade" e "verdade" têm significados semelhantes. Deus é consistentemente verdadeiro, por isso ele é o objeto lógico da confiança humana ([Sl 71.22](#); [Is 61.8](#)). Quando aplicado a Deus, "fidelidade" indica seu compromisso inabalável com suas promessas.

A fidelidade de Deus

Apesar da infidelidade de Israel, Deus mostrou-se confiável ([Dt 32.20](#); cp. [Rm 3.3](#)). Sua fidelidade é grande ([Lm 3.23](#)). Ele é leal ao seu pacto (acordo especial) e sempre demonstrará seu amor constante ao seu povo ([Sl 136](#)).

Jesus Cristo é o maior exemplo de fidelidade na Bíblia. Ele demonstrou ser fiel a Deus, o Pai, e em falar a verdade sobre Deus ([Hb 3.2](#); [Ap 1.5](#)). Deus convida todas as pessoas a serem fiéis, seguindo Jesus Cristo e dependendo dele para todas as coisas ([Hc 2.4](#); cp. [Rm 1.17](#)).

Fidelidade do ser humano

Em ambos os Testamentos, Antigo e Novo, fé e fidelidade estão interligadas. Ter fé significa mais

do que apenas concordar que Deus fala a verdade. Significa comprometer-se com essa verdade e demonstrá-la por meio da obediência contínua.

A vida de Abraão nos mostra o que é a fidelidade. Ele acreditou nas palavras de Deus e agiu conforme elas. Ele demonstrou sua fé por:

- Deixando sua casa e seu país
- Viver em um país estrangeiro
- Estar disposto a oferecer seu único filho Isaque, conforme Deus ordenou

A disposição de Abraão em sacrificar seu filho Isaque demonstra uma fidelidade extraordinária a Deus. O Novo Testamento elogia a fé constante de Abraão e instrui os cristãos a seguirem seu exemplo ([Gl 3.6-9](#); [Hb 11.8-10](#)). A fidelidade não é apenas uma ação isolada. Ela deve moldar toda a vida de todos que afirmam ter fé em Deus.

Fígado

Um grande órgão no abdômen que desempenha muitas funções essenciais para a vida. O escritor de Provérbios sabia quão importante o fígado era para a vida quando escreveu que uma ferida de flecha no fígado causaria a morte ([Pv 7.23](#)). Na Bíblia, o fígado é mais frequentemente mencionado ao descrever sacrifícios de animais ([Êx 29.13,22](#); [Lv 3.4,10,15](#)).

Na antiga Babilônia, o fígado de ovelha era às vezes usado para adivinhação. Cada pequeno detalhe do fígado era examinado em busca de presságios. Arqueólogos recuperaram modelos de fígados de ovelha em bronze e argila cozida. Eles datam do século 16 a.C. Evidentemente, este é o uso do fígado feito pelo rei da Babilônia em [Ezequiel 21.21](#). Este uso do fígado de ovelha foi popular até os gregos. Rivalizou com a astrologia por muitos séculos.

Figo, figueira

Qualquer uma de várias árvores ou arbustos que crescem naturalmente na região do Mediterrâneo. Produz um fruto que pode ser comido. O figo comum (*Ficus carica*) é mencionado cerca de 60 vezes na Bíblia, tornando-se uma das plantas mais importantes na Bíblia. A primeira ocorrência é "folhas de figueira" em [Gn 3.7](#).

A maioria dos especialistas acredita que a figueira originalmente veio do sudoeste da Ásia e da Síria. Nos tempos antigos, as pessoas cultivavam figos amplamente no Egito, em Israel e nas áreas circundantes. Nesses lugares, era um dos principais alimentos consumidos. Em [1Sm 25.18](#), Abigail enviou a Davi um presente que incluía 200 bolos de figos.

A figueira possui um tipo especial de fruto chamado sicônio, que é, na verdade, uma base muito ampliada e carnuda que abriga as flores. Uma vespa especial poliniza o figo. Sem essa vespa, a árvore não consegue produzir frutos. As pessoas descobriram isso quando trouxeram a figueira pela primeira vez para o estado da Califórnia, nos Estados Unidos da América.

A figueira produz seus primeiros botões de fruto antes das folhas. Os botões aparecem em fevereiro, e as folhas crescem em abril ou maio. Quando as folhas estão totalmente desenvolvidas, o fruto deve estar maduro ([Mt 21.19](#)).

Quando os antigos profetas advertiam o povo sobre seus erros, muitas vezes ameaçavam que as colheitas de videira e figueira seriam destruídas. E quando prometiam grandes recompensas, diziam que as colheitas de videira e figueira cresceriam novamente ([Jr 8.13](#); [Os 2.12](#); [Jl 1.7,12](#); [Mq 4.4](#); [Zc 3.10](#)).

Filactério

Um pequeno estojo de oração contendo passagens das Escrituras. Judeus devotos o usam durante a oração. Durante a oração, homens judeus ortodoxos usam duas pequenas caixas de couro preto. Elas contêm Escrituras.

Provavelmente, o filactério não era uma caixa de Escrituras. Era uma tira de pergaminho com quatro passagens do Antigo Testamento em hebraico. As passagens eram:

12. [Êxodo 13.1-10](#);
13. [Êxodo 11-16](#);
14. [Deuteronômio 6.4-9](#);
15. [Deuteronômio 11.13-21](#).

A passagem de [Deuteronômio 6.4-9](#) contém o "Shemá" — a confissão de que Deus é o único Senhor. Todos os quatro trechos afirmam que Deus ordena ao seu povo que amarre suas leis em suas mãos e as tenha como "faixas amarradas" entre

seus olhos. Os judeus interpretaram isso de forma não literal e dispensaram o adorno físico. Alguns judeus, no entanto, seguiram o mandamento literalmente. Eles começaram a usar porções de suas Escrituras em suas testas e mãos. Não há consenso entre os estudiosos sobre quando exatamente começaram a fazer isso. Há uma menção explícita da prática já em 100 a.C. em um documento judaico não bíblico. Alguns acreditam que começou já no quarto século a.C., se não antes.

Em [Mateus 23.5](#), Jesus condenou os escribas e fariseus por, entre outras coisas, o hábito de "alargar seus filactérios". O contexto da passagem é a rejeição de Jesus às suas práticas religiosas ostensivas. Aparentemente, o filactério largo impressionaria os outros com o quão religioso o usuário era. Era evidência de orgulho, pretensão e hipocrisia na religião.

Veja também Amuleto; Frontal.

Filadélfia

1. Cidade da Decápolis, não mencionada especificamente em nenhum escrito do NT. Estava localizada no planalto a cerca de 40,2 quilômetros a leste do Rio Jordão. Em 63 a.C., a Palestina ficou sob dominação romana. Pompeu, o general romano que conquistou a região, reorganizou o território. Ele estabeleceu uma liga de 10 cidades autônomas ou cidades-estado. A maioria delas estava localizada no lado oriental do Rio Jordão. Filadélfia era a mais ao sul, e Damasco a mais ao norte, das 10. Nos Evangelhos, este território é referido como a Decápolis.

Veja também Decápolis.

2. Cidade no oeste da Ásia Menor. Foi uma das sete cidades asiáticas às quais o autor do livro do Apocalipse dirigiu cartas, mencionadas em [1.11](#) e [3.7-13](#).

Esta cidade foi fundada por volta de 140 a.C. por Átalo II da cidade de Pérgamo. Átalo II também era conhecido como "Filadelfo"; o nome da cidade foi derivado deste apelido real. Ele pretendia que a cidade servisse como um centro para a disseminação da cultura grega por toda a região, especialmente para o povo da Frígia. Situada em uma planície fértil, era rica em vinhedos e produção de vinho. A Filadélfia Asiática foi gravemente danificada por um terremoto no ano 17 d.C. Com o objetivo de reconstrução, foi

concedida ajuda para desastres pelo imperador romano Tibério.

Quando João escreveu de Patmos, perto do final do primeiro século, as igrejas da Ásia Ocidental estavam enfrentando perseguição. A igreja em Filadélfia era uma delas. Esta igreja estava suportando a perseguição fielmente, e a carta a ela ([Ap 3.7-13](#)) não contém palavras de reprovação ou advertência. Em vez disso, Jesus lhes deu encorajamento e promessas preciosas.

Alguns anos depois, o bispo cristão e mártir Inácio de Antioquia também escreveu uma carta à igreja em Filadélfia. Ele expressou apreço por sua recente visita e os encorajou a manter a unidade cristã.

Filemom (Pessoa)

Filemom era um cristão conhecido apenas pela carta que o apóstolo Paulo escreveu para ele. O Novo Testamento não o menciona em nenhum outro lugar.

[Colossenses 4.17](#) menciona Arquipo, um homem de Colossos, junto com Filemom em [Filemom 1.2](#). Arquipo pode ter sido filho de Filemom. Embora Paulo nunca tenha visitado Colossos, é claro que ele conhecia bem Filemom ([Cl 2.1](#)). Paulo o chamou de "nosso amigo e companheiro de trabalho" ([Fm 1.1](#)). Talvez Filemom tenha trabalhado com Paulo durante a missão de três anos de Paulo em Éfeso ([At 19.8-10; 20.31](#)).

Paulo sabia que podia apelar a Filemom em nome de Onésimo, que era o escravo fugitivo de Filemom. A carta a Filemom foca no pedido de Paulo para que Filemom aceite Onésimo de volta, não apenas como escravo, mas como um irmão em Cristo.

Veja também Filemom, Carta para.

Filemom, Carta A

A menor das epístolas da prisão de Paulo.

Resumo

- Autor
- Origem
- Destinatário
- Contexto
- Propósito

- Ensino

Autor

De acordo com seu costume e com os cânones contemporâneos do gênero epistolar, o apóstolo Paulo se identifica como o autor desta carta. Ele diz que ele era um prisioneiro na época em que escrevia ([Fm 1.9-10,13,23](#)) por causa de seu testemunho de Jesus Cristo.

Origem

É difícil verificar a localização da prisão de Paulo no momento da escrita. De Cesareia, Éfeso, ou Roma, qualquer um dos últimos locais parece corresponder aos dados disponíveis nesta epístola e em Colossenses, com os quais está intimamente relacionado ([Cl 4.7-14](#); cf. [Fm 1.23-24](#)). A menção de Marcos e Lucas como companheiros de Paulo favorece Roma como o ponto de origem da carta ([Fm 1.24](#)). No entanto, a proximidade relativa de Éfeso a Colossos, onde Filemom residia (cerca de 160,9 quilômetros de distância), e o anúncio da próxima visita de Paulo a Colossos (v. [22](#)) sugere Éfeso como o lugar de confinamento. Embora uma prisão de Éfeso não seja explicitamente mencionada no livro de Atos, o relato dos esforços missionários de Paulo naquela cidade deixa claro que ele encontrou uma oposição considerável ([At 20.19](#)), que Paulo descreve em termos que poderiam implicar um tempo gasto na prisão ([1Co 15.32](#); [2Co 1.8-10](#)).

Destinatário

Este documento é muitas vezes visto impropriamente como uma nota pessoal de Paulo a Filemom, seu convertido e amigo, líder da igreja em Colossos e proprietário de escravos. Na realidade, a epístola é dirigida a Filemom, a Áfia (presumivelmente a esposa de Filemom), a Arquipo e à congregação de crentes que se encontraram na casa de Filemom ([Fm 1.1-2](#)). As saudações são enviadas pelo moderador da epístola em nome de Epafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, que representam juntos um contingente impressionante de líderes da igreja (vv. [23-24](#)). O propósito de Paulo ao mencioná-los é fazer Filemom perceber que sua resposta ao apelo de Paulo não será uma decisão privada, mas pela qual ele será responsável perante a comunidade dos crentes da qual ele faz parte. No corpo de Cristo, questões que dizem respeito aos relacionamentos dos crentes entre si são de interesse para toda a comunidade. Tais assuntos

podem não ser tratados como questões privadas, uma vez que eles necessariamente afetam o bem-estar de toda a igreja ([Mt 18.15-20](#)).

A epístola deixa claro que um laço caloroso de amor fraterno existia entre Paulo e Filemom. O apóstolo chama Filemom de seu “colega de trabalho amado” ([Fm 1.1](#)); ele o elogia em termos efusivos pelo envolvimento de Filemom no empreendimento missionário (vv. [5-7](#)); ele apela a ele com base no amor (v. [9](#)); ele evoca sua participação de uma parceria comum (v. [17](#)); ele lembra gentilmente a Filemom que ele deve sua salvação a Paulo (v. [19](#)), e ele diz que confia nele para fazer o que é pedido dele e ainda mais (v. [21](#)).

Contexto

O objeto da carta de Paulo pertence a um terceiro — Onésimo, o escravo fugitivo de Filemom. Depois de ter cometido alguma indiscrição não revelada na carta (v. [18](#)), o escravo havia escapado, e tendo viajado para a grande cidade, ele havia buscado o anonimato entre os grupos heterogêneos de pessoas que formam a subclasse de qualquer metrópole. Através de circunstâncias providenciais que permanecem envoltas em mistério, o escravo fugitivo havia chegado sob a influência de Paulo; ele havia sido convertido por ele (v. [10](#)), havia se tornado amigo do coração de Paulo (v. [12](#)), e havia se envolvido com ele na obra do evangelho na medida em que Paulo teria ficado feliz em mantê-lo em seu serviço como seu irmão fiel e querido (v. [13](#); [Cl 4.9](#)).

Paulo sabia que, se ele tivesse mantido Onésimo ao seu lado como colega de trabalho, Filemom teria sido compelido a prestar atenção à sua decisão ([Fm 1.13-14](#)). No entanto, Paulo decidiu usar a situação ambígua que havia se desenvolvido como a ocasião para fazer Filemom pensar nas implicações de sua fé na escravidão, e fazê-lo libertar Onésimo e elevá-lo ao status de irmão, não apenas em um sentido espiritual (“no Senhor”), mas também em relação a seu status civil (“na carne”, v. [16](#)). Que Filemom aceitou o pedido de Paulo e concedeu a liberdade a Onésimo é atestado pela preservação deste documento. Se Filemom tivesse rejeitado o pedido de Paulo, ele teria provavelmente destruído a carta para apagar da memória humana o que teria se tornado evidência incriminadora de sua teimosia.

Um pós-escrito intrigante foi adicionado a esta história pela descoberta das repetidas referências a um bispo idoso chamado Onésimo que liderou a igreja em Éfeso no início do segundo século, de acordo com a carta de Inácio aos efésios. A

identificação do bispo com o escravo de Filemom é sugerida pelo uso na carta de Inácio do jogo de Paulo sobre palavras com o nome de Onésimo nos versos [11](#) e [20](#) (Onésimo significa “útil” ou “benéfico”). Se este for o caso, é concebível que o ex-escravo fosse o indivíduo que coletava as cartas paulinas que foram eventualmente integradas no cânon do NT, incluindo a carta a Filemom.

Propósito

O propósito da carta de Paulo a Filemom era dramatizar a incompatibilidade da instituição da escravidão com o cristianismo e, assim, obter a libertação de Onésimo. Não há evidências na epístola de que Paulo estava receoso com a ideia de Filemom infligir a Onésimo as duras punições que foram prescritas pela lei romana para os escravos fugitivos. No entanto, Paulo estava preocupado de que Onésimo não fosse reintegrado como um escravo, mas que ele fosse recebido como um membro de pleno direito da família de Filemom, e que ele fosse tratado com pelo menos a mesmo respeito e dignidade que poderiam ter sido estendidas ao próprio Paulo (vv. [17.21](#)).

Ensino

Entre os muitos ensinamentos contidos nesta pequena epístola, três merecem menção especial.

Primeiro, a carta testifica do desafio revolucionário trazido pelo evangelho às instituições carregadas de pecado da sociedade. Como tal, constitui uma condenação da prática da escravidão. Jesus havia negado aos seus seguidores o direito de possuir ou controlar outros seres humanos. Dentro da comunidade cristã, o domínio ou liderança deveria ser exercido na servidão da parte inferior da escada social, em vez de hierarquicamente ao longo das linhas de autoridade ([Mc 10.42-45](#)). Como resultado, as diferenças de classes haviam se tornado irrelevantes entre os cristãos. Em Cristo, não havia nem escravo, nem livre, mas todos eram um nele ([Gl 3.28](#)). Os cristãos escravos que poderiam obter sua liberdade deveriam se beneficiar da oportunidade ([1Co 7.21](#)), e aqueles que eram livres deveriam evitar se tornar escravos dos homens ([1Co 7.23](#); [Gl 5.1](#)). Por outro lado, os proprietários de escravos cristãos deveriam agir como servos de seus escravos ([Ef 6.9](#)), e todos os cristãos deveriam ser servos uns dos outros ([Gl 5.13](#)). Consequentemente, Filemom deveria receber Onésimo “não mais como um escravo” ([Fm 1.16](#)).

Segundo, se a adesão ao evangelho proíbe uma manutenção conservadora do status quo, também descarta sua derrubada violenta. O temperamento revolucionário do evangelho é expresso em uma postura de servidão, em vez de na hostilidade militante. Onésimo foi aconselhado por Paulo a demonstrar esta teologia da libertação voltando em submissão a Filemom para permitir que o Espírito Santo efetuasse uma mudança radical em seu relacionamento. O emprego dos métodos de Satanás para alcançar os resultados do reino descartam a intervenção divina e resulta no aumento da opressão.

Finalmente, a epístola fornece um modelo magistral de religiosidade inspirada. A situação que havia se desenvolvido entre Filemom e Onésimo exigiu a mediação de um defensor que poderia comandar o respeito do primeiro para falar com sucesso em nome deste último. Para ganhar seu caso, Paulo usou a psicologia da recomendação (vv. [4-7](#)); ele enfatizou seu próprio sofrimento autosacrificial por causa do evangelho (v. [9](#)); ele jogou com base na boa vontade de Filemom (v. [14](#)); ele apelou aos laços pessoais de amizade (vv. [17.20](#)); ele se ofereceu para assumir a responsabilidade pelas perdas incorridas (v. [18](#)); ele lembrou a Filemom de sua própria dívida para com Paulo (v. [19](#)); e ele anunciou um próximo encontro que poderia ter causado o constrangimento se Filemom tivesse hesitado a seu pedido (v. [22](#)). A abordagem de Paulo é pessoal e pastoral, amigável, mas fervorosa. Exibe um equilíbrio perfeito de firmeza e sutileza. Demonstra como a liderança cristã genuína deve ser exercida através de persuasão e apelo, em vez de por imposições autoritárias pesadas.

Embora seja um dos menores documentos na Bíblia, a Carta a Filemom permanece como um monumento atemporal à dignidade e igualdade conferidas por Cristo a todos os seres humanos, independentemente de posição, gênero, classe ou status. Também oferece aos cristãos um mandato e uma metodologia para buscar uma reforma social eficaz.

Veja também Paulo, O Apóstolo; Filemom (Pessoa).

Filha

Veja Vida Familiar e Relações.

Filha do Faraó

16. Uma princesa egípcia que resgatou o bebê Moisés e o adotou como seu próprio filho ([Êx 2.5-10](#); [At 7.21](#); [Hb 11.24](#)). Se aceitarmos uma data anterior para o êxodo (quando Moisés liderou os israelitas para fora do Egito), essa mãe adotiva de Moisés poderia ter sido Hatshepsut. Alguns estudiosos que aceitam uma data posterior para o êxodo acreditam que o Faraó da opressão foi Ramsés II. Se for assim, essa princesa pode ter sido a filha de Seti I ou de um faraó posterior da 18ª dinastia. Ela provavelmente nasceu de uma concubina de um harém real perto da região de Gósen.
17. Uma princesa egípcia, uma das duas esposas de Merede (um descendente de Calebe) que deu à luz três filhos ([1Cr 4.17](#)). Seu nome, Bitia (que significa "filha do Senhor"), implica que ela se converteu à adoração ao Deus de Israel. Não se sabe qual Faraó era seu pai.
18. Uma princesa com quem Salomão se casou para formar uma aliança com o Egito. Seu pai provavelmente era Siamun, que governou de 978 a 959 a.C. Ele deu a Salomão a cidade de Gezer como presente de casamento ([1Rs 3.1](#); [9.16](#); [11.1](#)). Salomão construiu para ela um palácio em Jerusalém porque não queria que ela morasse na casa de Davi ([1Rs 7.8](#); [9.24](#); [2Cr 8.11](#)).

Filho De Deus

Termo usado para expressar a divindade de Jesus de Nazaré como o Filho divino único.

A filiação única de Jesus é antitética para os conceitos de filiação populares no mundo antigo. No helenismo, as pessoas acreditavam que um homem poderia ser um “filho dos deuses” de muitas maneiras: na mitologia, pela coabitação de um deus com uma mulher imaginada como sobre-

humana; na política, dando aos generais e imperadores altas honras na seita da adoração do imperador romano; em medicina, chamando um médico de “filho de Asclépio”; e eventualmente atribuindo a qualquer um com poderes ou qualidades misteriosas o título, ou fama de “homem divino”.

O termo no Antigo Testamento

No AT, certos homens que viveram antes do tempo de Noé ([Gn 6.1-4](#)), “os anjos” (incluindo Satanás, [Jó 1.6](#); [2.1](#)) e outros seres celestiais ([Sl 29.1](#); [82.6](#); [89.6](#)) são chamados de “filhos de Deus”. Israel como povo era o filho escolhido de Deus. Esta filiação corporativa se tornou a base da redenção de Israel do Egito: “Israel é meu filho primogênito” ([Êx 4.22](#); cf. [Jr 31.9](#)). A filiação corporativa era o contexto para o foco na filiação pessoal na sanção divina de Davi como rei: “Eu serei seu pai, e ele será meu filho” ([2Sm 7.14](#)). A filiação “adotiva” de Davi era por decreto divino: “Eu proclamarei o decreto:... ‘Você é meu filho; hoje eu me tornei seu Pai’” ([Sl 2.7](#)); e era o protótipo profético da filiação “essencial” de Jesus, o filho real de Davi ([Mt 3.17](#); [Mc 1.11](#); [Lc 3.22](#); [Atos 13.33](#); [Hb 1.5](#); [5.5](#)). Outras profecias messiânicas atribuem nomes divinos ao Messias Davídico: “Emanuel” ([Is 7.13-14](#)) e “Deus Poderoso, Pai da Eternidade” ([Is 9.6-7](#)). Esses são realizados em Jesus ([Mt 1.23](#); [21.4-10](#); [22.41-45](#)).

Nos Evangelhos

A identificação de Jesus como o Filho de Deus é revelada nos Evangelhos de três maneiras distintas.

O primeiro é sua *filiação eterna e pessoal*. A filiação pessoal de Jesus é revelada na confissão de Pedro: “Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo” ([Mt 16.16](#)) e na identificação de Jesus de si em seu julgamento: “‘Você é o Cristo, o Filho do Abençoado?’... ‘Eu sou’, disse Jesus” ([Mc 14.61-62](#)). Em ambos os casos, a questão é seu ser pessoal ou essência, sua identificação eterna.

Muito antes da Criação, mesmo da eternidade, o Pai e o Filho desfrutavam de comunhão um com o outro. Sabemos disso porque a Bíblia nos diz isso — mas não em qualquer grande detalhe. Na maioria das vezes, as Escrituras estão em silêncio sobre a cena pré-mundana. E, no entanto, há alguns versos que levantam o véu ligeiramente e nos dão um vislumbre desse relacionamento sublime e divino que sempre existiu entre o Pai e o Filho.

De todos os livros na Bíblia, o Evangelho de João tem mais a dizer sobre o relacionamento entre o Pai e o Filho. É da pena inspirada de João que lemos desde o início: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”. Esta é uma descrição bastante explícita. O grego transmite algo mais pitoresco: “No início era a Palavra, e a Palavra estava face a face com Deus, e a Palavra era ele mesmo Deus”. Imagine, o Verbo, que era o Filho pré-encarnado de Deus, estava cara a cara com Deus. A expressão “face a face” traduz a preposição grega *pros* (abreviação de *prosopon pros prosopon*, “face a face”, uma expressão comum em grego koiné). A expressão significa comunhão íntima. O Pai e Filho desfrutaram de uma comunhão tão íntima desde a eternidade. Como eles devem ter se deleitado uns nos outros!

Depois que o Filho de Deus se tornou um homem e começou seu ministério na terra, ele se referiu ao relacionamento que ele desfrutava com o Pai antes da fundação do mundo. Jesus falou do que ele havia visto e ouvido com o Pai antes de vir à terra (veja [João 3.13](#) e [8.38](#)). Jesus ansiava por voltar para aquela esfera gloriosa. Em sua oração antes de ir para a cruz (no cap. [17](#)), ele pediu ao Pai para glorificá-lo com a glória que ele tinha com o Pai antes que o mundo existisse (v. [5](#)). Jesus queria recapturar sua igualdade primordial com o Pai — algo que ele havia renunciado de bom grado por causa do plano de seu Pai (veja [Fp 2.6-7](#)). Enquanto ele orava ao Pai, uma declaração maravilhosa escapou de seus lábios: “Pai, (...) tu me amaste antes da fundação do mundo” ([Jo 17.24](#)). O Filho de Deus, o Filho único, era o único objeto do amor do Pai.

O segundo aspecto da filiação de Jesus é sua *filiação na natividade*. A natividade de Jesus é atribuída à paternidade direta e espiritual de Deus. Jesus é o Filho de Deus porque sua encarnação e nascimento na raça humana foram criados pelo Espírito Santo. Em Mateus, a concepção de Jesus “é do Espírito Santo” ([Mt 1.20](#)). Ele deve ser nomeado “Jesus” (que significa Yahweh é salvação) “porque ele salvará seu povo de seus pecados” (v. [21](#)), e “Emanuel” (Deus conosco) porque ele mesmo é o Filho de Deus em carne humana (v. [23](#)). Em Lucas, a concepção de Jesus foi pelo Espírito Santo e o poder do Altíssimo ([Lc 1.31, 35](#)), então Jesus foi chamado de “Filho de Deus” (v. [35](#)). Se o pai de Jesus tivesse sido o homem José, ele teria sido chamado de “Jesus, o filho de José”. O ensino de Lucas significa claramente que, uma vez que o Espírito de Deus era o pai de Jesus, este filho da

virgem Maria é devidamente chamado de “Jesus, o Filho de Deus”.

O terceiro aspecto é sua *filiação messiânica*. Jesus é o Filho e representante do Pai, com a missão terrena de estabelecer o reino de Deus. Em seu batismo, ele começou sua missão com a coroação do Pai: “Este é meu Filho amado, com quem estou bem satisfeito” ([Mt 3.17](#); cf. [Sl 2.7](#)). Jesus recebeu um pronunciamento semelhante do céu em sua Transfiguração ([Lc 9.35](#)). Como Filho messiânico, Jesus completou perfeitamente o trabalho redentor que lhe foi dado por seu Pai.

Nas epístolas do Novo Testamento

Paulo falou da filiação essencial e ontológica de Jesus — não como um fato isolado, mas no contexto de sua obra redentora. Foi como Filho de Deus que Jesus tomou a natureza humana ([Rm 1.3](#)) e como “o Filho de Deus” que ele foi ressuscitado e entronizado em poder ([Mt 28.18](#); [Rm 1.4](#); [1Co 15.28](#)). A Encarnação é mencionada como “Deus enviando seu próprio Filho” ([Rm 8.3](#); [Gl 4.4](#)) para a redenção da humanidade, uma redenção que foi realizada “através da morte de seu Filho” ([Rm 5.10](#); [8.29,32](#)). Como consequência, os fiéis podem ter “comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor” ([1Co 1.9](#)), e eles podem viver pela fé no “Filho de Deus” ([Gl 2.20](#)). A primeira pregação de Paulo foi “que Jesus é o Filho de Deus” ([Atos 9.20](#)); isso foi mais tarde exposto por Paulo à luz do [Salmo 2.7](#) (veja [Atos 13.33](#)).

Em Hebreus, Jesus é “o Filho”, que é o “primogênito” e “herdeiro” pessoal de Deus, que é criador e sustentador do universo, e é o “esplendor da glória de Deus” ([Hb 1.2-12](#); [3.6](#); [5.5](#)). Como Filho, ele é o Sumo Sacerdote final e eterno que ascendeu ao céu com o trabalho mediador perfeito para sempre ([4.14](#); [6.6](#); [7.3,28](#)). Em [1João 4](#) e [5](#), a crença em Jesus como o Filho de Deus encarnado é essencial para a salvação; a descrença vem do espírito do Anticristo.

Ver também Cristologia; Jesus Cristo, Ensinaamentos de; Messias; Filho do Homem.

Filho Do Homem

Título messiânico usado por Jesus para expressar sua origem celestial, missão terrena e vinda gloriosa do futuro. Não se refere apenas à sua natureza humana ou humanidade, como alguns pais da igreja ou estudiosos contemporâneos

acreditam. Em vez disso, mostra a origem celestial e a dignidade divina de Jesus; o mistério de sua manifestação em forma humana; e sua missão terrena que o levou para a cruz e depois para a glória.

O pano de fundo do termo “Filho do Homem” é encontrado no AT. É encontrado principalmente no livro de Ezequiel, uma vez que este profeta foi referido como “filho do homem” 90 vezes. Por exemplo, Deus se dirigiu a ele: “Filho do Homem, põe-te em seus pés, e eu falarei com você” ([Ez 2.1](#)). O uso do termo “Filho do Homem” por Jesus e muitos temas de Ezequiel sugerem que ele queria se identificar como o profeta do fim dos tempos que, como Ezequiel (capítulos [4](#), [7](#), [10](#), [22](#), [40-48](#)), tinha a última palavra sobre a destruição de Jerusalém e a restauração do reino de Deus em Israel ([Mt 23-24](#); [Atos 1.6-8](#)).

A fonte específica do termo é [Daniel 7.13-14](#), onde Daniel tem uma visão de alguém “como um filho do homem” que “vem com as nuvens” para a presença do “Ancião de Dias”, que lhe dá o reino universal e eterno de Deus. Jesus citou repetidamente partes deste texto ensinando sobre sua segunda vinda ([Mt 16.27](#); [19.28](#); [24.30](#); [25.31](#); [26.64](#)). Claramente, Jesus entendeu esta passagem como profética sobre si e retratando sua encarnação, ascensão e herança do reino de Deus.

Nos Evangelhos, o termo “Filho do Homem” é usado por Jesus cerca de 80 vezes como uma maneira oculta e indireta de falar sobre si ([Mt](#), 32 vezes; [Mc](#) 14 vezes; [Lc](#) 26 vezes; [Jo](#) 10 vezes). Em todos esses textos, Jesus sempre foi o orador, e ninguém nunca se dirigiu a ele como “Filho do Homem”. Em alguns textos, a referência é tão misteriosa que alguns intérpretes insistem que Jesus estava falando sobre outra pessoa. Tal dúvida sobre isso é registrada em apenas um texto em João, onde a multidão pergunta a Jesus: “Quem é este ‘Filho do Homem’?” ([Jo 12.34](#)). Na maioria dos textos, a identificação com Jesus é clara. Em alguns, é explícito: “Quem os homens dizem que o Filho do Homem é?” — seguido por: “Quem vocês dizem que eu sou?” ([Mt 16.13, 15](#)). A conclusão geralmente tirada é que Jesus usou o termo como um título messiânico para si mesmo, para que ele pudesse falar modestamente sobre sua pessoa e missão, mas comunicar o fato importante que ele desejava revelar sobre si. Ele poderia fazer isso com originalidade porque o termo não estava cheio de equívocos populares sobre o Messias.

O termo ocorre apenas quatro outras vezes no NT. Em [Atos 7.56](#), Estêvão diz: “Veja, vejo os céus

abertos e o Filho do Homem de pé no lugar de honra à direita de Deus!” [Hebreus 2.6](#) aplica o [Salmo 8:4](#) a Jesus. Finalmente, [Apocalipse 1.13](#) e [14.14](#) descrevem visões de alguém “como um filho do homem”, que é, sem dúvida, o Jesus glorificado.

Nos Evangelhos sinóticos, o primeiro tema relacionado com o uso do título “Filho do Homem” por Jesus é o de sua vinda à terra para realizar sua missão messiânica. Jesus comparou sua condição terrena com sua glória celestial anterior dizendo: “As raposas têm buracos, e as aves do ar têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” ([Mt 8.20](#); ver [Lc 9.58](#)). Isso indica que o Filho do Homem abriu mão de seu lar celestial para sofrer todas as humilhações de seu ministério terreno ([Fp 2.5-11](#)).

Jesus usou o título para reivindicar privilégios divinos, dizendo: “O Filho do Homem é Senhor do sábado” ([Mt 12.8](#); [Mc 2.28](#); [Lc 6.5](#)). O sábado, uma instituição divina, pode não ser revisado por homens comuns. Mas uma vez que Jesus é o Filho do Homem do céu, ele é livre para governar como Senhor até mesmo do sábado, porque ele é o mesmo Senhor que instituiu o sábado ([Gn 2.2](#); [Êx 20.8-11](#)). Depois de curar o paralisado em Cafarnaum, Jesus afirmou que “o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados” ([Mt 9.6](#); [Mc 2.10](#); [Lc 5.24](#)). Anteriormente, o perdão dos pecados veio do céu e de Deus, mas agora o perdão é dado na terra por Jesus.

O segundo aspecto do uso do título “Filho do Homem” por Jesus diz respeito a seu sofrimento, morte e ressurreição gloriosa como a maneira misteriosa de realizar sua missão terrena como o Filho do Homem. Jesus desenvolveu o tema de seu sofrimento depois que Pedro o confessou como Messias e Filho de Deus ([Mt 16.16](#)). A previsão de Jesus de seu sofrimento como o Filho do Homem começa em [Marcos 8.31-32](#) e é repetida em vários outros textos. Os Evangelhos expandem o tema para incluir zombaria e açoitamento ([Mt 17.12](#); [20.18](#); [Mc 8.31](#); [Lc 9.22](#)), traição por Judas ([Mt 17.22](#); [26.24-25](#); [Mc 14.21,41](#)), rejeição pelos líderes judeus ([Mt 20.18](#)), morte por crucificação ([Mt 20.19](#); [Mc 9.12](#), 31; [10.33](#)), sepultamento por três dias ([Mt 12.40](#); [Lc 11.30](#)) e ressurreição ([Mt 17.22-23](#); [Mc 8.31](#)).

No famoso texto “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” ([Mt 20.28](#); [Mc 10.45](#)), Jesus ensina que sua morte foi um sacrifício substituto para a salvação de seu povo. Esta ideia vem do

entendimento de Jesus de si como o Servo sofredor do Senhor ([Is 53](#)).

Jesus também usou o título “Filho do Homem” para ensinar sobre sua segunda vinda. Como Filho do Homem, Jesus voltará para a terra do céu na glória de seu Pai com os anjos ([Mt 16.27](#); [Mc 8.38](#); [Lc 9.26](#)). Primeiro, ele estará sentado à direita de Deus, e então ele virá novamente ([Mt 26.64](#); [Mc 14.62](#); [Lc 22.69](#)) com as nuvens ([Mt 24.30](#); [Mc 13.26](#); [Lc 21.27](#)). Esta vinda será inesperada ([Mt 24.27](#); [Lc 12.40](#)), como um relâmpago ou o dilúvio de Noé ([Mt 24.37](#); [Lc 17.24](#)). Sua vinda será para a reunião dos eleitos; o julgamento de todas as nações da terra ([Mt 19.28](#); [25.32](#)); e a restauração da justiça final no mundo ([19.28](#); [25.46](#)).

Nessas passagens, Jesus muda o foco da vitória provisória em seu sofrimento e ressurreição para a vitória final do Filho do Homem em sua segunda vinda. Novamente, o destaque está na origem celestial e privilégios divinos do Filho do Homem. Este homem Jesus, o Filho do Homem, será o juiz final (cf. [Atos 17.31](#)).

O Evangelho de João tem seu próprio material distinto sobre o Filho do Homem. Os anjos são ditos para ascender e descer sobre o Filho do Homem ([Jo 1.51](#)), significando assim que ele é uma pessoa que existia antes do tempo e veio do céu para a terra ([3.13](#); [6.62](#)). Seu ser levantado (pela crucificação) trará vida eterna para todos os que acreditam nele ([3.14](#)). O Filho do Homem ([3.14](#)) também é o Filho de Deus ([3.16](#)), o único Filho de Deus ([1.18](#); [3.18](#)). De forma bem simples, no Evangelho de João, o título “Filho do Homem” é equivalente ao título “Filho de Deus”. Revela sua divindade, existência antes do tempo, origem celestial e privilégios divinos. Afirma sua presente condição terrena para revelação e sofrimento, e sua futura glória do fim dos tempos. O Pai deu ao Filho do Homem autoridade para ressuscitar os mortos e julgar o mundo ([5.25-27](#)).

Ver também Cristologia; Jesus Cristo, Ensinaamentos de; Messias; Filho de Deus.

Filhos de Deus

Veja Filhos e filhas de Deus.

Filhos do Éden

Nomenclatura utilizada na Almeida Revista e Corrigida para os habitantes de Bete-Éden, uma cidade-estado aramaica conquistada pela Assíria, em [2Rs 19.12](#). *Veja* Bete-Éden.

Filhos Do Trovão

Tradução da palavra “Boanerges”, o sobrenome dado por Jesus a Tiago e João ([Mc 3.17](#)). *Ver* Boanerges.

Filhos e filhas de Deus

Expressão que designa seres humanos que nasceram de Deus e se tornaram parte de sua família. Quando a Bíblia fala dos filhos de Deus, não pretende excluir as mulheres. O termo “filhos” inclui todos os crentes. Mas as Escrituras quase sempre usam a palavra “filhos” — com uma exceção no NT, [2 Coríntios 6.18](#), em que o povo de Deus é chamado de “filhos e filhas”.

Desde o início, Deus Pai desejou ter muitos filhos e filhas compartilhando a imagem e semelhança de seu Filho amado. Pode-se dizer que seu único Filho lhe trouxe tanta satisfação que ele ansiava por ter muitos mais. Isso pode ter sido o impulso para a criação do universo e, mais especificamente, dos seres humanos (veja [Gn 1.26-27](#)). [Provérbios 8](#) indica que Deus se deleitava com os filhos dos homens. Isso é novamente expresso no NT, especialmente no livro de Efésios. Os versículos iniciais de Efésios ressoam com essa nota: o desejo do coração de Deus era obter muitos filhos em e através de seu Filho. Os muitos filhos, em união com o Filho único, trariam grande glória e satisfação ao Pai.

Paulo usou uma palavra grega em [Efésios 1.5,9](#) e [11](#) que transmite a ideia de desejo, até mesmo desejo do coração. A palavra é geralmente traduzida como “vontade” — “a vontade de Deus”. Mas a palavra “vontade” oculta o significado principal. A palavra grega (thelema) é primariamente uma palavra emocional e secundariamente volitiva. A vontade de Deus nesse contexto expressa mais o desejo do coração de Deus do que apenas uma intenção. Na verdade Deus tem sim uma intenção, um propósito, um plano. Isso é chamado de prothesis em grego (veja [Ef 1.11](#)), e literalmente significa “uma disposição antecipada” (como um plano). Este plano foi criado pelo conselho de Deus (chamado

boule em grego, [Ef 1.11](#)). Mas por trás do plano e do conselho não estava apenas uma mente brilhante, mas um coração de amor e de bom prazer. Portanto, Paulo fala sobre “o bom prazer do desejo do coração de Deus” (v [5](#)). Paulo também diz: “Ele nos revelou o mistério do seu desejo do coração, segundo o seu bom prazer que ele propôs nele” (v. [9](#)).

O impulso do propósito eterno de Deus veio do desejo de um coração, e esse desejo era ter muitos filhos feitos à semelhança de seu único Filho (veja [Rm 8.26-28](#)). Em amor, ele predestinou muitas pessoas para participar desta “filiação” — não por seus próprios méritos, mas por virtude de estarem unidas ao Filho ([Ef 1.4-5](#)). Observe com que frequência em [Efésios 1](#) Paulo fala da posição dos crentes “nele”. Fora dele (o Filho), ninguém poderia ser filho de Deus e ninguém poderia agradar ao Pai. Os muitos filhos e filhas devem todos os seus privilégios divinos ao Amado, como aqueles que receberam graça por meio dele (v. [6](#)). Se não fosse pela satisfação de Deus em seu Filho amado, não haveria a inspiração para a criação do homem em primeiro lugar. Os humanos existem porque Deus quis obter muitos filhos e filhas, cada um portando a imagem do Filho único de Deus. As pessoas agradam a Deus e lhe trazem satisfação por estarem unidas àquele que sempre o satisfaz. À parte do Filho, ninguém tem acesso ao Pai. Mas por causa da redenção do Filho, todos os crentes têm o direito de se tornarem filhos de Deus ([Jo 1.12](#)) e agora têm acesso ao Pai através do Filho ([14.6](#)).

Filipe

1. Apóstolo que é colocado em quinto lugar em cada uma das listas dos doze após os dois pares de irmãos, Simão Pedro e André, e Tiago e João ([Mt 10.3](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.14](#)). João diz que quando João Batista testemunhou de Jesus com as palavras: “Eis o Cordeiro de Deus!” dois de seus discípulos começaram a seguir Jesus, e que um desses dois era André, que então declarou a seu irmão Simão Pedro: “Encontramos o Messias” e o levou a Jesus. (O outro discípulo anônimo era provavelmente o próprio João, o escritor deste relato). No dia seguinte, Jesus foi para a Galileia e lá encontrou Filipe, e dirigiu-se a ele, chamando: “Siga-me”. João acrescenta que Filipe era de Betsaida. Filipe por sua vez encontrou Natanael e lhe disse: “Encontramos aquele de quem Moisés na lei e também os profetas escreveram”, e convidou Natanael para vir e ver por si mesmo. Natanael estava cético que qualquer

bem poderia sair de Nazaré ([Jo 1.35-51](#), NTLH). A partir disso, conclui-se que Filipe foi um dos primeiros a seguir Jesus e que ele não perdeu tempo em persuadir os outros a fazer o mesmo.

Como os outros apóstolos, no entanto, ele ainda tinha muito a aprender sobre a pessoa e o poder de Cristo. Daí, a pergunta teste de Jesus a ele na ocasião da alimentação dos 5.000: “Como compraremos pão para que essas pessoas comam?” e a resposta perplexa de Filipe de que mesmo que eles tivessem 200 denários (isto é, uma grande soma, aproximadamente o salário de uma pessoa por meio ano), não comprariam pão suficiente para cada um receber pelo menos um pouco de comida ([Jo 6.5-7](#)). O milagre resultante ensinou a ele que a alimentação desta multidão não apresentava problema para aquele que é o Senhor de toda a criação. A próxima aparição de Filipe é em Jerusalém após a entrada triunfal de Cristo na cidade, quando “alguns gregos” (isto é, não judeus de língua grega) se aproximaram dele com o pedido “Senhor, queremos ver Jesus”. Filipe informa André, e juntos, eles os levam a Jesus ([12.20-22](#)). Isso talvez indique que Filipe era uma pessoa a quem os outros achavam prontamente acessível, e também que falava grego. No cenáculo, antes de sua prisão e julgamento, Jesus aproveitou a oportunidade para dar instruções adicionais a Filipe, que havia dito: “Senhor, mostra-nos o Pai, e ficaremos satisfeitos”. Filipe esperava, talvez, com toda a devoção, pelo privilégio de alguma revelação especial (que lembra o pedido de Moisés, [Êx 33.18](#)). Mas Jesus o ensinou que ele mesmo, o Filho encarnado, é a revelação completamente suficiente do Pai para a humanidade ([Jo 14.8-10](#)).

Há uma tendência de confundir o apóstolo com o evangelista (veja abaixo) de mesmo nome. Parece provável, no entanto, que após pregar em várias partes, o apóstolo se estabeleceu em Hierápolis, uma cidade da província romana da Ásia, e lá morreu. Se sua morte foi natural ou um martírio, é incerto.

Veja também Apóstolo, Apostolado.

2. Judeu helenista e um dos sete homens nomeados pela igreja em Jerusalém para supervisionar o ministério diário de assistência às viúvas empobrecidas da comunidade cristã. Todos eles, incluindo Filipe, tinham nomes gregos, e um deles, Nicolau, era um prosélito (isto é, não um judeu de nascimento). Se eles eram considerados diáconos no sentido técnico não fica absolutamente claro no relato; esta ocasião, no entanto, tem sido geralmente aceita como a origem da ordem do

diaconato ([Atos 6.1-7](#)). Dos sete, Estêvão e Filipe são os únicos de quem temos algum registro adicional no NT. Eles são descritos como homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria (v. 3).

Que Filipe se tornou conhecido como “o evangelista” é evidente em [Atos 21.8](#). A designação era devidamente merecida, pois quando os cristãos de Jerusalém foram espalhados pela perseguição liderada por Saulo de Tarso, Filipe foi para uma cidade de Samaria e proclamou o evangelho lá com tal poder que um grande número de pessoas se converteu alegremente a Cristo ([Atos 8.1-8](#)). No meio desta obra extraordinária, Filipe foi divinamente instruído a deixar Samaria e descer para a área do deserto, na parte sul do país. Humanamente falando, para ele se ausentar das multidões, que estavam respondendo tão avidamente à sua pregação, e ir para o território desabitado no sul, deve ter parecido tolice. No entanto, Filipe se mostrou não apenas sensível, mas também obediente à vontade de Deus e seguiu esta orientação sem questionar. No deserto, ele encontrou não uma multidão, mas uma única pessoa, um importante oficial da corte etíope que havia visitado Jerusalém e que agora, estava voltando para a África. A sabedoria de Deus em dirigir Filipe para este lugar foi totalmente justificada, pois o etíope estava lendo [Isaías 53](#), o grande capítulo do “evangelho” do AT. Filipe lhe transmitiu as boas novas de que esta profecia apontava para Jesus Cristo. Em seguida, o etíope acreditou e foi batizado, e seguiu seu caminho regozijando-se (vv. [25-40](#)). A conversão desta pessoa significava não apenas que Filipe foi o primeiro a proclamar o evangelho a um gentio, mas também que o evangelho foi levado por este oficial da corte etíope para o continente da África.

O orgulho nacionalista predominante dos judeus era tal que eles desprezavam os samaritanos e consideravam os gentios como cerimonialmente impuros. Mas Filipe, por sua ardente pregação de Cristo, primeiro aos samaritanos, e depois aos etíopes, refletiu a maneira pela qual o evangelho penetrou nas barreiras sociais e dissolveu os preconceitos raciais e demonstrou que a graça de Deus em Cristo Jesus está disponível gratuitamente para todos. Posteriormente, Filipe fez sua casa na cidade costeira de Cesareia. Lá, ele acolheu hospitaleiramente Paulo e Lucas quando estavam a caminho de Jerusalém no final da terceira jornada missionária do apóstolo. Lucas nos diz que Filipe tinha quatro filhas solteiras que eram profetisas ([Atos 21.8-9](#)). Não muito tempo depois, quando

Paulo estava preso em Cesareia por dois anos, a bondade e amizade de Filipe devem ter significado muito para ele ([23.31-35](#); [24.23, 27](#)).

3. Filho de Herodes, o Grande, e Cleópatra e meio-irmão de Antipas, cuja mãe era Maltace. Ele é chamado de Herodes em [Lucas 3.1](#). Este foi tetrarca da Pereia e da Galileia de 4 a.C. a 39 d.C.; Filipe foi tetrarca da Itureia e Traconite (além de certos outros territórios) ao nordeste da Galileia por 37 anos (4 a.C. a 33 d.C.). Sua esposa era sua sobrinha Salomé, que dançou para Herodes em troca da cabeça de João Batista ([Mt 14.3-12](#); [Mc 6.17-29](#)).

Veja também Herodes, Família Herodiana.

4. Filho de Herodes, o Grande, e de Mariamne, e marido da mãe de Salomé, Herodias, que o deixou para se tornar a amante de seu meio-irmão Herodes Antipas. Foi por este relacionamento imoral que João Batista repreendeu Herodes e mais tarde foi preso e decapitado ([Mt 14.3-12](#); [Mc 6.17-29](#); [Lc 3.19-20](#)).

Filipenses, Carta aos

Uma das cartas que Paulo escreveu enquanto estava preso.

Resumo

- Autor
- Data e origem
- Contexto
- Temas teológicos
- Conteúdo

Autor

Filipenses é semelhante a 2 Coríntios, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemom porque Paulo compartilhou a autoria com Timóteo. O nome de Timóteo aparece no início dessas cartas, mas ele provavelmente atuou apenas como secretário de Paulo.

Data e origem

Paulo escreveu da prisão ([Fp 1.12-13](#)), mas não sabemos onde ele estava detido. Roma é o local mais provável, datando por volta de 62 d.C.. No entanto, alguns acham que as viagens mencionadas em [Filipenses 4.14](#) e [2.25-26](#) tornam Roma improvável. Os filipenses ouviram que Paulo estava na prisão e enviaram um presente com Epafras.

Epafras então ouviu em Roma que os filipenses sabiam que ele estava doente. Por causa disso, alguns sugerem Éfeso por volta de 55 d.C., ou Cesareia por volta de 58 d.C.. Paulo foi preso em Cesareia ([At 23.33-35](#)), mas a saudação “da casa de César” é difícil de explicar se escrita lá. Éfeso é perto o suficiente de Filipos para comunicação frequente, mas Atos não registra uma prisão lá. Teríamos que supor que o relato de Lucas em [Atos 19](#) está incompleto e que Paulo estava sob custódia protetora durante o tumulto (veja especialmente [Atos 19.30-31](#)). No entanto, tal prisão provavelmente não faria Paulo se perguntar se seu tempo “deixar esta vida e estar com Cristo” havia chegado ([Fp 1.23](#)). No momento da escrita, ele estava claramente enfrentando uma acusação séria.

A localização tradicional, Roma, parece a mais adequada. Paulo foi preso lá por pelo menos dois anos ([At 28.30](#)), e levava cerca de três semanas para viajar de Roma a Filipos.

Contexto

Filipos era uma colônia romana ([At 16.12](#)), um privilégio raro para cidades fora da Itália. Cerca de 90 anos antes do evangelho chegar lá por volta de 50 d.C., muitos soldados romanos se estabeleceram na cidade, expandindo-a significativamente. Seus oficiais comandantes facilitaram esse assentamento. Como resultado, Filipos ganhou seu status de colônia, o que significava que seus cidadãos eram tratados como se vivessem na Itália, com uma administração totalmente romana. Paulo refere-se a esse status em [Filipenses 3.20](#), ensinando que os cristãos são cidadãos de uma cidade celestial enquanto vivem em outro lugar. Filipos era um lugar rico e movimentado, um importante centro na Macedônia. Era lar de seguidores de muitas religiões tanto do Leste quanto do Oeste. Havia uma forte comunidade judaica e muitos pagãos.

Temas teológicos

O encarceramento de Paulo é central para a mensagem da carta, não apenas como informações de fundo. Durante seu encarceramento, ele experimentou a humildade mencionada em [Filipenses 4.12](#), usando a mesma palavra encontrada em [2.8](#) para descrever a auto-humilhação de Cristo até a morte. O padrão do ministério de Jesus descrito no “hino” de [Filipenses 2.6-11](#) — humilhação seguida de glorificação — reflete a vida de Paulo e a visão que ele compartilha

com os filipenses. Junto com a humilhação e o sofrimento, a alegria é outro tema importante da carta. A verdadeira alegria emerge do sofrimento e do autossacrifício. De fato, Filipenses poderia ser chamada de “A Epístola da Alegria”. Outros temas importantes incluem o evangelho, o Dia do Senhor, e uma comparação do passado judaico de Paulo com sua experiência cristã atual ([Fp 3.4-16](#)), além do famoso “hino” em [Filipenses 2](#).

Conteúdo

Saudação e oração de abertura (1.1-11)

No primeiro parágrafo de sua carta, Paulo introduz os temas principais nos quais ele se concentrará. Seu calor pessoal em relação aos filipenses é claro: “Vocês estão sempre no meu coração... o meu grande amor por todos vocês” ([Fp 1.7-8](#)). Esta ideia de amor e sofrimento permeia toda a carta. Também é notável que a carta começa e termina com os temas de “graça” e “os santos” ([Fp 1.1-2](#); [4.21-23](#)). A graça de Cristo, que alcança as pessoas pecadoras e as transforma, separando-as do mundo, é um foco chave para Paulo. “Os santos” são aqueles que, tocados por essa graça, são transformados em coração e mente, permitindo que seu amor cresça em conhecimento e discernimento ([Fp 1.9](#)).

Dois temas importantes aparecem aqui. A palavra grega *phroneo*, que significa “pensar”, é usada mais em Filipenses do que em qualquer outra carta de Paulo, aparecendo nove vezes em comparação com sete em Romanos. Infelizmente, as traduções em português não a traduzem de forma consistente, tornando difícil para os leitores perceberem sua repetição e o foco no uso correto da mente. Para Paulo, isso é crucial: como pensamos é central para a vida cristã. Nestes versículos iniciais, ele deixa claro que o amor que sente pelos filipenses reflete a maneira cristã de pensar sobre eles ([Fp 1.7](#): “E é justo que eu me sinta assim a respeito de vocês”). Isso naturalmente leva a outro foco — crescimento. A “mente cristã” não se desenvolve da noite para o dia. Paulo ora para que essa mente cresça, dando aos filipenses discernimento que transformará seu caráter e os preparará para “o dia da vinda de Cristo” ([Fp 1.10-11](#); veja também [1.6](#)).

Nesta oração de abertura, vemos um foco no evangelho e na comunhão. Paulo agradece aos filipenses por sua parceria no evangelho ([Fp 1.5](#); veja também [1.7](#)). Ele também introduz o importante tema da alegria ([Fp 1.4](#)). Esses três elementos são cruciais para toda a carta.

Paulo e seu encarceramento: Cristo exaltado (1.12-26)

Paulo escreve sobre sua situação para destacar o cerne de sua mensagem. Quando ele diz: "Pois para mim viver é Cristo" (Fp 1.21), ele quer dizer mais do que apenas passar cada momento em comunhão com o Senhor e servi-lo. Ele também quer dizer que ele demonstra Cristo através de sua própria vida e experiências. Mais tarde, ele dirá: "Ponham em prática o que vocês receberam e aprenderam de mim, tanto com as minhas palavras como com as minhas ações" (Fp 4.9). Poucos ministros cristãos fariam tal afirmação hoje. No entanto, Paulo acreditava que, como apóstolo de Cristo, ele tinha o privilégio não apenas de falar por Cristo, mas também de viver a vida de Cristo em suas próprias ações, mesmo que isso significasse sofrimento e humilhação.

Existem dois desafios principais aqui:

19. É difícil entender a situação que Paulo menciona em [Filipenses 1.12-18](#). A igreja em Roma, se esse for o local dele, estava dividida sobre sua prisão. Alguns crentes estavam realmente felizes que ele estava na cadeia. Sua prisão parecia motivá-los a pregar sua própria versão do evangelho. Em vez de ficar chateado, Paulo estava feliz. "Mas que importa?" ele pergunta (Fp 1.18). Seja por amigo ou inimigo, Cristo estava sendo proclamado de uma nova maneira por causa de sua prisão (Fp 1.14). Paulo geralmente defendia a pureza da Palavra, então esses rivais provavelmente não eram hereges.
20. O outro desafio histórico envolve [Filipenses 1.19-26](#). A princípio, Paulo parece incerto sobre o resultado de sua prisão (Fp 1.19-21). Em seguida, ele sugere que pode escolher entre a vida e a morte (Fp 1.22). Finalmente, ele diz aos filipenses que está confiante de que permanecerá vivo (Fp 1.25). A melhor explicação é que Paulo acreditava que o Espírito Santo pessoalmente o assegurou de que sua prisão não levaria à sua execução.

A atitude dele em relação à própria morte é muito comovente. Ele esperava ser resgatado, seja pela vida ou pela morte (Fp 1.19-20), e tinha forte confiança de que morrer é "bem melhor" (Fp 1.23) porque significa estar "com Cristo." Esta seção termina de forma alegre.

A vida digna do evangelho (1.27-2.18)

Esta seção termina com "alegria", assim como a última, e sua mensagem principal está no chamado inicial de [Filipenses 1.27](#). Paulo desejava que os filipenses não tivessem diferença entre o que dizem e o que fazem, onde o evangelho que acreditam é o evangelho que vivem. A seção está dividida em quatro partes, intituladas da seguinte forma:

21. Viver dignamente em um mundo desafiador (Fp 1.27-30)
22. Viver dignamente em comunhão cristã (Fp 2.1-4)
23. O evangelho que nos inspira (Fp 2.5-11)
24. Prioridades para vidas dignas do evangelho (Fp 2.12-18)

Paulo não queria que os Filipenses pensassem que ele estava em uma situação pior do que a deles. Ele escreveu: "Agora vocês podem tomar parte comigo na luta. Como vocês sabem, a luta que vocês viram que tive no passado é a mesma que ainda continua" (Fp 1.30). Sofrer em um mundo hostil faz parte de ser um discípulo cristão. Se acreditamos em um evangelho sobre alguém que, embora igual a Deus, deixou a glória do céu e enfrentou não apenas a encarnação, mas também uma morte terrível (Fp 2.6-8), então devemos ver o sofrimento não como um fardo, mas como um privilégio. "Pois ele tem dado a vocês o privilégio de servir a Cristo, não somente crendo nele, mas também sofrendo por ele" (Fp 1.29).

Os crentes precisam de unidade para enfrentar a hostilidade do mundo. Eles devem permanecer juntos, lutando pelas boas-novas (Fp 1.27). Acreditar em um único evangelho cria uma frente unida contra o mundo, não apenas uma defensiva. O tema da unidade continua em [Filipenses 2](#), onde Paulo discute a vida dentro da comunhão (2.1-4). Ele sugere que a unidade externa é impossível sem verdadeira unidade em amor, espírito e propósito (Fp 2.2), independentemente de sua situação. Essa unidade requer ternura e compaixão entre eles (Fp 2.1). A progressão em [Filipenses 2.1](#) atinge seu

ápice com essa ideia, levando ao famoso “hino” em [Filipenses 2.6-11](#). Tal ternura só prosperará se eles acreditarem no evangelho celebrado no hino.

É impossível saber se [Filipenses 2.6-11](#) era um hino real cantado no culto cristão primitivo. A linguagem de Paulo tem uma qualidade hínica, mas não é poética. Muitos estudiosos acreditam que Paulo não escreveu esses versos ele mesmo, mas citou uma peça litúrgica bem conhecida. O que é certo é que seu estilo de linguagem muda, e ele expressa ideias únicas aqui.

O hino se encaixa perfeitamente em seu contexto e é o coração de toda a carta. Ele mostra como prisão e libertação, juntamente com sofrimento e alegria, refletem as próprias experiências de Jesus. Jesus morreu e ressuscitou, foi humilhado e depois glorificado.

Dois exemplos e amigos dignos (2.19-30)

Paulo escreve sobre sua situação e planos, mas esta seção é mais do que apenas detalhes práticos. Ele explica por que enviou a carta com Epafrodito em vez de Timóteo. Ele os usa como exemplos de viver pelo evangelho, que ele havia acabado de discutir. Timóteo “é o único que se preocupa com vocês... se interessa pelo bem-estar de vocês” ([Fp 2.20](#)) porque busca os interesses de Jesus Cristo, não os seus próprios ([2.21](#)). Ele vive o evangelho e está comprometido com seu trabalho ([Fp 2.22](#)). Epafrodito é semelhante, mas de uma maneira diferente. Sua conexão com Jesus se mostra em sua doença e na dor de estar separado dos outros. Como Jesus, ele arriscou sua vida ([Fp 2.30](#)) e foi restaurado à vida ([2.27](#)). Agora, ele retornará aos filipenses, e sua alegria compartilhada demonstrará ainda mais o evangelho.

Avançando e mantendo-se firmes (3.1-4.1)

Esta seção começa e termina com alegria ([Fp 3.1; 4.1](#)) — não por acaso. O caminho da cruz que Paulo descreve é também um caminho de alegria (veja [Hebreus 12.2](#)). Também começa e termina com a frase “meus irmãos”, o que é intencional. Paulo escreve sobre si mesmo, sugerindo que sua experiência é típica. Ele encoraja os leitores a esperar e buscar o mesmo padrão em suas vidas. Ele escreveu: “Meus irmãos, continuem a ser meus imitadores. E olhem com atenção também os que vivem de acordo com o exemplo que temos dado a vocês” ([Fp 3.17](#)). Depois de apresentar Timóteo e Epafrodito como exemplos em [Filipenses 2.19-30](#), Paulo agora usa a si mesmo como exemplo.

O tom muda drasticamente em [Filipenses 3.2](#) quando Paulo adverte os filipenses sobre “esses cachorros”, provavelmente os mesmos que ele chama de “seus inimigos” em [Filipenses 1.28](#). Anteriormente, ele se concentrou na força interior dos filipenses contra eles, sem especificar quem eram. Agora, ele os examina de perto para mostrar aos filipenses que a vida cristã exige uma reversão completa dos valores de seus oponentes.

Eram provavelmente judeus, semelhantes aos de [Atos 17.5](#), que se opuseram ao trabalho de Paulo em Tessalônica. Eles acreditavam ser o povo escolhido de Deus, mas Paulo via isso como uma confiança no esforço humano ([Fp 3.4](#)). Eles pensavam que a justiça vinha da obediência estrita à lei de Deus em todos os aspectos da vida. No entanto, Paulo argumentava que isso era buscar uma justiça pessoal ([Fp 3.9](#)), não relacionada à justiça que Deus oferece. Paulo insistia apaixonadamente que o verdadeiro caminho para ser o povo de Deus é através da abnegação. Ele considerava tudo o que antes valorizava como judeu como sem valor ([Fp 3.8](#)), uma perda por causa de Cristo ([3.7](#)). A única maneira de alcançar a justiça é através da fé em Cristo ([3.9](#)). Os cristãos devem se tornar como Cristo em sua morte para experimentar o poder de sua ressurreição ([3.10](#)). Para Paulo, morrer com Cristo significava não apenas suportar a prisão e outras dificuldades por Cristo, mas também abrir mão de todos os aspectos valorizados de sua herança judaica.

Pensando, regozijando, compartilhando (4.2-23)

O tom muda repentinamente tanto em [Filipenses 4.2](#) quanto em [4.10](#). Alguns estudiosos acreditam que um editor compilou Filipenses a partir de diferentes cartas. No entanto, quando Paulo se dirige a Evódia e Síntique em [Filipenses 4.2](#), ele não muda de assunto. A conexão com a última seção é semelhante à ligação entre [Filipenses 1.27-30](#) e o primeiro parágrafo em [Filipenses 2](#). Como os cristãos podem se manter firmes contra os inimigos da cruz de Cristo ([Fp 3.18](#)) se estão divididos? Se há apenas um evangelho, a desarmonia entre os cristãos significa que o evangelho não é totalmente eficaz. Portanto, Evódia e Síntique são instadas a “viver bem uma com a outra como irmãs na fé” ([Fp 4.2](#)). Elas são lembradas de sua unidade passada quando trabalharam juntas pelo evangelho ([Fp 4.3](#)).

Paulo os encoraja a concordar, mas isso não significa que eles devem ter as mesmas opiniões

sobre tudo. Significa que eles devem compartilhar um amor comum por Cristo e pelo evangelho. No restante da carta, Paulo explica o que essa unidade significa na prática — tanto o que deveria significar quanto o que significou para os filipenses. Usar a mente é importante, e em [Filipenses 4.4–9](#), Paulo descreve a vida cristã. Ele enfatiza a oração cuidadosa e inteligente ([Fp 4.6–7](#)) e o foco da mente em “tudo o que é bom e merece elogios” ([Fp 4.8](#)). Esse foco levará a uma vida cheia de paz e alegria, independentemente das circunstâncias.

Paulo agradece à igreja de Filipos por sua unidade e apoio, apesar de alguma desarmonia. Eles demonstraram sua unidade com Paulo enviando um presente através de Epafrodito. Paulo escreve, “você fizeram bem em me ajudar nas minhas aflições” ([Fp 4.14](#)). Isso nos lembra do hino em [Filipenses 2.6–11](#). O evangelho fala daquele que veio do céu para carregar nossos fardos, levando ao compartilhamento mútuo. Paulo mostra uma atitude positiva em relação à sua situação: “Sei o que é estar necessitado [a mesma palavra que em [Filipenses 2.8](#)] e sei também o que é ter mais do que é preciso” ([Fp 4.12](#)). Estando unidos com Cristo, não nos preocupamos com nossas necessidades. Em vez disso, compartilhamos quaisquer desafios ou sucessos que ele nos proporciona, confiando que Deus suprirá todas as nossas necessidades “de acordo com as gloriosas riquezas que ele tem para oferecer por meio de Cristo Jesus”. ([Fp 4.19](#)).

Veja também Paulo, O Apóstolo; Filipos.

Filipos

Pequena vila da Trácia (conhecida no mundo antigo como “As Fontes”) até cerca de 357 a.C., quando o pai de Alexandre, o Grande, Filipe II da Macedônia, conquistou o local e o reconstruiu. Ele deu à vila o seu nome (“Cidade de Filipe”), fortificou-a como uma fortaleza militar para subjugar a área e explorou as minas de ouro próximas. Duzentos anos depois, na era romana, tornou-se uma cidade principal de um dos quatro distritos romanos em que a Macedônia foi dividida. No entanto, por estar a cerca de 16 quilômetros para o interior do porto de Neápolis, seu crescimento foi limitado. A vizinha Anfípolis (sudoeste) era o centro do governo romano.

Filipos ganhou fama mundial em 42 a.C. como o local onde os exércitos imperiais de Antônio e Otaviano derrotaram os generais republicanos Bruto e Cássio (os assassinos de Júlio César). A

vitória abriu caminho para o surgimento do Império Romano sob o governo de Otaviano (Augusto).

Veteranos da guerra de 42 a.C. e de outras batalhas comumente se estabeleceram em Filipos. Quando Paulo chegou à cidade, ela ainda refletia sua herança militar latina. Situada na Via Egnácia, era uma parada naquela grande estrada militar que conectava o Adriático ao Egeu. Possuía um orgulho cívico distinto, pois era uma colônia romana (desfrutando de inúmeros privilégios, como isenções fiscais), promovia o latim como sua língua oficial e abrigava numerosos cidadãos romanos. Seu governo era modelado na constituição municipal de Roma (seu líder ostentando títulos romanos por toda parte), e as pessoas viviam como se estivessem de fato localizadas na Itália. Como Lucas registra em [Atos 16.21](#), os cidadãos se viam como romanos.

Paulo visitou a cidade em sua segunda viagem missionária e anos depois escreveu uma carta à igreja. O relato de Atos dá atenção detalhada à visita de Paulo. A narrativa refere-se regularmente à herança romana da cidade: não apenas Paulo emprega com sucesso sua cidadania romana em sua defesa ([At 16.37](#)), mas os magistrados da cidade têm o digno título latino de *pretor* (dado em sua tradução grega, *strategos* — vv. [20–22.38](#) — e que as Bíblias em português traduzem como “magistrado”). Parece ter havido uma pequena comunidade judaica aqui. A igreja começou com mulheres judias crentes que se reuniam fora da cidade porque não havia sinagoga. Mais tarde, elas se reuniram na casa de uma importante convertida chamada Lídia (vv. [14–15.40](#)).

Alguns sugeriram que Lucas pode ter tido um interesse especial em Filipos, demonstrado por sua atenção cuidadosa à cidade e pelas seções de “nós” no livro de Atos. A primeira seção de “nós” (quando Lucas se junta a Paulo) começa e termina em Filipos ([At 16.10.40](#)). Isso sugere que Lucas ficou na cidade após a partida de Paulo. Então, na terceira viagem, Lucas se junta a Paulo novamente quando o apóstolo passa por Filipos ([20.6](#)).

Filístia, filisteus

Pequeno país situado no sudoeste da Palestina, ao longo da costa do Mediterrâneo; povo Egeu que se estabeleceu na planície marítima de Canaã.

Resumo

- Território
- O povo
- Governo
- Religião e objetos cerimoniais
- Os filisteus e Israel

Território

Estritamente falando, Filístia é aquela parte da planície marítima chamada de planície de Filístia, estendendo-se do Wadi el-Arish (Rio do Egito) no sul, cerca de 112 quilômetros ao norte até o Nahr el-Aujah, 8 quilômetros ao norte de Jope. Perto de Gaza, a planície atinge sua maior largura, cerca de 48 quilômetros. Há dunas de areia perto da costa, mas a maior parte da área é muito fértil e produz uma abundância de grãos (cf. [Jz 15.1-5](#)) e frutas.

A principal rodovia entre o Leste e o Egito ficava ao longo da costa. Isso era uma vantagem comercial para os filisteus, mas os deixava vulneráveis a invasões estrangeiras. Deus não conduziu Israel do Egito a Canaã por essa rota mais curta através da terra dos filisteus, porque não queria que eles enfrentassem combates ferozes dos filisteus (ou talvez de uma guarnição egípcia estacionada lá) tão cedo ([Êx 13.17](#)). Aparentemente, os filisteus tinham pouco a temer dos egípcios, pois alguns estudiosos pensam que os egípcios tiveram participação no estabelecimento dos filisteus na Palestina.

A partir dessa área restrita, os filisteus logo sentiram a necessidade de expandir. As passagens através da Sefelá proporcionavam acesso natural à região montanhosa de Israel. Eles estabeleceram postos avançados no território israelita, e na época da batalha em que Saul e seus filhos foram mortos, os filisteus exerciam controle sobre a cidade de Bete-Seã ([1Sm 31.10](#)).

O povo

A Bíblia afirma que os filisteus vieram de Caftor ([Dt 2.23](#); [Jr 47.4](#); [Am 9.7](#)), geralmente considerado como Creta, embora alguns estudiosos o coloquem na Ásia Menor. A vestimenta dos filisteus, como mostrado em Medinet Habu, é semelhante à dos cretenses, especialmente o cocar. O nome dos queretitas foi equiparado aos cretenses, pois os nomes têm a mesma base consonantal: *c*, *r*, e *t*. Os queretitas eram aparentemente um subgrupo dos filisteus que viviam no Neguebe, não longe de Ziclague, lar de Davi entre os filisteus (cf. [1Sm 30.14](#)). Os queretitas e os peletitas estavam entre

os guarda-costas de Davi, junto com 600 geteus (homens de Gate) (cf. [2Sm 15.19](#); [20.7,23](#); [1Cr 18.17](#)).

O nome filisteus é reconhecível em várias línguas. Em hebraico, eles são conhecidos como os Pelishtim, que foi traduzido para o português como filisteus. Nas fontes egípcias, eles estão listados entre os Povos do Mar e são chamados de *Peleset* ou *Pelest*. Eles são mais conhecidos por sua participação na invasão do Egito pelos Povos do Mar, que foram derrotados por Ramsés III em uma batalha terrestre e marítima no Delta. Cenas detalhadas dessa luta são mostradas em relevo profundo na parede externa norte do templo de Ramsés III em Medinet Habu, em frente a Luxor. Essas representações dão uma ideia do traje e armamento dos filisteus, que são facilmente identificados por seu cocar, feito de penas (ou juncos?).

Essas pessoas se estabeleceram ao longo da costa da Palestina após serem derrotadas por Ramsés, mas é possível que algumas tenham permanecido em Canaã a caminho do Egito. Talvez uma migração anterior para a Palestina tenha ocorrido, possivelmente antes da época dos patriarcas.

Governo

Filístia não tinha um único governante sobre toda a sua terra; as cidades eram independentes, funcionando como cidades-estado. Os líderes dessas cidades não eram chamados de reis, mas na Bíblia eram mencionados como "senhores" ou "governantes" (e.g., [1Sm 5.11](#); [6.12](#); [29.2](#)), e havia cinco deles, correspondendo às cinco principais cidades que compunham a Pentápolis Filisteia: Gaza, Asquelom, Asdode, Gate e Ecrom ([1Sm 6.17](#); cf. [Jr 25.20](#)). O povo tinha voz em questões que lhes diziam respeito — por exemplo, o retorno da Arca da Aliança ([1Sm 5.6-12](#)) — mas as grandes decisões eram tomadas por votação majoritária dos cinco senhores. Enquanto Davi e seus homens viviam em Ziclague, por exemplo, os filisteus planejaram uma grande campanha militar contra Israel. Davi estava sujeito a Aquis, rei de Gate, que pediu a Davi para se unir aos filisteus contra Israel. Davi concordou com isso, mas quando os senhores filisteus descobriram que Davi estava presente, eles reclamaram e votaram para excluí-lo (cap. [29](#)).

Religião e objetos cerimoniais

Os deuses que os filisteus trouxeram com eles parecem ter sido abandonados relativamente cedo em favor das divindades cananeias. Um deus

filisteu primário mencionado na Bíblia é Dagom, um deus do grão. Templos para Dagom foram encontrados em Ras Shamra (Ugarit) e Mari. A Bíblia menciona um templo de Dagom em Gaza ([Jz 16.23-30](#)) e outro em Asdode ([1Sm 5.1-5](#)).

Os filisteus e Israel

As várias formas de “filisteu” e “Filístia” aparecem quase 300 vezes no AT, principalmente nos livros de Juízes e Samuel. A ocorrência mais antiga está em [Gênesis 10.14](#), onde é dito que os filisteus vieram dos Casluins, um povo não identificado relacionado aos Caftorins (cf. [1Cr 1.12](#)).

Tanto Abraão quanto Isaque tiveram contatos com os filisteus em Gerar, em incidentes paralelos envolvendo suas esposas ([Gn 20](#); [26](#)). Aqui, no entanto, os filisteus não estão na costa, mas em Gerar e até o leste, em Berseba ([26.33](#)). Em ambas as referências, o rei de Gerar é chamado Abimeleque — um bom nome semítico. Foi sugerido que os filisteus daquela época haviam migrado anteriormente de Creta, mas isso não foi demonstrado.

Após a conquista israelita de Canaã, os filisteus começaram a exercer superioridade sobre os israelitas. Um povo agressivo e militante, os filisteus tinham a vantagem de armas superiores, pois usavam ferro e mantinham um monopólio sobre a fabricação de ferro na área. Seu controle sobre Israel permitiu-lhes proibir a metalurgia em Israel, forçando os israelitas a irem aos filisteus até mesmo para afiar ferramentas ([1Sm 13.19-22](#)). Os israelitas estavam tão mal armados que apenas Saul e Jônatas tinham uma espada ou uma lança (v [22](#)). Instalações para fundição de ferro foram encontradas em Asdode, Tell Qasile, Tell Jemmeh e Tel Mor.

Os relevos de Medinet Habu mostram os filisteus armados com lanças e espadas longas e retas, utilizando grandes escudos redondos para proteção. Eles possuíam carruagens para três homens com rodas de seis raios e transportavam pessoas em carros sólidos de duas rodas puxados por quatro bois. Seus navios eram equipados com uma vela quadrada, semelhante à dos egípcios, e tinham uma proa em forma de pato, que possivelmente era usada para arremeter contra embarcações inimigas.

A apostasia surgiu cedo em Israel, e o Senhor usou os filisteus para castigar seu povo. Sangar libertou Israel matando 600 filisteus com uma aguilhada de boi ([Jz 3.31](#)). O relato de Sansão contém muitos

elementos da vida filisteia ([13.1-16.31](#)). Este registro demonstra que havia casamentos entre israelitas e filisteus, o que era contrário à lei do AT.

A guerra entre Israel e os filisteus é relatada em [1 Samuel 4.1](#), quando os israelitas estavam acampados em Ebenezer e os filisteus em Afeca. Os filisteus venceram aquela batalha e capturaram a Arca da Aliança ([1Sm 4.17](#)), que eles devolveram após sete meses porque o Senhor enviou pragas sobre eles ([5.1-6.21](#)). Mais tarde, quando Samuel se tornou líder, os filisteus atacaram Israel em Mispa, mas Deus deu a vitória a Israel. Nessa ocasião, Samuel ergueu uma pedra memorial e a chamou de Ebenezer (“Pedra de Ajuda”, [7.12](#)). Os filisteus não invadiram Israel novamente durante a vida de Samuel, e Israel recuperou cidades que haviam sido tomadas pelos filisteus (v [14](#)).

A maior atividade dos filisteus em território israelita ocorreu durante o reinado de Saul, o primeiro rei de Israel. Mais de 80 referências aos filisteus estão relacionadas a esse período. Os filisteus estabeleceram postos avançados ou guarnições em várias partes de Israel (cf. [1Sm 10.5](#); [13.3](#)). Jônatas derrotou a guarnição em Geba ([13.3](#)); sua façanha relatada em [1 Samuel 14.1-15](#) levou a uma derrota dos filisteus.

Um confronto entre os exércitos dos filisteus e dos israelitas ocorreu no Vale de Elá, onde os Filisteus desafiaram Israel a fornecer um oponente para enfrentar seu campeão, Golias, em combate singular ([1Sm 17.1-11](#)). O jovem pastor Davi matou Golias; Davi tornou-se um herói, mas o ciúme de Saul fez de Davi um homem perseguido. Enquanto fugia do exército de Saul, os homens de Davi resgataram a cidade de Queila dos filisteus ([23.1-5](#)). Eventualmente, Davi buscou asilo político com Aquis, rei de Gate, que lhe deu a cidade de Ziclague, de onde Davi fez incursões no Neguebe (cap [27](#)).

Quando os filisteus estavam se preparando para a guerra contra Israel, Aquis pediu a Davi para se juntar às forças dos filisteus, e Davi concordou. No entanto, os senhores dos filisteus votaram contra essa participação, pois temiam que Davi se voltasse contra eles ([1Sm 28.1-2](#); [29](#)). Na batalha que se seguiu, Saul e seus filhos foram mortos no Monte Gilboa pelos filisteus ([31.1-7](#)). Os filisteus cortaram a cabeça de Saul, colocaram sua armadura no templo de Astarote em Bete-Seã e penduraram seu corpo na muralha daquela cidade (vv [8-11](#)).

Quando os filisteus souberam que Davi havia se tornado rei, fizeram um esforço para destruí-lo, mas ele os derrotou "de Geba a Gezer" ([2Sm 5.17-25](#)). Davi quebrou o poder dos filisteus, e embora eles tenham tentado novamente guerrear contra Israel, não tiveram sucesso ([21.15-21](#)).

Uzias guerreou contra os filisteus; ele derrubou os muros de Gate, Jabne e Asdode e construiu cidades na Filístia ([2Cr 26.6-7](#)). No reinado de Acaz, os filisteus invadiram a Sefelá e o Neguebe e capturaram várias cidades ([28.18](#)). Ezequias lutou contra os filisteus até Gaza ([2Rs 18.8](#)).

As referências aos filisteus nos profetas são relativamente poucas, embora Jeremias dedique um curto capítulo aos filisteus ([Jr 47](#)). Os filisteus foram gradualmente assimilados à cultura cananeia e desapareceram das páginas da Bíblia e da história secular, deixando o nome Palestina como um monumento à sua presença.

Filo, Judeu

Filósofo judeu helenístico (c. 25 a.C.– 40 d.C.) cujo pensamento apresenta o primeiro grande confronto da fé bíblica com o pensamento grego.

Filho de uma proeminente família alexandrina, Filo foi educado tanto na fé judaica quanto na filosofia e cultura grega. Dos eventos de sua vida, sabemos pouco, exceto que em 40 d.C. ele liderou uma delegação da comunidade judaica em Alexandria ao Imperador Calígula em Roma. A tensão étnica em Alexandria havia crescido à medida que a população judaica aumentava e prosperava. A tensão eclodiu em 42 d.C. em tumultos pelos gregos e na expulsão dos judeus das seções gentias nas quais eles haviam se espalhado. O sucesso comercial dos judeus, particularmente no comércio de trigo, levou a um anti-semitismo intensificado. Dos tumultos surgiram dois tratados apologéticos de Filo Judeu, *Contra Flaco* (Flaco estava governando em Alexandria) e *Embaixada a Calígula* (Calígula era Imperador em Roma).

A comunidade judaica em Alexandria estava completamente helenizada. Até mesmo as Escrituras eram lidas na tradução grega chamada Septuaginta. Apesar de esses judeus viverem e participarem da cultura grega, eles permaneciam ortodoxos. Filo não era exceção. Por um lado, ele observava cuidadosamente a lei mosaica e sustentava que ela é a vontade infalivelmente revelada de Deus, tanto para o povo escolhido de

Deus — os judeus — quanto para os gentios. Por outro lado, Filo era muito grego. Provavelmente conhecia o hebraico apenas de forma imperfeita e recebeu uma educação liberal sob tutores gregos. Sua Bíblia era o AT, especialmente o Pentateuco, que ele considerava mais autoritativo, mas ele a lia na tradução grega. Porque ele acreditava que a Septuaginta era divinamente inspirada, Filo não tinha necessidade de se referir ao texto hebraico original.

Para entender o trabalho de Filo, é preciso reconhecer que a necessidade de chegar a um acordo com a cultura grega não surgiu apenas de uma necessidade prática, mas também do fato de que o judaísmo é uma religião missionária. Os judeus não podiam simplesmente virar as costas para o mundo grego, pois os profetas haviam chamado Israel para ser uma luz para os gentios. A partir de seus estudos, Filo também estava convencido de que há muito de verdadeiro na filosofia grega. Consequentemente, ele estava ansioso para encontrar alguma maneira de correlacionar e harmonizar a verdade revelada biblicamente com os ensinamentos dos filósofos. Como um crente judeu considerando as reivindicações da filosofia grega, Filo foi confrontado com problemas muito semelhantes aos que um cristão enfrenta com as teorias científicas da evolução em nossos dias.

O método que Filo usou para harmonizar as Escrituras com os ensinamentos dos filósofos foi a interpretação alegórica. Este método de interpretação já havia sido praticado por muitos antes de Filo, e muitos outros seguiram seu exemplo. Através do uso deste método, Gênesis poderia ser lido como um mito contemporâneo sobre a condição humana e a busca do homem pela salvação, em vez de uma lenda antiga e um tanto rude (como os gregos a veriam). A leitura adequada do texto não oferece história e geografia antigas, mas sim verdade filosófica e moral. Segundo Filo, Moisés — tanto porque foi divinamente instruído quanto porque alcançou o auge da filosofia — não recorreu a ficções míticas, como fazem poetas e sofistas; ele foi capaz de tornar as ideias visíveis. Usando a interpretação alegórica, Filo encontrou no relato histórico e na lei cerimonial um significado interior e espiritual que incorpora a verdade que ele encontrou no pensamento grego.

Ao lidar com a concepção de Deus, Filo abordou as visões gregas de forma crítica e rejeitou o que era contrário às Escrituras. No entanto, ao lidar com a estrutura e composição do mundo, as Escrituras

são bastante vagas, e assim Filo se sentiu livre para adotar o que parecia mais razoável nos escritos dos filósofos. Ele acreditava que Deus é a fonte tanto da lei mosaica quanto das verdades da filosofia grega. A mente humana é feita à imagem do Logos divino, e por isso tem alguma capacidade de receber e descobrir verdades sobre realidades que vão além do que se sente.

Entre os filósofos, Filo encontrou a visão de Platão mais próxima da verdade. Deus existiu desde a eternidade sem um mundo, e depois de criar o mundo, continuou a existir acima e além dele. Deus é a causa ativa, e este mundo é passivo, incapaz de vida e movimento por si só, mas uma obra-prima perfeita quando posto em movimento, moldado e vivificado por Deus. Além disso, Deus não negligencia sua criação, mas cuida dela e a preserva. Este cuidado é chamado de providência. Enquanto os gregos falavam de uma providência universal que preserva os processos naturais, para Filo a providência adquiriu um novo significado. É o cuidado de Deus por seres individuais, de modo que inclui o poder de suspender as leis da natureza.

Deus é um, mas é a fonte de toda multiplicidade. Ele é imutável e autossuficiente e, portanto, não precisa do mundo. A criação tem sua origem em sua bondade. Embora Moisés tenha dito que o mundo foi criado em seis dias, Deus deve ser pensado como fazendo todas as coisas simultaneamente. O relato de seis dias serve para mostrar que há ordem nas coisas. O mundo visível foi criado a partir do não-ser, do nada. Toda a matéria disponível foi usada na criação, então o mundo é único. O mundo foi criado pela vontade de Deus e pode ser imperecível. Filo pensava que Platão seguiu Moisés ao pensar que o mundo foi criado por Deus.

Quanto à doutrina do Logos, Filo é tanto dependente quanto crítico dos filósofos gregos. Platão afirmou que existem ideias eternas às quais o Artesão ou Criador olhou ao formar o mundo. Filo não podia aceitar essa posição, porque somente Deus é eterno. Ele harmonizou as duas visões afirmando que, desde a eternidade, as ideias existiam como pensamentos de Deus, mas se tornaram um mundo inteligível totalmente formado apenas quando Deus quis criar o mundo visível. O universo das ideias, que não tem localização além da razão divina, é o padrão segundo o qual o mundo sensível foi feito.

Para Filo, o Logos é muito mais do que apenas o instrumento pelo qual o mundo visível foi feito. Também é descrito como "a ideia das ideias", o Filho primogênito do Pai incriado e "Segundo

Deus", o arquétipo da razão humana. O Logos é o poder vital que mantém unida toda a hierarquia dos seres criados. Como vice-rei de Deus, ele medeia a revelação para a ordem criada. Ele está na fronteira entre Criador e criatura. Ele é o sumo sacerdote que intercede com Deus em nome dos mortais. Ele apareceu na sarça ardente e habitou em Moisés. Alguns pensam que o Logos é Deus, mas ele é realmente a imagem de Deus. Embora se possa ter certeza de que o Logos não era uma pessoa para Filo, o status exato desse poder em relação a Deus não é de forma alguma claro.

Vários aspectos deste ensino foram abordados por escritores cristãos, mais notavelmente João, que ensinou que o Logos (a Palavra) é o instrumento pelo qual Deus criou o mundo (veja [Jo 1.1-4](#)). Sobre as origens desta visão, muito menos se sabe. Parece que a noção do Logos era corrente no judaísmo helenístico. Sua função no pensamento de Filo parece indicar que foram considerações filosóficas, em vez de bíblicas, que foram mais significativas em seu ensino.

Filo tinha outras visões sobre a criação. Ele acreditava que, enquanto os corpos celestes são criaturas vivas dotadas de mente e não suscetíveis ao mal, o homem tem uma natureza mista, sujeita ao fracasso. Ele pode ser tanto sábio quanto tolo, justo e injusto. Deus fez todas as coisas boas por si mesmo, mas o homem, porque é suscetível tanto ao bem quanto ao mal, deve ter sido feito por deidades menores. É por isso que somos informados por Moisés que Deus disse: "*Façamos o homem*" ([Gn 1.26](#), ênfase adicionada). No caso do homem, então, ser criado envolveu uma Queda. Aqui também há dois passos na Criação. Primeiro, há o homem criado à imagem divina, e isso é uma ideia ou tipo, um objeto apenas de pensamento, incorpóreo, nem masculino nem feminino, e por natureza incorruptível ([Gn 1.26](#)). Mais tarde, diz que "Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida" ([Gn 2.7](#)). Este homem tornou-se um objeto de percepção sensorial, consistindo de corpo e alma, homem ou mulher, por natureza mortal. A mulher tornou-se para o homem o início de uma vida censurável. Quando o homem e a mulher se viram, o desejo foi despertado, e esse desejo produziu prazer corporal. Este prazer é o início dos erros e da violação da lei. O Jardim do Éden também deve ser interpretado simbolicamente em vez de literalmente. Nunca houve árvores da vida ou de entendimento, nem é provável que alguma vez apareçam na terra. A árvore da vida significa

reverência a Deus; a árvore do conhecimento do bem e do mal significa prudência moral.

Vê-se em Filo, então, uma tendência ao dualismo em que o espírito é bom e a matéria é má, uma tendência derivada do platonismo e lida no AT. Isso levou Filo a concordar com os estóicos que o único bem é o bem da alma. Deus nos dá o mundo para usar, não para possuir. Para ascender ao mundo eterno da mente, um homem deve suprimir todas as respostas ao mundo sensível. Em geral, Filo tendia a um ascetismo que negava o mundo.

O único templo digno de Deus é uma alma pura. A verdadeira religião consiste na devoção interior em vez de aspectos externos. Nesta vida, a alma é uma peregrina, como Abraão ou como os israelitas vagando no deserto. Através da autodisciplina espiritual, a alma percebe que o corpo é um grande obstáculo à perfeição. O objetivo desta espiritualidade é aproximar-se de Deus, que atraiu a mente para si. Deus é cognoscível pela mente, mas é incognoscível em si mesmo. Podemos saber apenas que ele é, não o que ele é. Para Filo, a alma em sua busca pela perfeição acaba descobrindo que deve deixar de confiar em si mesma e deve reconhecer que a virtude é um dom de Deus. O homem que descobriu suas próprias limitações vem a conhecer Deus e sua própria dependência de Deus.

Embora Josefo tenha emprestado algo de Filo, a maior influência de Filo foi sobre os escritores cristãos. O judaísmo helenístico tornou-se menos significativo à medida que o judaísmo dos rabinos se tornou a norma durante os dois séculos seguintes. Em contraste, os cristãos dos séculos segundo e terceiro tinham muito em comum com Filo. Partes de sua obra foram traduzidas para o latim e armênio. Clemente e Orígenes, entre os pais gregos, e Ambrósio, entre os pais latinos, foram especialmente devedores a ele.

Filosofia

Filosofia significa 'amor à sabedoria'. É uma maneira de pensar cuidadosamente sobre as questões fundamentais da vida. Os filósofos buscam encontrar sabedoria, compreendê-la e explicar por que ela é importante.

Filosofia na Bíblia

A palavra 'filosofia' aparece apenas uma vez na Bíblia. No entanto, no mundo grego antigo, tanto o

judaísmo quanto o cristianismo eram vistos como tipos de filosofia. Os filósofos gregos referiam-se aos judeus como um povo filosófico porque a religião bíblica, ao contrário da religião grega, tenta explicar a totalidade da realidade e fornece orientações claras sobre como viver.

A palavra "filosofia" aparece apenas uma vez na Bíblia, em [Colossenses 2.8-10](#). Neste trecho, Paulo explica que existem dois tipos diferentes de filosofia. Um tipo segue os ensinamentos de Cristo, enquanto o outro segue a tradição humana, ou "espíritos que dominam o Universo". Paulo adverte os Colossenses a não seguirem tradições humanas vazias ou forças espirituais básicas do mundo.

Em vez disso, ele quer que eles sigam o modo de pensar de Cristo. Isso porque Cristo, que é totalmente Deus em forma humana, oferece verdadeira sabedoria. Ao contrário das forças espirituais básicas que algumas pessoas seguiam, Cristo é "o cabeça sobre todo governante e autoridade". Paulo não diz que toda filosofia é ruim. Em vez disso, ele ensina que a melhor filosofia vem de seguir os ensinamentos de Cristo, que são a base para sabedoria e filosofia.

Em contraste com os simples "espíritos elementares", Cristo é o "cabeça de todo governo e autoridade". Ele é a maior fonte de verdade e justiça. A disciplina da filosofia não é condenada, pois a alternativa ao engano e à tradição humana é a "filosofia... segundo Cristo".

A filosofia como uma forma formal de pensar começou na Grécia após o Antigo Testamento ser escrito. É por isso que não encontramos a palavra "filosofia" no Antigo Testamento. No entanto, alguns livros no Antigo Testamento são semelhantes a livros de filosofia porque ajudam as pessoas a refletir sobre as grandes questões da vida. Por exemplo, o livro de Provérbios oferece sabedoria e conselhos para viver bem. Os livros de Jó e Eclesiastes fazem perguntas importantes sobre por que as coisas acontecem e o que dá sentido à vida.

A influência do pensamento grego

A Bíblia e a filosofia pagã de sua época tinham algumas coisas em comum. Um exemplo é a ideia de mudar a forma como se vive após aceitar novas crenças. Na época em que o Novo Testamento foi escrito, as pessoas entendiam que aceitar novas crenças significava mudar todo o seu modo de vida. Chamamos esse tipo de mudança de "conversão".

Outra semelhança era a maneira como os professores compartilhavam suas ideias por meio de cartas. Antes de o Novo Testamento ser escrito, professores gregos como Platão e Isócrates escreviam cartas para explicar suas crenças e ensinar as pessoas a viver. Mais tarde, os escritores do Novo Testamento também usaram cartas para ensinar as pessoas sobre sua fé.

Durante o período em que o Novo Testamento foi escrito, a filosofia era muito prática. As pessoas estudavam filosofia para aprender a viver bem. Os filósofos também dedicavam muito tempo a refletir sobre Deus, embora tivessem ideias diferentes sobre como Deus era. Naquela época, muitas pessoas buscavam duas coisas: queriam saber como viver corretamente e desejavam conhecer mais sobre Deus.

Epicureus e estóicos

Duas filosofias específicas são mencionadas no Novo Testamento: Epicurismo e Estoicismo ([At 17.18](#)). Os epicureus seguiam um professor chamado Epicuro, que viveu em Atenas de cerca de 342 a 270 a.C. Epicuro ensinava às pessoas maneiras práticas de viver uma vida feliz por:

- Seja equilibrado em seu comportamento
- Construindo bons relacionamentos com os outros

Epicuro pensava que tudo, incluindo as pessoas, era composto por pequenas partículas materiais chamadas átomos. Ele acreditava que esses átomos se uniam por acaso e que não havia um plano divino por trás disso.

Os estóicos, assim como os epicureus, ensinavam as pessoas a viver vidas equilibradas. No entanto, tinham crenças diferentes sobre o mundo. Acreditavam que tudo acontece por uma razão e que o mundo tem um propósito. Ensinavam que esse propósito vem de algo que chamavam de Logos (ou "razão"). Acreditavam que o Logos estava em toda parte e controlava tudo.

Assim como os epicureus, os estóicos acreditavam que tudo no mundo é físico ou material — incluindo pessoas, deuses e até mesmo o Logos em si. Às vezes, eles até afirmavam que o Logos era Deus.

Quando Paulo estava em Atenas, ele provavelmente encontrou outro grupo de filósofos chamados "céuticos acadêmicos". Esses pensadores

acreditavam que os humanos não podem compreender completamente nada. Eles ensinavam que as pessoas deveriam ter cuidado ao afirmar que algo é definitivamente verdadeiro ou falso. No entanto, eles entendiam que as pessoas ainda precisam tomar decisões em suas vidas diárias. Eles também estavam muito interessados em aprender no que outras pessoas acreditavam.

A Bíblia nos diz que todos em Atenas naquela época — tanto os locais quanto os visitantes — adoravam ouvir e falar sobre novas ideias ([At 17.21](#)). Isso fazia de Atenas um lugar onde as pessoas gostavam de ter discussões profundas sobre diferentes crenças.

Mensagem de Paulo para Atenas

Como o povo de Atenas estava muito interessado em novas ideias, fazia sentido que Paulo compartilhasse as boas-novas sobre Jesus com eles. Ele conseguiu convencer algumas pessoas a se tornarem seguidores de Jesus.

Quando Paulo falou aos atenienses, ele começou encontrando pontos em comum. Ele citou dois de seus próprios filósofos:

- Epimênides, que viveu nos anos 500 a.C., disse: "Nele vivemos, nos movemos e existimos"
- Cleantes, um estóico que viveu nos anos 200 a.C., disse: "Nós somos seus descendentes"

No entanto, a maioria dos filósofos não aceitou a mensagem de Paulo. Eles estavam especialmente incomodados com duas coisas que Paulo ensinou:

25. Que Jesus era único e especial de uma maneira que nenhuma outra pessoa jamais foi
26. Que Jesus morreu e ressuscitou

Essas ideias iam contra o que os filósofos acreditavam. Eles pensavam que, quando as pessoas morriam, era o fim — não havia retorno à vida. Isso mostra como as crenças cristãs eram diferentes das outras filosofias daquela época.

Veja também Epicuristas; Estoicismo, Estóicos.

Finanças

Veja Dinheiro; Banqueiro, banco.

Fineias

27. O filho de Eleazar e neto de Arão ([Êx 6.25](#)). Ele também foi o pai de Abisua ([1Cr 6.4,50](#)). Enquanto Eleazar servia como sumo sacerdote, Fineias estava encarregado dos porteiros do tabernáculo ([1Cr 9.20](#)). Eleazar, seu pai, era encarregado dos porteiros quando Arão era o sumo sacerdote (compare [Nm 3.32](#)).

Quando os israelitas pecaram adorando Baal de Peor em Sitim, Fineias ficou muito irritado. Ele matou tanto um homem israelita quanto uma mulher midianita por causa de seu comportamento imoral ([Nm 25.7](#)). Após essa ação, Deus não estava mais irado com Israel. Deus fez um acordo especial (aliança) de paz com Fineias, prometendo que ele e seus descendentes sempre serviriam como sacerdotes ([Nm 25.11-13](#)). Este feito foi contado como justiça para Fineias por todas as gerações futuras ([Sl 106.30](#)). Exceto por um curto período, quando Eli serviu como sumo sacerdote (compare [1Sm 1-3](#); [14.3](#)), Fineias e seus descendentes serviram como sumos sacerdotes até que os romanos destruíram o templo de Jerusalém em 70 d.C.

Após o incidente com Baal de Peor, Fineias juntou-se a Israel na luta contra os midianitas ([Nm 31.6](#)). Depois que Israel tomou o controle da terra de Canaã, Fineias recebeu a cidade de Gibeá na região montanhosa de Efraim como sua herança ([Js 24.33](#)). Mais tarde, ele foi enviado com alguns líderes israelitas para questionar sobre um altar que foi construído no lado oeste do rio Jordão pelas tribos israelitas que viviam no lado leste ([Js 22.13,30-32](#)). Em outra ocasião, em Betel, Fineias prometeu a Israel vitória na batalha contra a tribo de Benjamim ([Jz 20.28](#)). Seus descendentes, Esdras, o escriba, e Gérson, retornaram com suas famílias a Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ed 7.5;8.2](#)).

28. Um dos dois filhos de Eli, que serviu como sacerdote em Siló ([1Sm 1.3](#)). De acordo com 1 Samuel, este Fineias era um sacerdote terrível. Ele e seu irmão Hofni abusaram dos sacrifícios que as pessoas ofereciam ([1Sm 2.12-17](#)). Eles desrespeitaram o santuário ([1Sm 2.22](#)). Eles ignoraram os avisos de seu pai Eli ([1Sm 2.25](#)). Um homem de Deus disse a Eli que seu filho morreria ([1Sm 2.34](#)). Mais tarde, durante uma guerra com os filisteus, Fineias foi morto no mesmo dia em que sua esposa deu à luz seu filho, que foi chamado de Icabô ([1Sm 4.11,17-19; 14.3](#)).
29. O pai de Eleazar. Este Eleazar ajudou Meremote e os levitas chamados Jozabade e Noadia a contar os metais valiosos e recipientes do templo durante o período após o exílio na Babilônia ([Ed 8.33](#)).

Firmamento

Palavra bíblica para a atmosfera sobre a terra. O significado original desta palavra refere-se ao espaço que é estendido ou expandido. Os hebreus provavelmente consideravam o "firmamento" como um céu semelhante a um vazio onde estavam as nuvens, o sol e a lua.

Durante o segundo dia da criação, Deus criou a atmosfera, ou firmamento, acima da terra. Ele fez isso para separar as águas abaixo dele das águas acima dele. Deus chamou o firmamento de céu ([Gn 1.6-8](#)). O firmamento atmosférico serve como uma área de suporte na qual os corpos celestes existem e funcionam de acordo com os propósitos para os quais Deus os criou. No quarto dia da criação, Deus criou as luzes no firmamento. Elas deveriam distinguir noite e dia, bem como ser sinais das diferentes estações. A luz maior no firmamento, o sol, controlava os dias, enquanto a luz menor, a lua, controlava as noites (v. [14-19](#)).

O termo "firmamento" é mencionado duas vezes nos Salmos como o lugar da obra de Deus ([Sl 19.1; 150.1](#)). Também ocorrendo nos livros de Ezequiel ([Ez 1.22-26; 10.1](#)) e Daniel ([Dn 12.3](#)), o firmamento está sempre relacionado à criação.

Flagelo

Veja Direito penal e punição.

Flauta

Tradução de várias palavras hebraicas que designam diferentes tipos de instrumentos de sopro tocados ao soprar através ou por um orifício. *Veja Instrumentos musicais (halil).*

Flecha

Um bastão fino e reto com uma ponta afiada, projetado para ser disparado por um arco. As flechas são frequentemente usadas para caça ou guerra.

Veja Armadura e armas.

Flor

Uma flor é a parte de uma planta que produz sementes e frequentemente possui pétalas coloridas. As flores atraem insetos ou animais, que ajudam a planta a dispersar suas sementes.

Na Bíblia, as flores às vezes são usadas para simbolizar a beleza ou a brevidade da vida (e.g. [Is 40.6-8](#)).

Veja Plantas.

Fluxo De Sangue*

1. Corrimento vaginal como o que ocorre durante a menstruação. [Lv 15](#) contém leis sociais e sanitárias que Deus deu a Moisés sobre fluxos genitais. Uma mulher com sangramento vaginal era considerada cerimonialmente impura durante o sangramento e por sete dias depois. Ela não poderia ir ao tabernáculo ou templo para cultuar enquanto estivesse impura, ou se misturar com multidões na rua ou no mercado. Qualquer um que tocasse nela ou em suas roupas, cama, cadeira e similares também seria declarado cerimonialmente impuro ([Lv 15.19-28](#)). A relação sexual não era permitida enquanto a mulher estava cerimonialmente impura. Sete dias após seu sangramento parar, uma mulher apresentaria ao sacerdote duas rolas ou

jovens pombos como ofertas para expiar o tempo de sua impureza ([Lv 15.29-30](#)).

A cura milagrosa de Jesus de uma mulher que havia estado com hemorragia (lenta ou intermitentemente) por 12 anos foi registrada em três dos quatro Evangelhos ([Mt 9.20-22](#); [Mc 5.25-34](#); [Lc 8.43-48](#)). Se seu sangramento fosse vaginal, os anos de impureza cerimonial e separação devem ter sido especialmente angustiantes para ela. Além de ser ansiosa e desconfortável, ela também teria sido incapaz de ter filhos. Além disso, ela havia “sofrido muito com muitos médicos” e “havia gasto tudo o que tinha para pagar por eles, mas ela havia não melhorado” ([Mc 5.26](#)). Em desespero, ela ignorou as regras sobre impureza e abriu caminho por uma multidão para tocar Jesus. Quando ela o tocou, o sangramento parou imediata e permanentemente.

2. Presença de sangue nas fezes. O “fluxo sangrento” (KJV) do qual o pai de Públio sofria era alguma forma de disenteria ([At 28.8](#)).

Veja também Medicina e Prática Médica; Hemorragia.

Fogo, Coluna de

Fenômeno sobrenatural da presença de Deus que guiou os israelitas no deserto. *Veja Coluna de fogo e nuvem; Peregrinações no deserto.*

Fogo, Lago de

Veja Lago de Fogo.

Fome

Uma fome ocorre quando muitas pessoas em uma área não têm comida suficiente para comer, geralmente durando meses ou anos. Durante uma fome, as colheitas não crescem, e a comida se torna muito difícil de encontrar. Isso causa grande sofrimento para as pessoas que vivem nessa região.

A fome sempre fez parte da vida humana, com outros desastres (como guerra e doença). Às vezes, havia chuva suficiente, mas outras vezes a chuva caía cedo demais, tarde demais ou em quantidade insuficiente ([Lv 26.19](#); [Am 4.7-8](#)). As pessoas no Oriente Próximo, incluindo os israelitas, acreditavam que a fome era um julgamento de

Deus. Como Deus é o Criador e Sustentador, ele controla o mundo natural. A fome não era um acidente. Quer uma fome fosse causada por falta de chuva, granizo ou qualquer outro evento, Deus era a causa.

Quais as causas das fomes no antigo Oriente Próximo?

A causa mais comum da fome era a falta de chuva. Essas fomes ocorreram no tempo de Abraão e Isaque ([Gn 12.10](#); [26.1](#)). José estava muito preocupado em sobreviver às fomes no Egito ([Gn 41-47](#)). O Rio Nilo era extremamente importante para o cultivo de alimentos no antigo Egito. O rio trazia água de regiões montanhosas distantes para irrigar as plantações. Se não viesse água suficiente pelo rio, as pessoas no Egito não teriam comida suficiente para comer.

Além da falta de chuva, a fome também pode ser causada por:

- Granizo e tempestades ([Êx 9.28](#); [1Sm 12.17](#))
- Gafanhotos e outras pragas ([Êx 10.15](#); [Am 4.9](#))
- Invasão por exércitos estrangeiros ([Dt 28.53](#); [2Rs 6.25](#); [25.3](#); [Lm 4.9-10](#))

Quando ocorreram fomes, doenças frequentemente se espalharam entre o povo ([1Rs 8.37](#); [Jr 14.12](#); [21.9](#)).

Como as fomes afetaram as pessoas na Bíblia?

Fomes afetaram a vida de muitas pessoas na Bíblia. Mudou a vida de Noemi e Rute ([Rt 1.1](#)). Deus elevou José a uma posição de poder durante uma fome. A fome também impactou a vida de:

- Davi (rei) ([2 Sm 21.1](#))
- Elias ([1Rs 17](#))
- Eliseu ([2Rs 4.38](#); [6.25](#))
- Zedequias ([2Rs 25.2-3](#))

Por que Deus enviou fomes?

Deus enviou fomes por diferentes razões:

- Para avisar ([1Rs 17.1](#))
- Para corrigir ([2Sm 21.1](#))
- Para punir ([Jr 14.12.15](#))

As fomes previstas por Jesus e pelo escritor do Apocalipse eram sinais de julgamento ([Mc 13.8](#); [Ap 18.8](#)).

Forasteiro

Um estrangeiro, forasteiro ou residente não nativo em uma região.

Veja Estrangeiro.

Forca

Estrutura vertical com uma trave e uma corda para enforcar criminosos. No livro de Ester, é mencionada uma forca, na qual homens foram empalados e deixados pendurados como desprezo. *Veja Direito penal e punição.*

Formiga

Um inseto é usado como exemplo de trabalhadores ativos que armazenam comida no verão ([Pv 6.6](#); [30.25](#)).

As formigas são mencionadas apenas duas vezes na Bíblia, ambas no livro de Provérbios. Por muitos anos, alguns culpavam Salomão por um erro biológico. [Provérbios 6.8](#) diz "prepara suas provisões no verão; recolhe seu alimento na colheita". Críticos da Bíblia apontaram que, até onde se sabia na época, as formigas não armazenam comida. Eles assumiram que Salomão provavelmente havia chutado um formigueiro. Ele confundiu as cascas dos casulos com grãos. Ou, ele viu formigas carregando pedaços de grãos, folhas e outros materiais para seus ninhos.

Pelo menos três espécies de formigas que armazenam grãos são agora conhecidas. Duas ocorrem em Israel e a outra em países mediterrâneos. A espécie específica mencionada por Salomão em [Provérbios 6.6-8](#) e [Provérbios 30.24-25](#) é provavelmente a formiga colhedora (*Messor semirufus*). Suas casas são câmaras planas conectadas por galerias. Elas estão espalhadas por uma área de cerca de 1,8 metros (seis pés) de

diâmetro e 0,3 metros (um pé) de profundidade no solo.

As sementes são coletadas do chão ou colhidas das plantas. A cabeça, a parte mais macia do grão, é mordida para evitar o crescimento. A casca e as cápsulas vazias são jogadas em pilhas de lixo fora do ninho. Os celeiros individuais podem ter 12,7 centímetros de espessura e 1,2 centímetros de altura. Sabe-se que alguns ninhos têm 12 metros de diâmetro e aproximadamente dois metros de profundidade, com várias entradas.

Fornalha

Uma estrutura de tijolo ou pedra utilizada para diversos fins, tanto domésticos quanto comerciais. Seu design incluía uma caixa de fogo, chaminé, câmara de aquecimento e abertura de acesso. Os fornos eram usados para:

- Fusão de minério
- Derretimento de minério
- Forjamento
- Queima de cerâmica
- Queima de tijolos
- Produção de cal

A Bíblia menciona diferentes tipos de fornos. O forno do oleiro, usado para fazer cal e queimar cerâmica, é mencionado em [Gênesis 19.28](#); [Êxodo 9.8.10](#); [19.18](#). Esses fornos em forma de cúpula, muitas vezes feitos de calcário, tinham uma chaminé e um buraco para combustível na parte inferior, produzindo fumaça espessa e escura.

Embora os hebreus raramente usassem grandes fornalhas de fundição, exceto possivelmente durante o reinado de Salomão, eles estavam familiarizados com elas devido ao seu uso no Líbano. Muitas referências do Antigo Testamento a tais fornalhas são simbólicas ([Dt 4.20](#); [1Rs 8.51](#); [Pv 17.3](#); [27.21](#); [Is 48.10](#); [Jr 11.4](#); [Ez 22.18-22](#)). Uma história notável envolvendo uma grande fornalha de fundição é a de Sadraque, Mesaque e Abednego em [Daniel 3](#).

A Bíblia frequentemente usa "fornalha" metaforicamente para representar a disciplina de Deus, punição ou refinamento de caráter ([Dt 4.20](#); [1Rs 8.51](#); [Is 48.10](#); [Jr 6.27-30](#); [Ez 22.18-22](#)). No Novo Testamento, "fornalha" simboliza o inferno

([Mt 13.42.50](#); [Ap 9.2](#)). A imagem do refinamento também representa as provações da vida preparando alguém para a vida após a morte ([Tg 1.12](#); [1Pe 1.7](#)).

Em [Apocalipse 1.15](#), a visão de João descreve o Filho do Homem com pés "como bronze refinado na fornalha e depois polido". Esta imagem de bronze refinado simboliza o poder de Cristo para derrotar seus inimigos.

Fornalha

Grande forno utilizado na queima de cerâmica. *Veja Cerâmica.*

Fornicação*

Impureza, imoralidade sexual. A palavra "fornicação" é usada nas Escrituras para significar várias coisas diferentes.

Seu significado geral se refere a todo tipo de relação sexual ilegal, isto é, qualquer relação sexual, exceto aquele entre um marido e uma esposa. Por exemplo, em [1Co 5.1](#) (NTLH), a palavra é usada duas vezes para se referir a um pecado que estava sendo tolerado pela igreja: um homem aparentemente estava coabitando com sua madrastra. Em uma lista de pecados terríveis em [Rm 1.29](#), o apóstolo Paulo incluiu fornicção, aparentemente pretendendo que o termo significasse todos os atos de imoralidade sexual (NTLH). Em 1 Coríntios, o contexto sugere que Paulo usou a palavra em referência a todos os tipos de atividade sexual ilícita ([6.13.18](#)). Em [1Co 7.2](#) (NTLH), Paulo usou a palavra grega plural para "fornicações" para implicar as várias maneiras pelas quais o pecado pode se manifestar. Ele deu assim uma razão pela qual as pessoas em Corinto deveriam se casar e viver juntas corretamente. Um dos pecados incluídos no sentido geral da palavra é o adultério.

"Fornicação" também tem um senso mais limitado de atividade sexual imoral entre pessoas solteiras. Tal significado está implícito nessas listas bíblicas onde tanto a fornicção quanto o adultério se juntam. A lista de Jesus dos pecados contaminantes que procedem do coração de uma pessoa inclui "fornicação" e "adultério" ([Mt 15.19](#); [Mc 7.21](#)). A lista de Paulo desses pecadores que não herdarão o reino de Deus também contém tanto os fornicadores quanto os adúlteros ([1Co 6.9](#), NTLH).

“Fornicação” em [Mt 5.32](#) e [19.9](#) (como traduzido pela NTLH) é geralmente tomada por estudantes bíblicos hoje para se referir especificamente ao adultério (veja NTLH). A tradução de porneia tem a ver com interpretação, em vez de tradução. Os estudiosos discordam sobre se a frase citada por Jesus relativa ao divórcio tem a ver com fornicção em um sentido geral ou limitado. Ele poderia ter se referido apenas ao adultério, ou ele poderia ter estado incluindo geralmente com outros pecados sexuais.

Um uso figurativo da palavra “fornicação” aparece tanto no AT quanto no NT. Originando-se nas descrições de Israel e da igreja como a esposa do Senhor ou a noiva, a apostasia de Deus e idolatria são chamadas de fornicção (veja, p. ex., [Jr 2](#)). [Ezequiel 16](#) usa infidelidade aos votos de casamento como um símbolo do relacionamento rebelde de Jerusalém com Deus. Jerusalém havia se tornado uma “esposa infiel” a ele. Os primeiros três capítulos de Oseias usam o relacionamento do profeta Oseias e sua esposa infiel, Gômer, como uma ilustração de como a nação de Israel havia se tornado culpada de fornicção contra seu “marido”, o Senhor, indo atrás de outros deuses. No livro de Apocalipse, o uso figurativo de “fornicação” e “paixão impura” é atribuído à Babilônia, a grande mãe das prostitutas ([Ap 14.8](#); [17.2-4](#); [18.3](#); [19.2](#)).

Veja também Adultério.

Forte, Fortificação

Um forte é um edifício ou local projetado para defesa. Uma fortificação é qualquer estrutura construída para proteger um local durante o ataque. Nos tempos antigos, as cidades eram protegidas por muros, fortes centrais (chamados de cidadelas) e, às vezes, por fossos profundos cheios de água.

Cidades fortificadas

As fortificações seguiam a paisagem natural da área que circundava uma cidade. As defesas das cidades antigas eram simples. Elas eram feitas amontoando terra contra as paredes e estruturas externas, o que dificultava a aproximação e entrada das forças inimigas na cidade. Ao construir uma cidade, as pessoas procuravam lugares que fossem naturalmente fáceis de defender, preferindo locais altos, como colinas íngremes ou áreas isoladas que ofereciam proteção natural.

As pessoas também construíram cidades em locais com abundância de água, acesso a vias navegáveis para viagens ou no cruzamento de estradas importantes. No entanto, esses locais eram mais difíceis de defender, então construir muralhas e defesas fortes exigia mais tempo e dinheiro.

Materiais de construção

As pessoas construíam fortificações usando qualquer material que pudessem encontrar, como pedras quebradas, rochas soltas e terra compactada. Elas cobriam esses materiais com uma camada espessa de argila ou gesso para ocultar o que estava por baixo. Isso tornava mais difícil para os inimigos saberem quão fortes as paredes realmente eram. Na frente das paredes, cavavam valas profundas ou fossos, às vezes cortando-os na rocha sólida. Essas valas dificultavam que os inimigos se aproximassem das paredes ou cavassem túneis por baixo delas.

Torres

As pessoas construíam torres nas partes mais vulneráveis das muralhas, como cantos, portões e locais onde a água entrava na cidade. Essas torres fortaleciam as defesas. Dentro de cada torre havia escadas e salas onde os soldados permaneciam para proteger a cidade. Vigias especiais nas torres alertavam a todos quando percebiam o perigo se aproximando.

Portas

Os portões da cidade eram muito resistentes. Eles eram feitos com barras e ferrolhos grossos de bronze ou ferro. Cada portão pendia em postes robustos que estavam fixados no chão abaixo e na viga acima da entrada. Para tornar os portões ainda mais difíceis de romper, as cidades frequentemente tinham vários portões, um atrás do outro. Entre esses portões, havia salas onde os guardas ficavam.

Como as fortificações evoluíram ao longo do tempo?

Escavações arqueológicas de antigos fortes mostram como os métodos de construção melhoraram ao longo do tempo, desde os começos simples até a época de Jesus. Os primeiros fortes foram construídos com tijolos básicos e pedras brutas. As pedras usadas nas paredes eram de tamanhos e formas diferentes e não eram cortadas suavemente. Os construtores preenchiam as lacunas entre as pedras com pequenas rochas e pedaços de calcário.

Mais tarde, os construtores aprenderam a fazer um material de cobertura forte (chamado argamassa) para aplicar sobre as paredes. Isso tornou as paredes mais resistentes. Somente muito tempo depois, durante a época em que o povo judeu governava sua terra, os construtores começaram a usar pedras cuidadosamente cortadas e moldadas.

Deus como uma fortaleza

A Bíblia frequentemente compara Deus a uma fortaleza ou torre alta. Isso nos ajuda a entender como Deus protege aqueles que confiam nele. Os profetas ensinaram que a verdadeira força da nação vinha de Deus, não de paredes de tijolos e pedras. Eles disseram ao povo para confiar em Deus como seu lugar seguro ou refúgio ([2Sm 22.2-3.33](#); [Pv 10.29](#); [Is 25.4](#); [Jr 16.19](#); [Os 8.14](#); [Jl 3.16](#); [Na 1.7](#)).

Consulte também Guerra; Cidade; Torre de Vigia.

Fortunato

Membro da igreja em Corinto. Fortunato é um nome próprio romano escrito em grego e encontrado apenas uma vez no NT ([1Co 16.17](#)). Paulo se alegrou que ele, junto com Estéfanos e Acaico, tenha vindo estar com ele em Éfeso. O Textus Receptus tem um subscrito nomeando esses três homens como os portadores da carta de Paulo aos Coríntios.

Fórum

Área aberta nas cidades romanas usada para comércio, assuntos políticos e questões judiciais. O fórum geralmente situava-se em terreno plano, tinha forma retangular e era cercado por templos, tribunais, colonatas e outros edifícios públicos.

O Fórum de Ápio servia como ponto de parada para viajantes na Via Ápia, localizado a aproximadamente 70 quilômetros ao sul de Roma, onde Paulo encontrou cristãos de Roma enquanto seguia para a capital sob guarda ([At 28.15](#)).

Os fóruns mais importantes eram aqueles localizados na cidade de Roma. Estes foram construídos em diferentes momentos de sua história, e os fóruns existentes foram modificados através de construções contínuas. A cidade de Roma, onde Paulo foi julgado, contava com vários fóruns, incluindo o de Júlio César (iniciado por ele

e concluído por Augusto) e o de César Augusto. O mais importante era o Fórum Romano, centro do mundo na época de Paulo. Situava-se entre as duas colinas centrais das sete colinas sobre as quais Roma foi edificada. Possuía numerosas colunas, estátuas, obras de arte e edifícios relevantes para a vida política e religiosa do império.

Se Paulo tivesse sido levado diretamente para a cidade pelo centurião responsável, teria passado pelo arco triunfal de Augusto, pelo templo de Castor e Pólux, e pelos templos dedicados a Júlio e Augusto para o culto ao Imperador. Ao chegar ao Fórum Romano propriamente dito, ele teria notado a noroeste o famoso centro ideal da cidade (e assim do império), e a sudoeste o marco dourado, indicando distâncias para lugares tão distantes quanto Londres a oeste e Jerusalém a leste. Ao fundo estava o templo de Júpiter, principal deus do panteão romano. No lado sul havia um grande edifício público, a Basílica Júlia, concluída em 12 d.C., o provável local da pronúncia da sentença de morte de Paulo. No lado norte estava a Basílica Emília, um edifício do qual colunas de mármore foram retiradas e usadas na construção de uma igreja sobre o local tradicional do túmulo de Paulo. Essa igreja foi concluída em 398 d.C. e permaneceu por 1.400 anos.

Vea também Ápio, Fórum de.

Franja

A borda de uma vestimenta, ou um “decote”. Os homens judeus usavam quatro franjas em suas vestes superiores porque Deus os ordenou a fazer isso ([Dt 22.12](#)). Essas franjas serviam como lembretes das leis de Deus.

Fraqueza

Vea Enfermidade; Medicina e prática médica.

Frígia

Área no oeste da Turquia, no planalto da Anatólia, cujas fronteiras não podem ser definidas com precisão. Os frígios eram originalmente europeus, chamados de frígios pelos gregos, que cruzaram o Helesponto vindos da Macedônia e da Trácia e se estabeleceram aqui. Esta migração seguiu o padrão geral de invasões da Europa para esta região da

Ásia Menor. Os frígios formaram uma poderosa confederação que floresceu entre a queda do Império Hitita e a ascensão do Império Lídio, ou seja, entre os séculos XIII e VII antes de Cristo.

A capital religiosa deles estava em "Cidade de Midas", a moderna Yazilikaya, cerca de 241 quilômetros a sudoeste de Ancara. Esta "cidade de Midas" consistia em uma acrópole, defendida por uma muralha com torres, e uma cidade baixa. Dentro de uma grande caverna havia uma fonte, acessada por degraus cortados na rocha, que fornecia água para as cidades alta e baixa. O famoso túmulo ou monumento do Rei Midas tem uma inscrição frígia que menciona a deusa "Mida", identificada com Cibele, a deusa mãe, considerada a mãe mítica do rei. Arqueólogos franceses em 1948-49 descobriram vestígios que indicam que a cidade foi destruída no século VI a.C., reconstruída cerca de um século depois e finalmente destruída no século III a.C.

Sua principal deusa era Cibele. Ela mais tarde se tornou a deusa da fertilidade de toda a Anatólia. Ritos orgiásticos eram realizados em sua honra, levando à sensualidade destinada a facilitar a reprodução entre humanos, animais e colheitas. Quando os jônios e os gregos se estabeleceram em Mileto e Éfeso, Cibele foi transformada em Ártemis, a deusa grega da fertilidade, cujo templo em Éfeso era uma das sete maravilhas do mundo. Sua imagem originalmente era uma pedra de meteorito negra (cf. [At 19.35](#)). Ela se tornou a consorte de Adônis, um deus da vegetação, e seus ritos de fertilidade eram comuns em todo o Oriente Médio. Esta deusa foi importada para Roma; um templo em sua honra foi construído no Monte Capitolino logo após a organização do império.

Tribos gaulesas invadiram a região cerca de três séculos antes de Paulo. Isso alterou a situação demográfica, resultando em divisões políticas, geográficas e étnicas que nem sempre coincidiam. O que antes era Frígia passou a ser conhecido como Galácia devido aos novos habitantes. No entanto, os nomes antigos persistiram.

Os judeus foram incentivados a se estabelecer nesta área pelos reis sírios. Eles eram uma parte importante da sociedade, e suas sinagogas podiam ser encontradas em todas as principais cidades. Paulo passou por esta área em seu caminho de Licônia para Trôade ([At 16.6](#)) depois de ter sido proibido pelo Espírito Santo de falar a palavra de Deus na Ásia. O evangelho provavelmente chegou a esta área através dos peregrinos que foram a Jerusalém e ouviram Pedro pregar. Lá, para seu

espanto, ouviram os primeiros crentes proclamando as obras de Deus em sua própria língua nativa ([2.8-11](#)). Alguns se converteram e voltaram para casa para espalhar as boas-novas.

O cristianismo fez incursões precoces e recebeu uma ampla adesão aqui, como indicado pelo fato de que, no meio do segundo século, Montano, um líder zeloso da igreja, surgiu e chamou a igreja de volta ao dinamismo primitivo que caracterizou o Pentecostes. Assim, surgiu a seita do Montanismo, na qual o líder às vezes era visto como a encarnação do Espírito Santo ou o oráculo de Deus. Em uma perspectiva mais favorável, o movimento é visto como um retorno ao cristianismo primitivo e um protesto contra o formalismo crescente entre as igrejas. No terceiro século, toda a região era quase inteiramente cristã, segundo Eusébio.

Frontal

Uma tradução de uma palavra hebraica refere-se a qualquer coisa amarrada na testa ([Êx 13.16](#); [Dt 6.8](#); [11.18](#)). Os filactérios (caixas de couro) do tempo de Jesus ([Mt 23.5](#)) eram usados diariamente na oração matinal por todo israelita do sexo masculino com mais de 13 anos. Eles consistiam em quatro passagens das Escrituras ([Êx 13.1-10](#); [13.11-16](#); [Dt 6.4-9](#); [11.13-21](#)) escritas em pergaminho e colocadas em pequenas caixas de couro amarradas na testa e no braço esquerdo. Os filactérios podem ter sido os pergaminhos ou as caixas de couro. Não há provas que sugiram que os israelitas fizeram filactérios durante o tempo de Moisés. Os comandos provavelmente não eram literais. Eles visavam mostrar o valor memorial da Festa dos Pães Asmos e a importância da Lei na vida do povo. Para os fariseus, obedecer visivelmente à Lei substituiu a necessidade de aplicar a Palavra de Deus ao coração ([Mt 23.5](#)).

Veja também Filactério; Amuleto.

Fruta

Veja Alimentos e preparação de alimentos; Plantas.

Fruto do Espírito

Uma expressão de [Gálatas 5.22-23](#). De acordo com esta passagem, quando o Espírito Santo guia e

dirige a vida de alguém, essas qualidades (o "fruto do Espírito") se tornam visíveis.

O que é o fruto do Espírito?

O fruto do Espírito listado em [Gálatas 5](#) é:

- Amor
- Alegria
- Paz
- Paciência
- Delicadeza
- Bondade
- Fidelidade
- Humildade
- Domínio próprio

"Amor" não é necessariamente uma emoção, mas um tipo de ação altruísta e generosa. Deus exemplificou essa ação ao amar o mundo a ponto de *dar* seu único Filho ([Jo 3.16](#)).

"Bondade" é traduzida de uma palavra grega que inclui a ideia de generosidade.

A palavra "fé" geralmente significa confiança ou crença em alguém ou algo. A palavra também pode se referir às causas que produzem confiança e fé — fidelidade e confiabilidade. Esta palavra demonstra tanto fidelidade quanto confiabilidade, que são sinais de que o Espírito Santo está guiando a vida de alguém.

"Autocontrole" significa ser capaz de controlar suas ações e comportamentos.

O fruto do Espírito na vida cristã

O Espírito deve ser responsável por este fruto. Como essas qualidades são fruto do Espírito, elas não podem ser produzidas por legalismo e obediência à lei.

Em Gálatas, Paulo enfatiza a liberdade cristã da obediência à lei como meio de ser justificado (feito justo) diante de Deus. Esta discussão fornece o contexto para o fruto do Espírito. Paulo advertiu os cristãos gálatas que se circuncidar demonstrava que eles estavam tentando ganhar a aceitação de Deus seguindo regras religiosas. Ninguém pode ser feito justo diante de Deus apenas seguindo regras religiosas ([Gl 5.3](#)).

Os Gálatas podem ter entendido mal sua liberdade e pensado que poderiam fazer o que quisessem. Mas Paulo explicou que estar livre das regras religiosas não significa que podem pecar livremente. Em vez disso, significa que podem servir uns aos outros com amor (v. [13](#)). Viver no Espírito significa que alguém não viverá para satisfazer os desejos da carne (v. [16](#)).

Paulo então compara duas maneiras de viver: seguir desejos egoístas ou seguir o Espírito. Quando o Espírito guia alguém, essa pessoa demonstra amor, alegria, paz, paciência, bondade, gentileza, fidelidade, humildade e domínio próprio. Esses não são dons do Espírito. Em vez disso, são graças — virtudes de Deus que aparecem na vida de alguém quando o Espírito Santo a guia.

Furúnculo

Uma área inflamada de inchaço na pele. Na medicina moderna, um "furúnculo" é um inchaço cheio de pus, causado por germes infecciosos, geralmente *estafilococos*. O pus é uma mistura de germes e glóbulos brancos, que são a defesa do corpo contra os germes. Embora dolorosos, os furúnculos geralmente cicatrizam naturalmente após romperem ou serem abertos. Um furúnculo mais severo com várias aberturas é chamado de *carbúnculo*. Se a infecção for mais profunda e atingir órgãos ou tecidos internos, é chamada de *abscesso* e pode até ser fatal.

Na Bíblia, a palavra traduzida como "furúnculo" provavelmente se referia a uma variedade de doenças de pele. A sexta praga que Deus infligiu ao Egito através de Moisés e Arão foi uma praga de furúnculos ([Êx 9.9-11](#); [Dt 28.27,35](#)) ou bolhas. Furúnculos ou erupções cutâneas de um certo tipo foram descritos nas leis mosaicas sobre saúde e limpeza como um sinal de lepra ([Lv 13.1-8,18-23](#)). Os "terríveis furúnculos dos pés à cabeça" de Jó ([Jó 2.7-8,12](#)) provavelmente eram muito disseminados para serem chamados de furúnculos no sentido moderno. Ele pode ter tido:

- Varíola;
- Psoríase;
- Lepra tuberculóide;
- Alguma outra doença que causou coceira intensa.

A ferida do rei Ezequias provavelmente era uma do grupo de furúnculos ([2Rs 20.1-7](#); [Is 38.21](#)).

Veja Medicina e prática médica; Doença; Pragas sobre o Egito.

Fute

1. Ortografia da NVI de Pute, o terceiro filho de Cam, em [Gênesis 10.6](#). Veja Pute (Pessoa).

2. Ortografia da NVI de Pute, uma região próxima ao Egito ao longo do Mar Mediterrâneo, em [Ezequiel 27.10](#). Veja Pute (Lugar).

Futilidade

Um sentimento ou estado de não ter propósito ou significado. Futilidade descreve ações que são inúteis ou que não podem ter sucesso.

Futilidade no Antigo Testamento

A palavra "futilidade" aparece muitas vezes no livro de Eclesiastes ([1.2,14](#); [2.1,11,15,17](#); e assim por diante). A palavra hebraica original (*hevel*) é difícil de traduzir para o português porque tem muitos significados. *Hevel* é tradicionalmente traduzido como " vaidade". Isso é encontrado em muitas traduções mais antigas, mas foi substituído em versões mais novas por outras palavras. Essas versões tentam capturar de forma mais criativa o significado de *hevel*.

Em algumas traduções, a ideia é "inutilidade" (veja a Nova Versão Internacional). Outras versões traduzem *hevel* como " vaidade" (veja a Almeida Revista e Corrigida). Ainda outras versões traduzem *hevel* como " ilusão" (veja a Nova Tradução na Linguagem de Hoje). Uma das melhores traduções é encontrada na Nova Versão Internacional "Que grande inutilidade!", diz o Mestre. "Que grande inutilidade! Nada faz sentido!" ([Ec 1.2](#)).

O autor de Eclesiastes (chamado de *koheleth* em hebraico, que é traduzido como "o Orador" ou "o

Pregador") ensina que tentar encontrar felicidade duradoura sem Deus é como tentar pegar o vento. Isso não pode ser feito. As pessoas só podem encontrar verdadeiro significado e alegria duradoura em Deus, pois é Ele quem dá propósito à vida.

Futilidade nas epístolas de Paulo

O apóstolo Paulo utiliza duas palavras gregas que muitas vezes significam a mesma coisa. Essas palavras (*kenos* e *mataiotes*) comunicam a ideia de futilidade. Elas são frequentemente usadas juntas na Septuaginta (e.g., [Ió 20.18](#); [Is 37.7](#); [Os 12.1](#)). As palavras também ocorrem no grego clássico e helenístico. *Mataiotes* é o termo usado na Septuaginta. Quando Paulo usa *kenos*, ele se refere a algo que é vazio e oco (coisas que não têm propósito real). Quando ele usa *mataiotes*, ele se refere a algo que é inútil e não pode alcançar seu objetivo.

Quando Paulo usa a palavra *kenos*, ele descreve coisas que estão vazias porque lhes falta substância espiritual. Essas coisas vazias não podem produzir nada de bom, como um recipiente sem nada dentro. Paulo usou essa palavra para descrever os falsos ensinamentos de pessoas que tentavam enganar os crentes com ideias erradas sobre Deus ("conversa vazia" em [1Tm 6.20](#); veja também [Cl 2.8](#); compare [Ef 5.6](#)).

Paulo era diferente. Ele afirmou que seu ensino e trabalho não eram vazios ou fúteis porque tinham um propósito real ([1Co 15.14](#)). Ele fez a mesma afirmação sobre seu trabalho entre os crentes ([1Ts 2.1](#)). Paulo garantiu que seu trabalho não era inútil ([Gl 2.2](#); [1Ts 3.5](#)). Isso porque ele não havia recebido a graça de Deus "em vão" ([1Co 15.10](#)). Ele não pregava e trabalhava sem propósito. Sua pregação e trabalho tinham um propósito real porque Jesus, que ressuscitou dos mortos e sobre quem Paulo ensinava e servia, havia enchido Paulo com a vida e o poder de Deus (v. [14](#)).

O uso de Paulo de *mataiotes* foi provavelmente influenciado pela Septuaginta, especialmente em Eclesiastes. O adjetivo *mataios* era regularmente usado na literatura grega para descrever o que é sem valor ou vazio. O substantivo *mataiotes* é encontrado principalmente na Bíblia. Na Septuaginta, muitas vezes descreve inutilidade, falta de valor e futilidade.

[Romanos 8.20](#) descreve de uma maneira única o tipo de futilidade que Eclesiastes caracteriza. Paulo diz: "a criação foi sujeita à futilidade". Ele está

focando em como a criação é incapaz de funcionar como Deus originalmente planejou. Quando Adão e Eva pecaram, Deus colocou a terra sob uma maldição por causa deles. Desde então, a criação não pode mostrar plenamente a glória de Deus porque está presa nesse estado quebrado. Mas isso é apenas até que Deus liberte a criação de sua escravidão. A humanidade redimida deve liderar, então a criação se juntará à humanidade na redenção final e também será libertada de *mataiotes* (futilidade).

Paulo também usa a palavra *mataiotes* para descrever como as pessoas pensam quando estão separadas de Deus. Ele diz que até mesmo os pensamentos daqueles que parecem sábios são, na verdade, sem sentido ([1Co 3.20](#)). Ele descreve os gentios (pessoas não-judaicas) como aqueles que vivem “na futilidade de seus pensamentos” porque “eles estão obscurecidos em seu entendimento e alienados da vida de Deus por causa da ignorância que há neles devido à dureza de seus corações” ([Ef 4.17-18](#)).

Quando as pessoas vivem sem a sabedoria de Deus, seus pensamentos não têm propósito real e não levam a lugar algum. Mas há esperança. As pessoas podem ser libertadas dessa maneira sem sentido de pensar. Agora, a salvação de *mataiotes* vem do Espírito de Cristo que habita no cristão (veja [Rm 8.10-11,26,27](#)). No futuro, a salvação virá quando Cristo retornar e os crentes (junto com toda a criação) receberem sua plena redenção (veja [Rm 8.22-25](#)).